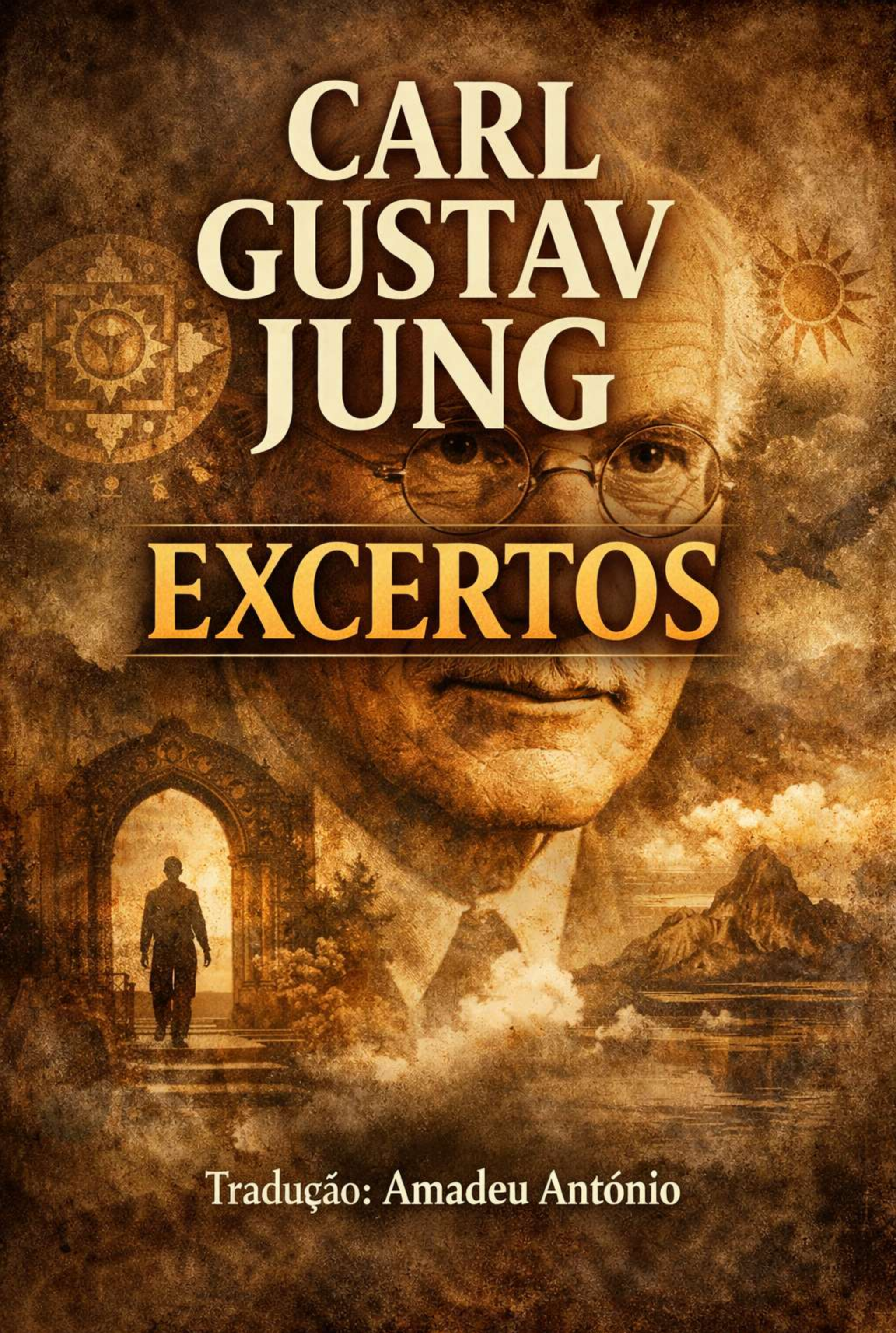
CARL GUSTAV JUNG

EXCERTOS



Tradução: Amadeu António

JUNG E A INDIVIDUAÇÃO

Individuação é conceito geral da psicologia analítica com o qual se entende genericamente o devir da personalidade, e em particular o processo da transformação contínua de uma individualidade que vem psiquicamente a constituir-se em referência a uma substância comum ou coletiva.

O termo foi tirado da filosofia em que foi usado para indicar a constituição da individualidade a partir de uma substância comum, motivo pelo qual a individuação atribui um caracter privilegiado à substância, que existiria de algum modo antes e para além dos próprios indivíduos. Na verdade, o termo surgiu para responder a uma pergunta que soa mais ou menos assim: "O que torna uma substância comum esta substância específica?"

Antes que tal questão fosse superada e o problema originário fosse fundamentalmente negado, três foram as respostas fundamentais: a) a individualidade depende da matéria das coisas; b) a individualidade depende da forma; c) a individualidade depende da matéria, da forma e da sua composição.

A primeira solução para a qual o princípio da individuação é a matéria, foi dada pelo filósofo que viveu por volta do ano 1000 que, com o nome de Avicena ficou conhecido no Ocidente latino por ter conseguido coordenar os princípios médicos de Hipócrates e Galeno com as teorias biológicas de Aristóteles.

Para são Tomás o princípio da individuação é representado pela matéria comum quando ela é marcada, isto é, considerada, como ele diz, "sob determinadas dimensões," isto é, o homem é este homem enquanto unido a um corpo que o determina no espaço e no tempo.

Considerando a vontade como substância comum a todos os homens, a mesma resposta dará na era moderna Schopenhauer.

A segunda solução para a qual a individualidade depende não apenas da matéria das coisas mas também (e sobretudo) da sua forma, foi adotada por Boaventura, o expoente máximo da escola filosófica franciscana. Este, considerando a forma como a essência que restringe e define a matéria a determinado ser, propunha que o princípio da individuação fosse buscado na comunicação que deve subsistir entre forma e matéria, razão pela qual na expressão "o indivíduo é este algo," o "este" remete à matéria e o "algo" à forma.

A terceira solução é a do filósofo e teólogo inglês Duns Scoto, o qual afirma que entre indivíduos da mesma espécie intercorrem ligações que se exprimem na sua natureza comum composta de matéria e forma, justamente a partir das quais é possível chegar à singularidade (e, portanto, a esse "algo") mas através de um incremento de tipo formal que ele denominou "essidade" ou "estidade." Tal realidade última, ou seja, a que ele chama propriamente de "entidade positiva," representa justamente a determinação, última e positiva tanto da matéria quanto da forma, quanto, finalmente da composição destas. Nesta perspetiva o indivíduo resulta portanto, caracterizado pela complexidade e pela riqueza das suas determinações e não tanto da sua simplicidade.

Jung utiliza esse termo exatamente para problematizar o antigo pressuposto de que a constituição da individualidade seja dada a partir dos elementos comuns. Destes ele não aceita uma prioridade ontológica da substância comum e fundamental, e busca para eles uma solução de tipo epistemológico. Em todo o caso, ele considera a natureza psíquica individual e a comum ou coletiva numa relação de mútua inclusão e de recíproca remitência, e para designar tudo isso utiliza a expressão "processo de individuação," entendido como a articulação de dois

subprocessos complementares que são chamados *diferenciação* e *integração*.

O primeiro subprocesso indica, em geral, tanto a distinção de uma parte psíquica em relação a uma outra e a um todo (com o qual, por assim dizer, estavam inconscientemente identificados), quanto o desenvolvimento da parte, ou melhor, a ulterior diferenciação das diferenças que tinham sido obtidas no próprio ato distintivo. De um modo igualmente geral, o segundo subprocesso designa ao invés a conexão das partes psíquicas entre si e a sua conexão com um todo não sintético (isto é, com um todo que, por assim dizer, relembre ou esteja consciente de ser constituído de partes diferentes que, em certo sentido, permitiram a sua composição).

Em particular o termo "diferenciação" remete ao problema psicológico fundamental da constituição do outro diferente de si próprio e da determinação qualitativa da alteridade* *(Conceito que parte do pressuposto básico de que todo homem interage e interdepende do outro. Os antropólogos e cientistas sociais afirmam que a existência do eu individual só é permitida mediante um contacto com o outro, que redunda na premissa de que eu só existo a partir do outro, o que assenta numa redundância que procede da lógica, mas que não cumpre aqui esmiuçar).*

O termo "integração" remete ao invés, a outro problema psicológico fundamental, que é o da relação entre dois elementos que, mesmo na sua interação, permanecem essencialmente distintos. Além disso, uma vez que entre os dois subprocessos subsiste uma relação de complementaridade, o processo de individuação conduz ao problema da relação entre a "parte e o "todo," e fundamentalmente trata parte e todo como se estivessem numa relação de mútua inclusão e de recíproca remitência, isto é, a diferenciação remete à integração e vice-versa, e isso porque duas "coisas" podem diferir entre si à medida que é possível que

elas próprias se refiram a uma terceira que, transcendendo-as, contemporaneamente as associa e integra.

Dessa forma, todo ato de determinação da alteridade tem sentido em referência a um ato simultâneo de determinação da identidade, isto é, diz-se que A é outro e, portanto, diferente de B enquanto foi determinado que têm em comum C, que é o outro algo ainda pelo qual podem também diferir.

Para além do caracter substancial, convencional e empírico de tais determinações complementares de identidade e de diferença, a individuação, por meio da diferenciação, representa a passagem do plano psíquico (e, portanto, não apenas do plano intelectual) à diferença de uma parte singular tanto em relação a outra parte como em relação ao todo igualmente. E isso sucede quando uma parte tenha podido tomar literalmente "visão" da identidade inconsciente ou confusão em que se encontrava com a outra parte e com o todo, quando porém ela tenha igualmente podido tomar visão do seu *isolamento* inconsciente.

Portanto, a diferenciação individuativa indica a passagem à independência e à autonomia da parte, quando se torna possível a referência representativa do estado originário de indiferenciação psíquica e à sua consequente ineficaz dependência e heteronomia** *(Conceito básico relacionado com o Estado de Direito, em que todos se devem submeter à vontade da lei. Foi criado por Kant para denominar a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros, ou à coletividade, e se opõe ao conceito de autonomia, onde o ente possui arbítrio e pode expressar sua vontade livremente)* em relação a outro diferente de si próprio e ao todo.

A integração individuativa indica, ao invés, uma passagem à dependência e à heteronomia da parte, quando se tornar possível a referência, neste caso, ao estado originário de oposição e de conflito e,

portanto, de ineficaz independência e autonomia em relação ao outro diferente de si próprio e ao todo.

Através da doutrina da individuação são fundamentalmente atribuídas à sique as seguintes características:

1) a característica da *possibilidade* no plano dos significados, que se entrelaça com a necessidade no plano biológico;

2) a característica da *excecionalidade* no plano normativo, que deve ser mantido distinto do plano do elitismo;

3) a característica da *individualidade* e da *coletividade*, e não tanto do individualismo e do coletivismo;

4) a característica da *criatividade*, que é ao mesmo tempo evolutiva e involutiva (ou então construtiva e destrutiva), e por isso diferente das características puramente evolutiva ou progressiva que for a veiculada pelas correntes evolucionistas. Além disso, a noção oscila entre a característica natural e a artificial.

A individuação tem a característica da excecionalidade e não do elitismo, no sentido de que diz respeito a cada homem e não tanto apenas a alguns. Na conceção de Jung o processo de individuação assume mais precisamente a característica de lei excecional, porque a lei psicológica concerne de vez em quando a pessoa única que é sua depositária e portadora. A este respeito é atribuído `à individuação o significado de lei ou caminho privilegiado, isto é, a individuação deve ser entendida como lei inderrogável, mas enquanto este assim chamado "destino" se refere ao encontro privado particular com a própria singularidade, deve também ser entendido como lei específica do indivíduo (excecional no sentido de particular). Apesar disso, se a individuação assume a curvatura do privilégio, este não deve ser

entendido no sentido corrente de tarefa aristocrática e elitista originário de lei que se refere a cada um e, portanto, diz respeito a todos enquanto indivíduos singulares.

Com a doutrina da individuação Jung critica o postulado da coincidência, de uma vez por todas, dos interesses do indivíduo com os interesses comuns ou coletivos e, portanto, propõe ao homem o problema de que a cada vez seja encontrada uma coincidência substancial dos seus interesses enquanto indivíduo com os de membro pertencente à comunidade social. Em relação a isso, Jung interpreta o individualismo como o resultado historicamente possível e uma reação à originária e inconsciente identidade coletiva (de massa) ou universal (interna ou externa) e a um não-reconhecimento das determinações universais que constituem a natureza comum:

"A individuação (…) significa precisamente e realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como combinação única, ou como diferenciação gradual de funções e faculdades que em si e por si mesmas são universais."

A individuação, com os seus subprocessos e as características das quais antes se falou, Jung a observa fundamentalmente a partir de dois níveis:

1) ao nível *subjetivo* (interior ou intrapsíquico) e, portanto, considerada em relação aos elementos, às funções e às estruturas da psique que chegam a diferenciar-se a ponto do Eu e da consciência poderem operar o fastidioso encontro — fastidioso mas indispensável

para a integração do inconsciente — com as componentes inconscientes da personalidade

2) ao nível *objetivo* ou *intersubjetivo* (relacional ou interpsíquico) e, portanto, é considerada a diferenciação da individualidade em relação a um estado de identidade com o outro, e a consequente integração ou interação entre indivíduo e indivíduo e entre indivíduo e grupo.

Em ambos os níveis, fala-se, pois, de individuação como distinção e integração, e em particular se faz referência à diferenciação-integração, respetivamente entre Eu e Si-mesmo e entre Eu e o mundo. De outro ponto de vista, os dois níveis de individuação correspondem à diferenciação e ao desenvolvimento do lado espiritual e do moral.

Mas, uma vez que entre esses dois níveis e as duas diferentes aceções subsiste uma relação de contemporaneidade, e uma vez que a sua distinção resulta ser o produto da perspetiva com que são observados (Jung escreveu que um não pode subsistir sem o outro, embora seja um, ora o outro desses aspetos que prevalece)

A individuação observa-se ainda num outro nível:

3) ao nível *sujeito-objeto*, isto é, ao nível do que resulta ser o confim entre o primeiro e o segundo nível do qual se falou. Sobre este plano, a individuação chega a ser representada por um limiar que, de um lado, é intermédio entre o Si-mesmo e o mundo, e por outro, é aquele "algo" mediante o qual os dois objetos chegam a se constituir como separados e unidos ao mesmo tempo. Mas, uma vez que não é considerada uma entidade metafísica e metapsicológica e, portanto, jamais e de nenhum modo, externa ao próprio processo individuativo,

4) ao nível prospetivo, em que a individuação é mais o próprio olhar com que toda vez nós olhamos nós mesmos e o mundo, e assim fazendo

os constituímos como elementos cognitivos e afetivos e, portanto, psiquicamente significativos.

RETORNO À VIDA SIMPLES

(Diálogo tido em 1941, livro A Vida Simbólica II)

Pergunta: O que pensa do retorno do povo Suíço a uma vida simples?

O retorno à vida simples pode ser considerado uma felicidade inesperada, ainda que tal 'retorno' exija não pouca renúncia e não seja assumido de boa vontade. Graças às melhorias nos média e ao sensacionalismo barato oferecido pelo cinema, rádio, jornais e milhares de 'entretenimentos' de toda a sorte, a vida humana do passado recente aproximou-se a largos passos de um estado que não mais se diferenciava da agitação Americana. No tocante aos divórcios, Zurique já alcançou o recorde Americano. Todos os meios para economizar tempo e outras comodidades, paradoxalmente não economizam tempo; só servem para ocupar o tempo disponível de tal forma que não sobre pressa para mais nada. Disso resulta forçosamente uma pressa febril, superficialidade e fadiga nervosa com todos os sintomas concomitantes como ânsia por estímulos, impaciência, irritabilidade, vacilação, etc. Este estado pode levar a várias coisas, mas não a uma cultura maior do espírito e do coração...

A cultura é essencialmente continuidade e conservação do passado, ao passo que a mania da novidade produz anticultura e termina em pura barbárie. O resultado disso é que eventualmente uma nação inteira venha a ansiar por aquela cultura que ela quase (ou inteiramente) perdeu devido à ilusão de melhores condições no futuro (que raramente ou nunca aconteceram.) Infelizmente o nosso mundo, e respetivamente a

estrutura moral da humanidade são constituídos de tal forma que nenhum progresso e nenhuma melhoria são suficientemente bons para não permitirem que mais cedo ou mais tarde sobrevenha o abuso que transforma a bênção em maldição. Poderá alguém afirmar seriamente eu as nossas guerras sejam 'melhores' do que foram as dos Romanos?

A organização de massa, pretendida na nossa época, arranca qualquer um do seu mundo privado e empurra-o para o tumulto ensurdecedor da arena, transformando-o numa partícula inconsciente e, por isso, sem importância e sem sentido da massa, sujeito impreterivelmente a todo tipo de sugestão. A isca que nunca falha é o chamado "futuro melhor" que impede a pessoa de se integrar no presente em que vive realmente para dele fazer o melhor possível. Já não se vive no presente *para* o futuro, mas irrealisticamente *no* futuro, privado do presente e, mais ainda, do passado, separado das raízes, desenraizado, despojado da continuidade, eternamente enganado pela *fata morgana* zombeteira de um "futuro melhor."

Há necessidade de uma enorme deceção para libertar as pessoas do pensamento delirante e trazê-las de volta às bases sadias da tradição, recordando-lhe as bênçãos de uma cultura espiritual que a "era do progresso" destruiu com todos os meios da sua crítica desagregadora. Basta lembrar a devastação espiritual provocada pelo materialismo, inventado por pseudo-intelectuais e defendido com argumentos inteiramente infantis! É muito difícil acabar com este tipo de pensamento que se tornou tão popular exatamente devido à sua estupidez...

Quem, apesar dessas circunstâncias, conseguir viver e achar a vida válida, terá descoberto o espírito ou, pelo menos, algo dele. Mas são poucos os que estão convencidos no íntimo do seu coração de que a felicidade material é também um perigo para o espírito e que conseguem renunciar ao mundo por amor ao espírito.

Espero, por isso, que o flagelo de Deus que açoita agora a Europa há de convencer os povos de que este mundo, que não foi o melhor dos mundos possíveis do passado, também não o será no futuro. Ele é, como sempre foi, constituído de dia e noite, luz e escuridão, curtas alegrias e longo sofrimento, lugar de lutas sem trégua e sem paz, por ser a arena das cobiças humanas. Mas o espírito é um além nesse aquém. Uma vez que o espírito não é refúgio de covardes, só o possuirá aquele que *sofre* a vida neste mundo e que aceita até mesmo a felicidade com dúvida cortês...

INSTINTOS

(A Vida Simbólica II)

Os instintos são as determinantes mais conservadoras de qualquer espécie de vida. A mente não nasceu *tábula rasa*. À semelhança do corpo, tem as suas predisposições individuais, sobretudo o padrão comportamental.

Elas manifestam-se sempre nos padrões recorrentes das funções psíquicas. Tal como o joão-de-barro (pássaro) constrói o seu ninho sempre da mesma forma, também a pessoa reage psicologicamente de acordo com os seus padrões originários, apesar da liberdade e mutabilidade superficial de que goza. Mas até certo ponto, isto é, até colidir, por alguma razão, com as suas raízes instintivas, ainda vivas e sempre presentes.

Aí os instintos revoltam-se e suscitam ideias e emoções estranhas que serão tanto mais estranhas e incompreensíveis quanto mais a consciência humana se tiver desviado da sua conformidade original com esses instintos. Pelo facto de a humanidade hoje se sentir ameaçada pela autodestruição através da radioatividade, experimentamos um re-

despertar fundamental dos nossos instintos nas mais diversas formas. Chamei "arquétipos" às manifestações psicológicas do instinto.

Os arquétipos não são de forma alguma indícios ou resíduos inúteis e arcaicos de um mundo primitivo. São entidades vivas que causam a pré-formação de ideias numinosas ou de imagens dominantes. Uma compreensão inadequada aceita essas imagens primitivas na sua forma arcaica, pois elas exercem sobre a mente subdesenvolvida um fascínio numinoso.

O comunismo, por exemplo, é um estilo de vida arcaico, altamente ilusório, que caracterizava os grupos sociais primitivos. Ela carrega em si um comando sem lei como compensação vital necessária, facto que só pode ser desconsiderado por um preconceito racionalista — prerrogativa de uma mente bárbara.

Será importante recordar que o meu próprio conceito de arquétipo foi muitas vezes mal compreendido, como se designasse ideias hereditárias ou uma espécie de especulação filosófica. Na verdade, os arquétipos pertencem ao âmbito da atividade instintiva e *nesse* sentido são padrões hereditários de comportamento psíquico. Enquanto tais, revestem-se de certas qualidades dinâmicas que, psicologicamente falando, podemos chamar de "autonomia" e "numinoso."

Não conheço outro caminho mais fiável para voltar a este fundamento instintivo do que a compreensão desses padrões psicológicos que nos permite reconhecer a natureza de uma atitude instintiva. O instinto de sobrevivência é despertado em reação contra a tendência ao suicídio em massa, representado pela bomba H e pela divisão política do mundo por ela provocada.

A divisão política do mundo é, sem dúvida, obra do homem que deve ser atribuída a uma distorção racionalista. Mas as pré-formações

arquetípicas, se entendidas por uma mente madura, podem fornecer ideias numinosas que antecedem o nosso nível intelectual propriamente dito. É exatamente disto que o nosso mundo precisa. Parece-me um incentivo adicional observar os processos inconscientes que hoje antecipam em muitas pessoas desenvolvimentos futuros.

NOTAS MARGINAIS SOBRE A HISTÓRIA CONTEMPORANEA

(A Vida Simbólica Vol. 2)

Até poucos séculos atrás, aquelas regiões do mundo que foram iluminadas desde então pela ciência estavam mergulhadas na mais profunda escuridão. A natureza vivia ainda em seu estado original, estado em que se encontrava desde tempos imemoriais. Já fora dessacralizada, mas não fora ainda sem alma. Os espíritos demoníacos habitavam fantasmagoricamente a terra, a água, o ar e o fogo; a bruxaria e os vaticínios lançavam sombras sobre o relacionamento humano; os mistérios da fé penetravam fundo na natureza.

Em certas flores podiam ser encontradas imagens dos instrumentos de tortura dos mártires ou do sangue de Cristo; as espirais da casa do caracol (no sentido dos ponteiros do relógio) eram prova da existência de Deus; na alquimia, o nascimento da Virgem era prefigurado no despertar do *infans mercurialis* no ventre da terra; a paixão de Cristo era representada pela *separatio, solutio e digestio (separação, dissolução e maturação)* da substância do arcano; a morte e a ressurreição de Cristo eram reproduzidas nos processos da transformação química. Esta dava uma ideia da transubstanciação totalmente incompreensível. O mistério da água batismal foi redescoberto nas qualidades maravilhosas do solvente por excelência, a chamada (termo grego), ou *aqua permanens*. A crucifixão de Cristo era quase uma prefiguração da tarefa da ciência

natural, pois a árvore da cruz correspondia à *arbor philosophica* que por sua vez representa a *opus scientiae* em geral.

Texto datilografado, inédito até os últimos nove parágrafos (ver adiante, par. 1374"). Cf. também Ensaios sobre a história contemporânea (1946); OC, vol. X e XVI.

Hoje em dia é quase impossível imaginar este estado de coisas e avaliar corretamente o que significava viver num mundo, repleto do alto com os mistérios das maravilhas divinas até o cadinho da fundição do bronze, e em baixo corrompido em parte pelo engodo demoníaco, em parte manchado pelo pecado original, em parte animado secretamente por um demónio autóctone, por aquela *anima mundi* ou aquela *scintilla animae (centelha da alma)* que nasciam como sementes de vida da incubação das águas superiores através da "ruah Eloim."

É praticamente inimaginável a mudança radical que operou na vida emocional das pessoas a despedida desse mundo totalmente antiquado. Mas quem teve uma infância cheia de fantasias pode fazer disso uma ideia aproximada. É irrelevante lamentar ou saudar a perda irrecuperável desse mundo primitivo. O importante é a questão que nunca ninguém coloca: o que acontece com aquelas figuras e formas, aqueles deuses, demónios e feiticeiros, aqueles mensageiros do céu e monstros do abismo quando constatamos que não há nenhuma serpente de Mercúrio e nenhum espírito vegetativo nas cavernas da terra, nenhuma dríade na mata, nenhuma ondina na água e que os mistérios da fé foram reduzidos a artigos de um credo? Ainda que tenhamos corrigido uma ilusão, isto não significa que esteja abolida aquela instância psíquica que produz ilusões e delas, inclusive, precisa. É muito duvidoso se nosso modo de retificar tais ilusões pode ser considerado válido.

Se, por exemplo, alguém se ocupasse em demonstrar que não existe baleia que pudesse ou quisesse engolir um Jonas e, mesmo que o

fizesse, a pessoa morreria sufocada em pouco tempo e não poderia ser vomitada viva depois de três dias, esta pessoa não estaria fazendo justiça ao mito com esta crítica. Aliás, sua argumentação seria ridícula, pois estaria tomando o mitologema *(unidade fundamental de um mito)* ao pé da letra, o que atualmente é descabida ingenuidade. Já estamos percebendo que com nossa correção iluminista erramos vergonhosamente o alvo. É qualidade específica do mito fabular e querer dizer o incomum, o extraordinário e até mesmo o impossível. Em vista dessa tendência é inoportuno alguém exibir sua cultura de escola primária. Com este tipo de crítica não se eliminará do mundo o factor mitologizador.

Apenas se corrige uma conceção não genuína do mito. Mas não se atinge, nem de longe, seu significado e, muito menos, a instância psíquica mitologizante. Criou-se apenas nova ilusão de que o conteúdo do mito não seja verdadeiro. Como dissemos, isto pode ser constatado por qualquer aluno do primário. Mas o que o mito realmente quer dizer, disso não temos a menor ideia. Ele expressa factos e situações psíquicas, exatamente como o sonho normal e as delusões de um doente mental.

Descreve factos psíquicos de modo figurado, cuja existência não pode ser desfeita por meio de simples explicação. Perdemos o medo supersticioso de maus espíritos e fantasmas noturnos mas, em vez disso, assalta-nos o pavor de pessoas que, possuídas por demônios, praticam os atos horríveis das trevas. O facto de os praticantes desses atos não se julgarem possessos, mas "super-homens," em nada altera o facto de sua possessão.

O mundo fantástico e mitológico da Idade Média mudou simplesmente de lugar, graças ao nosso chamado iluminismo; já não são os íncubos, súcubos, ninfas das florestas, melusinas e outras coisas que espantam e chicaneiam, mas as próprias pessoas assumiram, sem saber, esses papéis e realizam a obra demoníaca da destruição com métodos

bem mais eficientes do que os fantasmas antigos. Antigamente as pessoas eram rudes, agora estão desumanizadas e possessas de demônios em tal grau que nem a Idade Média mais tenebrosa conheceu. Naquela época, uma pessoa decente e inteligente podia livrar-se até certo ponto das maquinações demoníacas, mas hoje até mesmo seus ideais a arrastam para dentro da lama sangrenta de sua existência nacional.

Como consequência do cisma eclesiástico, o desenvolvimento da ciência natural continuou a obra de desdeificação da Igreja, expulsou os demónios da natureza e, com eles, os últimos restos da conceção mitológica do mundo. O resultado desse processo foi a gradual dissolução da projeção e a retirada dos conteúdos projetados para dentro da psique humana. Portanto, a multidão de fantasmas que existia do lado de fora deslocou-se para dentro da psique humana e, enquanto admiramos a natureza "pura", isto é, sem alma, damos guarida, querendo ou não, a seus demónios, com o resultado de que com o fim da Idade Média, *ano 1918*, pudesse começar a época dos banhos de sangue, da total demonização e total desumanização.

Desde os dias das cruzadas infantis, dos Anabatistas e do flautista de Hamelin, nunca mais se viu epidemias psíquicas de tal monta, especialmente a nível nacional. Inclusive as câmaras de tortura — assombrosa invenção dos tempos modernos — foram reintroduzidas na Europa. Em toda parte o cristianismo se mostrou incapaz (1) de deter a devastação, ainda que muitos cristãos tenham arriscado suas vidas. Finalmente, a invenção dos matadouros de pessoas — em comparação dos quais o circo romano de dois mil anos atrás era ínfima amostra — é uma realização do novo espírito alemão e que dificilmente será superada.

1. Isto pode ser discutido, pois foram as organizações cristãs que mostraram sua impotência. Mas quando identificamos Igreja e cristianismo esta diferença cai por terra.

Estes factos dão o que pensar. Os demônios da natureza, sobre os
1365 quais o espírito humano parecia ter triunfado, ele os engoliu sem perceber e tornou-se o fantoche do demônio. Isto só pôde acontecer porque acreditou ter abolido os demônios declarando-os superstição. Com isso foi desconsiderado o facto de que eles são, no fundo, projeções, ou seja, produtos de certos factores da psique humana. Mesmo declarando esses produtos inautênticos e ilusórios, suas fontes não secam nem deixam de atuar.

Ao contrário, quando se torna impossível aos demônios refugiar-se nas rochas, matas, montanhas e rios, usam a pessoa como moradia bem mais perigosa. Nos objetos da natureza sua atuação tinha limites bem mais estreitos: raras vezes acontecia que pedras soterrassem alguma cabana, que um rio transbordasse, destruindo plantações e afogando pessoas. Mas a pessoa não percebe quando é governada por demônios e empresta todo o seu poder e astúcia ao seu dominador inconsciente que chega então a uma atividade altamente diversificada.

Este modo de pensar só parece "original", estranho ou absurdo a
1366 quem nunca pensou onde desapareceram aquelas forças psíquicas que estavam incorporadas nos demônios. As descobertas da ciência merecem a nossa admiração, mas são espantosas também as consequências psíquicas desse magnífico triunfo humano. Infelizmente não existe nenhum bem neste mundo que não deva ser pago por um mal, no mínimo tão grande quanto o bem. As pessoas não sabem ainda que o maior progresso é contrabalançado por um retrocesso de igual tamanho. Não se tem noção ainda do que significa viver numa natureza des-almada.

Acredita-se, ao contrário, que foi um tremendo avanço ter o homem submetido a natureza e ter assumido, por assim dizer, o leme para guiar o navio de acordo com sua vontade. Todos os deuses e demônios, cuja

niilidade física foi tão facilmente apresentada como "ópio do povo", voltam a seus lugares de origem — à pessoa humana — tornando-se um narcótico tão poderoso que o antigo "ópio" parece brincadeira de criança. O que é o nacional-socialismo (2) a não ser uma embriaguez monstruosa que precipitou a Europa numa catástrofe indescritível?

2. Deve-se desconfiar em princípio de todos os -ismos que prometem um novo mundo "melhor," porque o mundo se torna apenas diferente, mas não melhor. A pessoa, sim, pode adotar até certo ponto uma atitude melhor ou pior, mais razoável ou menos razoável. Jamais se libertará dos males básicos da existência, sejam externos ou internos. Faria melhor conscientizando-se de que o mundo é um campo de batalha e apenas uma curta tensão entre nascimento e morte.

O que a ciência descobriu uma vez não pode ser desfeito. O progresso da verdade não pode e nem deve ser detido. Mas o mesmo impulso pela verdade que deu origem à ciência deve também reconhecer as consequências que o progresso traz. A ciência deve também reconhecer as catástrofes psíquicas, ainda imprevisíveis, que o progresso trouxe consigo. Nas mãos do homem praticamente infantil de hoje foram colocados instrumentos de destruição que exigem uma responsabilidade ilimitada ou um medo quase doentio para impedir o abuso muito fácil do poder. O mais perigoso são as aglomerações das massas, manipuladas por algumas poucas cabeças. Já tomam forma os imensos blocos continentais que, por simples desejo de paz ou de segurança, preparam as catástrofes futuras. Quanto maior a massa voltada para uma mesma direção, mais violento e calamitoso é seu movimento!

Quando a humanidade passou de uma natureza com alma para uma sem alma, isso aconteceu da maneira mais grosseira; o animismo da natureza foi ridicularizado e condenado como supersticioso. Quando o cristianismo expulsou os antigos deuses, substituiu-os pelo Deus único. Mas quando a ciência aboliu o animismo da natureza, não lhe deu outra

alma, mas colocou a razão humana acima da natureza. Sob o domínio do Cristianismo os antigos deuses foram pelo menos temidos durante muito tempo, pelo menos enquanto demónios.

A ciência, porém, não deu valor algum à alma da natureza. Estivesse ela consciente da inovação abaladora do seu procedimento, e teria refletido por um momento e ter-se-ia interrogado se não conviria muita prudência nesta operação que abolia a condição primitiva da humanidade. Se a resposta fosse positiva, então haveria necessidade de um *"rite de sortie," (rito de saída de um estado, papel ou condição)* uma comunicação cerimoniosa oficial aos poderes que iam ser destronados. Assim ao menos ter-se-ia demonstrado o devido respeito à exigência deles.

Mas a ciência e a chamada humanidade culta jamais pensaram que o progresso do conhecimento científico poderia significar um *"peril of the soul"* que precisava ser antecedido por algum rito poderoso. Isto teria sido impossível, pois semelhante *"rite de sortie"* nada mais seria do que uma reverência cortês diante dos demónios; e o triunfo do iluminismo era exatamente admitir que não existia algo assim como alma da natureza. Mas só não existia aquilo que se imaginava que os espíritos fossem, pois a coisa em si existe, e precisamente na psique humana, independentemente do que acham as mentes obtusas ou esclarecidas.

Tanto existe que diante de nossos olhos o "povo mais aplicado, competente e inteligente" da Europa caiu num estado de exceção e colocou um pintor de parede, pouco dotado e que nunca se distinguiu por uma inteligência especial, mas apenas pelo uso dos métodos certos de intoxicação das massas, literalmente no altar do totalitarismo, outrora reservado só para a teocracia, e lá o deixou. Evidentemente para dirigir uma nação não há necessidade de qualquer conhecimento ou preparação e para ser um grande general não há necessidade de formação militar.

Diante disso até mesmo a inteligência empalidece e se vê forçada a admirar um "génio" sem precedentes. Foi algo realmente fora do comum quando chegou alguém e disse friamente que ele assumiria a responsabilidade. Isto foi tão surpreendente que ninguém pensou em perguntar quem estaria assumindo a responsabilidade ou em tomar as medidas necessárias contra a desordem evidente. De qualquer forma a coisa era tão grotesca que não era possível irritar-se seriamente.

A psicopatologia conhece esse tipo de "génio" de promessas irresponsáveis: chama-se *pseudologia phantastica*, e é quase uma façanha não se cair nas malhas dessas pessoas, sobretudo quando apresentam grande quantidade de sintomas de possessão como fenômenos divinatórios (pressentimentos, leitura do pensamento, etc.) e ataques de emoção patológica (o clássico arrebatamento dos profetas). Nada é tão contagiante como a emoção e nada é mais pacificador do que o cumprimento prometido de desejos egoístas. Não ouso pensar no que teria acontecido a nós suíços se tivéssemos tido a infelicidade de ser uma nação de oitenta milhões de pessoas.

Neste caso, segundo todas as previsões psicológicas, nossa estupidez teria sido multiplicada por vinte e nossa moral dividida pelo mesmo número. Quanto maior a acumulação das massas, menor é o grau de inteligência e de moralidade. Se houvesse necessidade de prova ulterior para essa verdade, está aí como exemplo a descida da Alemanha para o submundo. Não nos devemos iludir de que não teríamos também sucumbido. O contágio da fronteira e a presença de traidores em nosso meio mostram que facilmente sucumbimos à sugestão, mesmo sem a escusa atenuante de sermos oitenta milhões.

O que nos protegeu foi sobretudo nossa pequenez e as inevitáveis consequências psicológicas disso. Em primeiro lugar a desconfiança do homem pequeno que cuidava dia e noite para que o homem grande não

o enganasse ou violentasse, pois é isto que se deve pressupor do grande quando se é pequeno. Por isso, quanto mais altissonantes as palavras, mais resistência e teimosia provocam: "Agora já não quero," diz o homem de bom senso.

Ser acusado de misoneísta, conservador ou cabeçudo, isto pouco afeta a força de sua reação instintiva -no momento; mas a longo prazo, o suíço é tão "razoável" que sente uma vergonha secreta de sua morosidade, teimosia, de estar cem anos atrás no tempo e corre o risco de envolver-se no tumulto da "organização mundial", do "espaço vital," dos "blocos econômicos" e de outros nomes que o deus-nos-acuda atual inventa. Neste sentido não é nenhum erro permanecer fixo no passado. Via de regra é prudente demorar a embarcar no futuro, pois é duvidoso se o que vem depois é sempre melhor. Em geral é melhor com reservas, ou não o é de modo algum.

Longe de mim querer incentivar coisas ruins como a inveja e mesquinharia, mas o facto é que existem e contribuem para aumentar a desconfiança e o não querer colaborar. São como animais nocivos, mas têm também sua utilidade: Não quero evidentemente falar em favor das más qualidades, mas gosto de estudá-las porque, numa coletividade, elas são mais atraentes do que as virtudes. As primeiras têm a vantagem de aumentar na proporção do tamanho da multidão, ao passo que as últimas se neutralizam mutuamente sob as mesmas condições. Sofrem o mesmo efeito que as galerias de arte, onde a reunião de muitas obras de grandes mestres, uma ofusca a outra. A virtude é ciumenta, mas o vício procura companheiros (e o malfeitor gosta de números grandes, despreza os pequenos e, por isso, às vezes não os leva em conta).

Graças a Deus que numa época irrequieta como a nossa somos protegidos pelas raízes profundas da tradição ainda viva e cultivada; pelo amor à pátria; por uma profunda convicção de que nenhuma árvore cresce até o céu e que, quanto mais cresce mais suas raízes se

aproximam do inferno; por um gosto que prefere o meio, aquele (termo Grego) (não exagerar em nada) dos sábios gregos que só conheciam sua (termo Grego) (cidade), e provavelmente nunca sonharam com uma nação de oitenta milhões de habitantes; e finalmente pelas más qualidades, acima mencionadas, das quais certamente não queremos abrir mão. Já ouvimos várias vezes dizer do outro lado do Reno: "o povo mais saudável, trabalhador, competente, inteligente e fiel" — é o toucinho para pegar o camundongo.

Quem estiver realmente convencido da imperfeição própria e da de seu povo não sucumbe ao poder dos superlativos com os quais acena a mentira. Sabe ou deveria saber que o governante que brinca com medidas ilegítimas está trabalhando, em última análise, para a ruína do povo. A exigência de probidade por parte do representante do povo deve ser o princípio básico da política, por mais prosaico, não diplomático, não moderno e míope que isto possa soar. O êxito conseguido por meios condenáveis, mais cedo ou mais tarde acaba em ruína. A história do império alemão, desde 1871, é uma demonstração clara disso. Mas é grande o perigo de não se aprender nada a partir da história.

Tão prejudicial quanto o culto do sucesso e a crença nos superlativos parece-me a tendência atual de reduzir o homem a simples função dos factores econômicos. O célebre dito de MOLESCHOTT (3) "A pessoa é o que ela come" não pode ser elevado a uma verdade fisiológica, pois, mesmo dependendo de sua alimentação, ela não é o que a comida é, mas como ela a digere. Todos os planos de melhoria do mundo, do sistema económico, das comunicações, das alianças nacionais, etc. se mantêm ou caem segundo a maneira como as pessoas lidam com esses factores.

E quem não acredita que até a melhor ideia será provavelmente sabotada pela notória incompetência, estupidez, preguiça, falta de

consciência, egoísmo, etc. humanos, pode desde logo empacotar suas tabelas estatísticas. Por outro lado, um sistema remendado por inúmeros compromissos, sobrecarregado de todo tipo de apêndices históricos aparentemente incómodos e desnecessários, permite a um Estado prosperar sofrivelmente, enquanto a maioria de seus cidadãos ainda possui um senso não atrofiado de justiça.

Ninguém pode negar a importância das relações económicas, mas é muito mais importante o modo como os cidadãos encaram suas inevitáveis oscilações. Acima dos factores externos, as decisões últimas sempre cabem à psique humana. O facto de se ter um "espaço vital" grande ou pequeno pouco significa diante da questão se possuímos uma psique sadia ou "propensa à insanidade." Os "líderes" devem ter percebido claramente onde a necessidade é maior: falta de uma autoridade inquestionavelmente espiritual e moral. O Papa e a Igreja podem dizer que são esta autoridade, mas quantos acreditam nisso? A gente deveria acreditar nisso; mas não usamos sempre esta palavrinha "deveria" quando precisamos admitir que não sabemos exatamente donde poderia provir o remédio necessário?

Não creio que o apelo à consciência religiosa da humanidade ainda encontre hoje em dia um eco respeitável. Os modernos traficantes de entorpecentes substituíram esse "ópio" por preparados mais eficazes. Hoje em dia a ciência representa a grande força para o bem ou para o mal. A ciência não trouxe uma nova época de descrença, ela é esta época. Quando alguma coisa é rotulada de "científica," é certo que receberá uma atenção positiva por parte de todos que valorizam sua inteligência e reputação intelectual. Aqui teríamos, portanto, uma autoridade bastante aceita que deu provas não só de iconoclastia mas também de sua força positiva.

Há quase meio século a ciência começou a examinar sob a lente do microscópio algo que é mais invisível do que o átomo, isto é, a psique humana; e o que foi descoberto inicialmente longe está de ser divertido.

3. JACOB MOLESCHOTT (1822-1893), professor de fisiologia e médico prático.

Tivéssemos a necessária fantasia, deveríamos ficar consternados diante dessas descobertas. Mas acontece ao psicólogo de hoje praticamente o mesmo que aconteceu ao físico que descobriu os elementos da futura bomba atómica, capaz de transformar a terra em outra nova. Só pressente atrás disso um problema interessante e científico, sem perceber que com isso o fim do mundo se torna uma realidade palpável. O caso da psicologia ainda não é tão grave, mas em todos os casos ela descobriu onde estão atualmente alojados aqueles demônios que em tempos antigos dominavam a natureza e consequentemente o destino das pessoas, e descobriu também que o iluminismo não lhes fez mal algum.

Ao contrário, estão ativos e bem-dispostos como outrora, e sua atividade ampliou- se inclusive a ponto de poderem reportar-se a todas as realizações da mente humana. Sabemos hoje que existem no inconsciente de toda pessoa propensões instintivas ou sistemas psíquicos carregados de grande tensão. Quando são ajudados de qualquer maneira a irromper na consciência, e esta não é capaz de intercetá-los por meio de formas igualmente elevadas, eles arrebentam tudo como rio caudaloso e transformam as pessoas em criaturas para as quais o nome "besta" é bom demais.

Só podemos dar-lhes o nome de "demónios." Para provocar na massa esses fenômenos basta um ou alguns possessos. A antiga possessão não se tornou obsoleta, só mudaram os nomes: antigamente o nome era "espírito maligno," hoje é "neurose" ou "complexos

inconscientes". Como em tudo, também aqui o nome não tem importância. O facto é que uma pequena causa inconsciente basta para destruir um destino humano, arruinar uma família e atuar durante gerações como uma maldição dos atridas *(descendentes de Atreu,uma das famílias mais trágicas da mitologia grega; Atreu foi rei de Micenas).*

Se acontecer que esta disposição inconsciente seja comum à grande maioria dos habitantes de um país, então basta um único desses indivíduos possessos de complexos, que se arvora em megafone da nação, para precipitar a catástrofe. O povo bom, em sua inocência e inconsciência, não sabe o que está acontecendo quando é transformado do dia para a noite numa "raça dominante" (uma obra satânica que já tantas vezes transformou bosta de cavalo em ouro) e a Europa, estupefata, mal consegue localizar-se na "Nova Ordem", onde algo de tão monstruoso (pensemos na relação que existe entre Maidanek e ECKHART, LUTERO, GOETHE e KANT!) não é apenas possibilidade mas a crua realidade (4).

4. Os parágrafos 1375-1383 foram publicados em Basler Nachrichten, n. 486 (16 de novembro de 1946) sob o título "Zur Umerziehung des deutschen Volkes" (Sobre a reeducação do povo Alemão).

Inúmeras pessoas se perguntaram como foi possível uma nação culta 1375 como a Alemanha chafurdar nesse atoleiro infernal? Escrevi certa vez, há muitos anos, que a Alemanha era o país das catástrofes espirituais (5). Quando o delírio neogermânico anuncia que os alemães são o povo eleito, e quando esses, por inveja concorrencial, perseguem os judeus com os quais têm em comum certas características psicológicas (atrás de toda perseguição há um amor secreto, como atrás de todo fanatismo se esconde uma dúvida), então existe realmente uma peculiaridade, uma "eleição." Pois ninguém pode ser atingido tão profundamente, se não tiver essa grande profundidade. Quando isto acontece a alguém, ele procura por outro lado o mais alto, isto é, a esta

profundidade corresponde uma altitude potencial, e à escuridão mais densa corresponde uma luz escondida.

Esta luz é atualmente invisível porque está soterrada e escondida na profundeza da psique. Tudo correu muito torto na Alemanha, e o que aconteceu foi uma caricatura infernal da resposta que o espírito Alemão deveria ter dado para a Europa sobre a questão de uma nova era. Em vez de refletir sobre essa questão, caiu na esparrela do super-homem, figura que a mente neurótica e degenerada de NIETZSCHE criou para compensar a sua própria fraqueza. (E isto não sem alguma desculpa, pois aquele Fausto que fez o pacto com o diabo era seu compadre). A Alemanha sujou seu nome e sua honra com o sangue de inocentes e tomou sobre si a maldição da eleição. Despertou um ódio tão grande no mundo todo que é difícil restabelecer o equilíbrio na balança da justiça.

E assim mesmo, o primeiro a entrar no paraíso com o Salvador foi o ladrão. O que diz o Mestre ECKHART? "Por esta razão Deus está disposto a suportar o impacto dos pecados e muitas vezes fecha os olhos para eles; em geral envia-os para as pessoas a quem preparou algum destino maior. Vede! Quem era mais íntimo ou mais caro ao Senhor do que seus apóstolos? Nenhum deles caiu em pecado mortal, mas todos eram pecadores mortais" (6).

Em parte, nenhuma os opostos estiveram mais separados do que no 1376 povo Alemão. Parece um doente que foi vítima de seu inconsciente e não conhece mais a si mesmo.

5. Wotan (OC, vol. X, par. 391).
6. "Daz ist von Siinden...", in: Deutsche Mystiker II, p. 557, 28-34.

A psicologia sabe que certas forças perigosas e inconscientes podem 1377 ser neutralizadas ou mantidas em xeque quando se consegue torná-las conscientes às pessoas, isto é, quando o paciente

consegue assimilá-las e integrá-las no todo da personalidade. Enquanto o psiquiatra se ocupar da terapia psíquica desses complexos, terá que lidar todos os dias com "demónios," isto é, com aqueles factores psíquicos que apresentam traços demoníacos quando são fenômenos de massa. Mas uma operação in- cruenta desse tipo só tem êxito quando se trata de um único indivíduo.

Se for uma família inteira, a relação passa a ser de 1:10 ou mais, e só um milagre pode encontrar o remédio. Tratando-se de um povo inteiro, então a artilharia dirá a palavra final. Se isto quer ser evitado, é preciso começar com o indivíduo, o que pode parecer um trabalho de Sísifo, lamentavelmente longo e sem esperança.

Seja como for, as pessoas ficam tão impressionadas com o poder sugestivo da oratória de megafone que tendem a acreditar que estes meios ruins, isto é, o hipnotismo das massas, podem ser usados para fins bons por meio de discursos "inflamados," palavras "vigorosas" e sermões enternecedores. Não quero negar sem mais a afirmação dos meios santificados pela finalidade (pois nada é totalmente certo ou totalmente errado), mas devo frisar que a persuasão das massas para o bem compromete a sua finalidade, pois ela é, no fundo, apenas propaganda, cujo efeito desaparece na primeira oportunidade. Os inúmeros discursos e escritos sobre "renovação" são inúteis, palavrório que a ninguém comove e a todos chateia.

Se o todo precisa mudar, primeiro deve mudar o indivíduo. O bem é um dom e uma conquista do indivíduo. Como sugestão de massa é simples entorpecente que nunca teve o valor de virtude. O bem é unicamente adquirido pelo indivíduo enquanto conquista pessoal. Nenhuma massa pode fazer isso por ele. O mal, porém, precisa da massa para a sua existência e permanência. Os homens dominadores das SS são todos eles, individualmente considerados, indescritivelmente pequenos e

feios. Mas a pessoa boa brilha como pedra preciosa que foi perdida no Saara.

A ciência sabe que nenhuma epidemia pode ser isolada por cordão sanitário, se o indivíduo não for impedido de ultrapassá-lo. Não se pode confiar na limpeza de um povo, se o indivíduo não está convencido de que deve lavar-se todo dia. Talvez num futuro mais esclarecido o candidato a um cargo público deva submeter-se a uma comissão psiquiátrica para ver se não é portador de bacilos psíquicos. (O que esta medida, antes de 1933, não teria poupado ao mundo!).

A desafetação dos escalões mais altos seria mero paliativo, pois a verdadeira cura consistiria na imunização dos indivíduos. Mas aqui está o nó da questão, porque mudar o indivíduo parece um caminho muito longo e desanimador. Mas é preciso lembrar que só existem duas outras possibilidades. A primeira seria o método de êxito garantido da sugestão das massas, que infelizmente só funciona bem quando se quer desmoronar ou implodir alguma coisa.

Com isso só se constroem castelos de cartas, campos de concentração ou fogueiras. Este método não é, portanto, aconselhável. A segunda possibilidade seria cruzar os braços, esconder a cabeça na areia e entregar tudo a Deus ou ao diabo. É extremamente difícil e irritante deixar que as coisas sigam seu curso natural. Se, ao final, o resultado fosse razoável, teria acontecido algo como um "crime de lesa-majestade humana". Também isto não é um caminho trilhável.

Resta, portanto: Só com o indivíduo é possível fazer alguma coisa. O surgimento e a expansão do cristianismo mostram que algo parecido não é totalmente impossível. Até mesmo o cético tem de concordar que o Cristianismo trouxe certa mudança psíquica, ainda que mais ou menos superficial (7). Expulsou muitos demônios (mas reuniu-os novamente em outro lugar) e procedeu inclusive à des-deificação da natureza.

Abstraindo de algumas conversões em massa, ele se difundiu principalmente pela atuação de um indivíduo sobre o outro.

Nos primórdios do cristianismo, o indivíduo era abordado pessoalmente, e esta abordagem individual prosseguiu na pastoral da Igreja durante séculos. (No protestantismo é preciso perguntar onde, devido à exclusividade da pregação, foi parar a pastoral?) Sem abordagem pessoal não existe influência pessoal, a única capaz de mudar para o bem a atitude do indivíduo. Para isso é necessário não só o engajamento pessoal daquele a ser mudado, mas sobretudo daquele que quer mudar o outro. Só se deixa influenciar por gestos e palavras aquele que está a ponto de cair fora, só está esperando uma desculpa ou ocasião adequada.

Necessárias são algumas verdades esclarecedoras, mas não artigos de fé. Onde atua uma verdade compreensível, também a fé se estabelece de boa vontade; e esta sempre ajudou onde o pensamento e a compreensão não se entenderam plenamente. A compreensão nunca é o auxiliar da fé, mas a fé complementa a compreensão. Educar as pessoas numa fé que elas não compreendem é sem dúvida um esforço bem-intencionado.

Mas arrisca-se assim criar uma atitude que acredita em tudo que não compreende. Parece-me que foi isso que preparou o terreno para o "gênio do Fuhrer." É muito cômodo poder simplesmente acreditar quando se tem medo do esforço da compreensão.

7. Diante dos acontecimentos mais recentes na Europa, é preciso precaver-se contra a pressuposição de que a educação cristã penetrou na medula.

Na medicina chama-se terapia sugestiva à tentativa de construir a fé ou pregar a fé. Tem a desvantagem de tirar ou incutir nas pessoas algo

que elas não intencionam nem querem. A fé infantil, onde ela se manifesta naturalmente, é um carisma. Mas quando a "alegria da fé" e a "confiança infantil" são conseguidas por meio da educação religiosa, já não se trata de carisma, mas de um presente dos deuses ambíguos, pois podem ser manipuladas muito facilmente e com maiores resultados também por outros "salvadores" (daí a queixa de muitos Alemães a respeito do uso vergonhoso que se fez das melhores qualidades do povo Alemão: sua fé, sua lealdade e seu idealismo).

Sendo a Igreja ainda o maior instituto de educação das massas, sem nenhum concorrente do mesmo valor, deve pensar futuramente num maior refinamento de seus métodos, sobretudo se quiser atingir as pessoas cultas. Estas não são de forma alguma quantidade desprezível, pois, como mostram certas estatísticas, o que elas pensam e escrevem está difundido entre as massas num espaço de tempo menor do que uma geração.

Por exemplo, o livro extremamente estúpido do senhor BUCHNER Kraft und Stoff (8) foi, após um espaço de vinte anos, o livro mais lido nas bibliotecas populares da Alemanha. A pessoa culta é e continua sendo um líder do povo, quer ela o saiba ou não, quer ela o queira ou não. O povo procura, apesar de tudo, compreender. Ainda que no plano original da criação não estivesse claramente previsto que os primeiros pais comessem da árvore do conhecimento, parece que assim aconteceu e, desde então, já não é possível girar em sentido inverso a roda da história.

O povo está cada vez mais ávido desses frutos. É um sinal de esperança, pois, além das bombas estratosféricas e das sedutoras possibilidades do urânio, talvez existam também verdades salutares que ensinem ao homem sua verdadeira natureza e lhe mostrem sua periculosidade com a mesma evidência que a moderna higiene mostra a etiologia do tifo e da varíola. Talvez estas verdades contribuam também

para que as pessoas assumam aquela atitude que as grandes religiões sempre quiseram inculcar na humanidade.

PREFÁCIO AO LIVRO DE NEUMANN: "DEPTH PSYCHOLOGY AND A NEW ETHIC"

(Vida Simbólica página 191)

O autor deste livro pediu-me um prefácio. Faço-o de boa vontade, 1408 dentro de minhas limitações. Ocupei-me do campo da psicologia profunda apenas como empírico, não como filósofo, e não posso gloriar-me de alguma vez ter tentado formular princípios éticos. Meu trabalho profissional teria dado muita oportunidade para isso, pois as causas principais da neurose são conflitos de consciência e problemas morais difíceis, cujo processo de cura exige que se dê uma resposta a eles.

O psicoterapeuta está, por isso, numa posição sumamente ingrata. Aprendeu da longa e muitas vezes dolorosa experiência que é relativamente inútil inculcar preceitos morais nos pacientes e que precisa renunciar a qualquer conselho ou advertência que comecem coma palavra "deve". Acresce ainda que, com o aumento da experiência e conhecimento das conexões psíquicas, diminui a convicção de saber com certeza, no caso individual, o que é bom e o que é mau. Em relação a nós, a outra pessoa é realmente um outro, inclusive um profundo estranho, quando a discussão chega ao essencial, isto é, à sua individualidade única. O que é bom então? Bom para ele? Bom para mim?

Bom para seus familiares? Bom para a sociedade? O julgamento envereda desesperadamente por uma trilha de considerações e relações que, se as circunstâncias não nos obrigarem a cortar o nó górdio, melhor seria deixar a coisa como está ou contentar-nos por oferecer ao sofredor uma modesta contribuição para desembaraçar as cordas.

"Psicologia profunda e nova ética". Escrito em 1949 para uma planejada edição Inglesa do livro de ERICH NEUMANN, Tiefenpsychologie und neu Ethik (Zurique 1949). Para conhecer o julgamento de JUNG, cf. Cartas II (a NEUMANN, dezembro de 1948, e ao Dr. Júrg Fierz, 13 de janeiro de 1949). Trad. para o português pela Ed. Paulinas, S. Paulo 1991.

Por estas razões é difícil ao médico formular princípios éticos. Isto não significa, porém, que esta tarefa não exista ou que sua solução seja totalmente impossível. Reconheço que hoje há necessidade urgente de formular os problemas éticos de uma maneira nova, pois, como diz muito bem o autor, surgiu uma situação totalmente nova desde que a moderna psicologia ampliou seus conhecimentos sobre os processos inconscientes. Concomitantemente, por assim dizer, aconteceram e ainda acontecem coisas na Europa que ultrapassam de longe a crueldade do Império Romano e o terror da Revolução Francesa. São coisas que puseram a nu toda a fraqueza do nosso sistema ético.

Os princípios morais que parecem claros e inequívocos para a consciência do eu perdem a sua força de convicção e, com isso, sua aplicabilidade quando se considera a sombra compensadora sob o ângulo da responsabilidade ética. Qualquer pessoa com algum senso ético se vê forçada a fazê-lo. Apenas alguém reprimido ou moralmente embotado será capaz de negligenciar esta tarefa, mas não será capaz de se livrar das funestas consequências desse comportamento. (A este respeito o autor diz algumas verdades que merecem consideração).

A enorme revolução em nossos conceitos que, devido à descoberta do inconsciente, em parte já se realizou e, em parte, ainda virá, é pouco compreendida e, até mesmo, pouco percebida hoje em dia. O pressuposto psicológico das afirmações filosóficas, por exemplo, é desprezado ou obscurecido propositalmente de modo que certas

filosofias modernas abrem o flanco para críticas psicológicas. O mesmo vale para a ética.

É compreensível que seja o psicólogo clínico o primeiro a perceber as falhas ou os males da época, pois diante dele se apresentam as vítimas das dificuldades atuais e ele é o primeiro a se ocupar com elas. A cura da neurose não é, em última análise, um problema técnico, mas um problema moral. Há, supostamente, soluções técnicas provisórias, mas que nunca resultam numa atitude ética que poderíamos chamar de verdadeira cura. Toda conscientização e todo ato de cura significam no mínimo um passo adiante no caminho da individuação, ou seja, da "totalização" do indivíduo. Mas a integração da personalidade é inconcebível sem a relação responsável, ou seja, moral das partes entre si, assim como é impossível a constituição de um país sem a inter-relação de seus membros.

Portanto, o problema ético se coloca por si, e cabe, em primeiro lugar, ao psicólogo encontrar uma resposta e ajudar a seus pacientes a encontrá-la também. Este trabalho é muitas vezes enfadonho e difícil; ele não pode ser realizado através de curtos-circuitos intelectuais ou de receitas morais, mas unicamente através de cuidadosa observação das condições internas e externas e através de paciência e tempo para a cristalização gradual de um objetivo e de uma orientação pelos quais o paciente possa responsabilizar-se.

O analista aprende sempre que a problemática ética é assunto da maior intimidade do indivíduo, que as diretrizes morais coletivas são no máximo soluções provisórias que nunca levam a decisões capazes de mudar o destino da pessoa. "A diversidade e complexidade da situação torna impossível estabelecermos qualquer regra teórica de comportamento ético."

A formulação de normas éticas não é apenas difícil mas impossível porque praticamente não existe nenhuma frase que não devesse ser também invertida para ser válida. Inclusive a frase "conscientizar é bom" só tem validade condicional, pois não é raro encontrarmos situações em que a conscientização teria as mais funestas consequências. Por isso tomei como norma considerar como obrigatória a "velha ética" enquanto não houver provas de ser prejudicial à vida.

Mas se houver ameaça de efeitos perigosos, estaremos diante de um problema da maior gravidade," cuja solução desafia toda a personalidade, exigindo o máximo de atenção, paciência e tempo. De acordo com a minha experiência, esta solução é sempre individual e de valor apenas subjetivo. Num esforço desses, devem ser consideradas seriamente todas as ponderações que o autor faz.

Apesar de sua natureza subjetiva, essas ponderações só podem ser formuladas como conceitos coletivos. Mas como ideias desse tipo se repetem frequentes vezes na prática, pois a integração de conteúdos inconscientes coloca continuamente essas questões, segue-se necessariamente que, apesar da diversidade individual, há certa regularidade que torna possível a abstração de algumas normas. Como isso não quero dizer que alguma dessas normas seja absolutamente válida, porque às vezes seu oposto também pode ser verdadeiro.

Esta é a grande dificuldade que nos coloca a integração do inconsciente: temos de aprender a raciocinar em antinomias, tendo presente que toda verdade última representa uma antinomia se levada ao extremo. Todas as nossas afirmações sobre o inconsciente são verdades "escatológicas," isto é, conceitos-limite que formulam um facto ou uma situação

1. Ec. p. 99.

2. *"Les plus misérables des inventeurs sont ceux qui inventent une nouvelle moralité: ce sont toujours des immoralistes (Os inventores mais miseráveis são aqueles que inventam uma nova moralidade: são sempre imoralistas), disse certa vez um aforista. apenas parcialmente apreensíveis e, por isso, são em princípio somente válidos ou inválidos condicionalmente.*

Os problemas éticos que não podem ser resolvidos do ponto de vista da moral coletiva ou da "velha ética" são conflitos de deveres, caso contrário não seriam éticos. Apesar de não partilhar do otimismo de FRIEDRICH THEODOR VISHER de que a moralidade é sempre óbvio, sou de opinião que, ao trabalhar um problema difícil, é preciso considerar seu aspeto moral, caso não se queira correr o risco de uma repressão ou de uma fraude. Quem engana os outros engana a si mesmo, e vice-versa. Não se consegue nada com isso, muito menos a integração da sombra.

Esta faz as maiores exigências à moral do indivíduo, pois a "aceitação do mal" significa que toda a existência moral foi colocada em questão. Trata-se de decisões de graves consequências. Quando um alquimista diz: "a arte exige o homem todo", isto vale mais ainda para a integração do inconsciente, que foi antecipada simbolicamente pela alquimia. É evidente, portanto, que uma solução só é satisfatória quando nela o todo da psique pode manifestar-se a contento. Mas isto só é possível quando a consciência leva em consideração o inconsciente, quando o desejo é confrontado com suas possíveis consequências e quando o agir está sujeito à crítica moral.

Não se deve esquecer que a lei moral não é apenas algo imposto de fora à humanidade (por exemplo, por um avô ranzinza), mas é expressão de uma realidade psíquica. Como regra e esquema do agir, corresponde a uma imagem pré-moldada, a um "padrão de comportamento" de natureza arquetípica e que está profundamente enraizado no ser

humano. Não significa um conteúdo determinado, mas uma forma específica que pode ter os mais diversos conteúdos.

Para alguém é bom matar aquele que pensa de modo diferente; para um outro vale o princípio da tolerância; para um terceiro é pecado tirar o couro de um animal com faca de ferro; para um quarto é falta de respeito pisar na sombra do chefe, etc. É fundamental a todas essas normas o "observar religioso" ou a "consideração conscienciosa," e isto envolve um esforço moral, indispensável ao desenvolvimento da consciência. Um dito de Jesus, contido no Codex Bezae (referente a Lucas 6,4) expressa isso de forma lapidar e profunda:

"Homem, se sabes o que fazes és abençoado, mas se não o sabes és maldito e um transgressor da Lei"?

3. HENNECKE (ed.), Neutestamentliche Apokryphen, p. 11.

Poderíamos pois definir a "nova ética" como um desenvolvimento 1416 e diferenciação dentro da chamada ética antiga e com base nela, restrita por ora àqueles casos raros em que as pessoas, na situação de hoje e premidas por conflitos inevitáveis de deveres, fazem a tentativa de colocar numa relação responsável o inconsciente com a consciência.

Sendo a ética um sistema de exigências morais, segue-se que toda 1417 inovação dentro ou acima desse sistema deve possuir um caráter "deontológico." Mas a situação psíquica à qual se aplicaria esta admoestação "você deveria" é tão complicada, delicada e difícil que eu não saberia dizer quem poderia propor semelhante exigência. Isto nem seria necessário, pois quem se defronta com tal situação e dispõe de um certo senso ético já tem esta exigência dentro de si e sabe muito bem que não existe moral coletiva que o possa tirar de seu dilema. Se os valores da ética "antiga" não estivessem arraigados até a medula dos

ossos, a pessoa não teria chegado a esta situação. Tomemos, por exemplo, o preceito de validade geral "não deves mentir."

Mas o que fazer quando se está numa situação — que é frequente no consultório médico — em que o dizer a verdade ou o simples calar a verdade pode causar uma catástrofe? Se não quisermos provocar diretamente uma desgraça, não há outra saída do que inventar uma mentira convincente, baseados na sã razão, na disposição de ajudar, no amor ao próximo, na compreensão psicológica, na consideração do destino de outras pessoas talvez envolvidas — em resumo, baseados em motivos éticos tão fortes ou mais fortes ainda do que aqueles que nos obrigam a dizer a verdade. Em tais casos costumamos tranquilizar-nos dizendo que foi por uma boa causa e que, portanto, foi moralmente correto. Mas quem tiver uma visão mais profunda sabe que, por um lado, foi covarde demais para provocar uma catástrofe e, por outro, mentiu despudoradamente. Praticou o mal e ao mesmo tempo o bem.

Ninguém está além do bem e do mal, caso contrário estaria além dessa vida. A vida é um contínuo equilíbrio entre os opostos, como qualquer outro processo energético. A abolição dos opostos seria o mesmo que a morte. NIETZSCHE escapou da colisão dos opostos indo para o manicómio. O iogue chega ao "Nirvana" (livre dos dois) na rígida posição do lótus do "samadhi" (refugiar-se na meditação) inconsciente e inativo.

Mas a pessoa normal está entre os opostos e sabe que, enquanto tudo estiver bem, nunca poderá aboli-los. Como não existe bem sem o mal também não há mal sem o bem. Um é condição do outro; se assim não fosse, um se tornaria o outro, ou um eliminaria o outro. Se tivermos senso ético e estivermos convencidos da sacralidade dos valores éticos, então estaremos no caminho mais seguro da colisão de deveres.

Mesmo que isto se pareça desesperadoramente a uma catástrofe moral, é a única possibilidade de surgir uma diferenciação ética mais elevada e uma consciência mais aberta. O conflito de deveres nos força a examinar nossa consciência, possibilitando assim a descoberta da sombra. E esta, por sua vez, nos obriga a um entendimento com o inconsciente e a uma integração dele. O autor descreve com louvável clareza os aspetos éticos desse processo de integração.

Quem não está familiarizado com a psicologia do inconsciente acha difícil imaginar o papel que o inconsciente desempenha no processo analítico. O inconsciente é uma entidade psiquicamente viva e, ao que parece, com relativa autonomia, comportando-se como uma personalidade dotada de intenções próprias. Em todo caso, seria totalmente incorreto considerar o inconsciente como simples "material" ou como objeto passivo para ser usado e manipulado. Também a sua função biológica não pode ser considerada como uma espécie de complementação mecânica da consciência. Ele tem mais o caráter de compensação, isto é, de uma escolha inteligente dos meios que visam não só ao estabelecimento do equilíbrio mas também à progressão no sentido da totalidade.

A reação do inconsciente não é de forma alguma meramente passiva, mas toma iniciativas e é criadora; e às vezes sua atividade intencional predomina sobre sua reatividade costumeira. Como participante do Jogo da diferenciação da consciência ele não faz apenas oposição, mas contribui positivamente, através da revelação de seus conteúdos, para o enriquecimento da consciência, promovendo assim sua diferenciação. Só se verifica uma oposição hostil quando a consciência teima em sua unilateralidade e insiste em seu ponto de vista arbitrário, o que acontece sempre que há uma repressão e, consequentemente, uma dissociação parcial da consciência.

Esta natureza do inconsciente faz com que o entendimento ético com ele tenha caráter especial: não se trata de lidar com um material dado, mas de negociar com uma minoria (ou maioria, conforme o caso) com iguais direitos. Por isso o autor compara muito bem a relação com o inconsciente ao sistema parlamentar de uma democracia, enquanto a ética "antiga" imita ou prefigura inconscientemente o procedimento de uma monarquia absolutista ou de uma ditadura de partido único como acontece nas chamadas "democracias populares". Por meio da ética "nova" a consciência do eu é removida de sua posição central monárquica, fascista ou democrático-popular, e em seu lugar entra ou, melhor, é considerada central a totalidade, isto é, o si-mesmo. Este esteve desde sempre no centro e sempre desempenhou o papel de dirigente secreto.

Este estado de coisas já foi projetado até os céus, por assim dizer, pelo sistema metafísico dos gnósticos: a consciência do eu como o vaidoso demiurgo que supunha ser o único criador do universo e o Deus supremo e incognoscível do qual o demiurgo era uma emanação. À união entre consciência e inconsciente, ou seja, o processo de individuação, que é o cerne do problema ético, foi projetado como drama de salvação e consistia (em alguns sistemas) no descobrimento e reconhecimento, por parte do demiurgo, da existência do Deus altíssimo.

Este paralelo pode servir para indicar a magnitude do problema que estamos analisando e chamar a atenção para o caráter especial do confronto ético com o inconsciente. Trata-se aqui realmente de coisas essenciais. Isto explica por que a questão de uma "nova" ética se apresenta ao autor como algo muito sério e urgente, assunto que tratou com audácia, acuidade, paixão e reflexão intelectual em seu livro. Louvo o trabalho do autor como a primeira e notável tentativa de formular os problemas éticos, surgidos com a descoberta do inconsciente, e torná-los objeto de discussão.

Março de 1949
C.G. JUNG

TÉCNICAS DE MUDANÇA DE ATITUDE A SERVIÇO DA PAZ MUNDIAL

(Vida Simbólica 2)

Memorando à UNESCO

A psicoterapia, como ensinada e praticada no Instituto C.G. Jung de 1388 Psicologia Analítica, em Zurique, pode ser descrita como técnica para mudar a atitude mental. É um método pelo qual podem ser tratadas não só as neuroses e psicoses funcionais, mas também toda espécie de conflitos mentais e morais das pessoas normais. Consiste principalmente

Texto extraído de um manuscrito, com passagens escritas à máquina, escrito em inglês, em 1948, em resposta a uma pesquisa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). A Segunda Conferência Geral da UNESCO, em novembro-dezembro de 1947, havia aprovado uma resolução, incumbindo o Diretor Geral de promover "pesquisas sobre os métodos modernos que foram desenvolvidos nas áreas da educação, ciências políticas, filosofia e psicologia para mudar as atitudes mentais e sobre as circunstâncias sociais e políticas que favorecem o emprego de técnicas especiais".

Por isso foram solicitados memorandos de representantes de institutos especializados, incluindo a International Psychoanalytic Association, o Tavistock Institute of Human Relations e o C.G. Jung-Institut fur Analytische Psychologie. O senhor P.W. Martin, um funcionário da UNESCO, fez as negociações junto ao Jung-Institut.

O memorando de JUNG, aqui publicado com pequenas alterações linguísticas, foi posteriormente incorporado num texto, preparado pela Dra. Jolande Jacobi a pedido do Jung-Institut e enviado à UNESCO, em 23 de junho de 1948, para discussão na Conferência sobre métodos de mudança de atitude em prol da compreensão internacional, em outubro de 1948, em Royaumont (perto de Paris).

Mas o memorando do Jung-Institut não foi incluído na agenda da Conferência de Royaumont. Agradecemos à UNESCO-Press a autorização de publicar este memorando, bem como a Mr. J. Havet, Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, por suas sugestões e ajuda em 1974.

na integração dos conteúdos inconscientes na consciência. Uma vez que a mente inconsciente complementa ou, mais exatamente, compensa a atitude consciente, torna-se de grande utilidade prática quando a atitude da consciência se desvia para um lado a ponto de comprometer o equilíbrio mental. É o caso das neuroses e psicoses.

Os conflitos mentais e morais das pessoas normais apresentam um distúrbio de equilíbrio que varia de pessoa para pessoa: os opostos em conflito são ambos conscientes, ainda que nas neuroses a metade contraditória é em geral inconsciente. Mas, mesmo em pessoas normais, a atitude mental se baseia apenas parcialmente em motivos conscientes e racionais. Número razoável de motivos, muitas vezes decisivo, permanece inconsciente.

O inconsciente consiste de:

a. Conteúdos outrora conscientes, mas agora esquecidos ou reprimidos.

b. Elementos e combinações de elementos subliminares ainda não conscientes.

c. Padrões instintivos hereditários, os chamados arquétipos, que determinam o comportamento humano.

Todos esses conteúdos e elementos constituem juntos uma matriz da consciência que não funcionaria sem a constante colaboração deles. A dissociação entre consciência e inconsciente causa imediatamente distúrbios patológicos. Por isso, o inconsciente é um factor da maior importância biológica. Seu aspeto fisiológico consiste no funcionamento de todos os centros subcorticais que não podem ser influenciados pela vontade, e seu aspeto psicológico consiste daquelas tendências emocionais e dominantes na natureza humana que não podem ser governados pela razão.

Essas tendências são extremamente dinâmicas e de natureza ambivalente. Se corretamente entendidas, dão um suporte muito bem-vindo e útil às convicções e decisões conscientes. Se erroneamente entendidas e direcionadas, paralisam e cegam as pessoas, empurrando-as para uma psicose de massa. É, pois, de vital importância na psicologia clínica ter acesso a esse reservatório de energia, e nenhuma tentativa de mudar as atitudes mentais pode ter êxito permanente sem estabelecer primeiro um novo contato com o inconsciente.

O enorme efeito psicológico, causado por Hitler, baseou-se em seu método, altamente engenhoso, de jogar com o bem conhecido complexo de inferioridade nacional dos Alemães, sendo ele mesmo seu exemplo mais gritante. Uma liberação semelhante, mas positiva, desse dinamismo inconsciente foi a expansão na integração dos conteúdos inconscientes na consciência. Uma vez que a mente inconsciente complementa ou, mais exatamente, compensa a atitude consciente, torna-se de grande utilidade prática quando a atitude da consciência se

desvia para um lado a ponto de comprometer o equilíbrio mental. É o caso das neuroses e psicoses.

Os conflitos mentais e morais das pessoas normais apresentam um distúrbio de equilíbrio que varia de pessoa para pessoa: os opostos em conflito são ambos conscientes, ainda que nas neuroses a metade contraditória é em geral inconsciente. Mas, mesmo em pessoas normais, a atitude mental se baseia apenas parcialmente em motivos conscientes e racionais. Número razoável de motivos, muitas vezes decisivo, permanece inconsciente.

O inconsciente consiste de:

a. Conteúdos outrora conscientes, mas agora esquecidos ou reprimidos.

b. Elementos e combinações de elementos subliminares ainda não conscientes.

c. Padrões instintivos hereditários, os chamados arquétipos, que determinam o comportamento humano.

Todos esses conteúdos e elementos constituem juntos uma matriz da consciência que não funcionaria sem a constante colaboração deles. A dissociação entre consciência e inconsciente causa imediatamente distúrbios patológicos. Por isso, o inconsciente é um factor da maior importância biológica. Seu aspeto fisiológico consiste no funcionamento de todos os centros subcorticais que não podem ser influenciados pela vontade, e seu aspeto psicológico consiste daquelas tendências emocionais e dominantes na natureza humana que não podem ser governados pela razão. Essas tendências são extremamente dinâmicas e de natureza ambivalente. Se corretamente entendidas, dão um suporte muito bem-vindo e útil às convicções e decisões conscientes.

Se erroneamente entendidas e direcionadas, paralisam e cegam as pessoas, empurrando-as para uma psicose de massa. É, pois, de vital importância na psicologia clínica ter acesso a esse reservatório de energia, e nenhuma tentativa de mudar as atitudes mentais pode ter êxito permanente sem estabelecer primeiro um novo contato com o inconsciente. O enorme efeito psicológico, causado por Hitler, baseou-se em seu método, altamente engenhoso, de jogar com o bem conhecido complexo de inferioridade nacional dos Alemães, sendo ele mesmo seu exemplo mais gritante.

Uma liberação semelhante, mas positiva, desse dinamismo inconsciente foi a expansão avassaladora do cristianismo no segundo e terceiro séculos, e a difusão explosiva do Islão no século sétimo. Um exemplo instrutivo da insanidade epidêmica foi a mania da caça às bruxas nos países germânicos no século XV. Isto foi a causa de uma verdadeira campanha de esclarecimento, iniciada pela Bula papal Summi desiderantes, em 1484.

Devo ressaltar que "atitude mental" é um conceito que não descreve ou define muito bem o que entendemos por este termo. A atitude visada por nosso método não é apenas um fenômeno mental, mas também moral. Uma atitude é governada e sustentada por uma ideia consciente dominante, acompanhada por uma chamada "carga emocional", isto é, um valor emocional que é responsável pela eficácia da ideia. A simples ideia não tem qualquer efeito prático ou moral se não estiver baseada numa qualidade emocional, tendo normalmente um valor ético.

Na maior parte das vezes, uma dissociação neurótica é devida ao efeito de uma ideia intelectual ou moral que constitui um ideal incompatível com a natureza humana. O contrário também é verdadeiro, quando uma ideia imoral dominante suprime a melhor natureza de um

indivíduo. Em ambos os casos, a atitude é determinada tanto por factores mentais quanto morais. Isto explica por que uma mudança de atitude não é tarefa fácil, uma vez que sempre envolve esforço moral considerável. Se este falhar, a atitude não se modificará realmente e os velhos costumes persistirão sob o disfarce de novos slogans.

O *método* só pode ser descrito em seus aspetos gerais:

a. O paciente faz um relato honesto de sua biografia.

b. Reúne os sonhos e outros produtos do inconsciente e os submete à análise.

c. O procedimento analítico procura estabelecer o contexto que envolve cada item do sonho, etc. Isto é feito recolhendo-se as associações referentes a cada item. Esta parte é executada sobretudo pelo paciente.

d. O contexto elucida o texto incompreensível do sonho, da mesma forma que os paralelos filológicos tornam legíveis textos corrompidos ou mutilados.

e. Desse modo é possível estabelecer uma leitura do texto do sonho. Mas isto não significa ainda uma compreensão do sentido do sonho. A determinação de seu sentido é questão de prática, isto é, o sentido aparente deve ser relacionado à atitude consciente e com ela comparado. Sem esta comparação é impossível compreender o sentido funcional do sonho.

f. Via de regra, o sentido de um sonho é compensar a atitude consciente, isto é, ele acrescenta a esta última o que estava faltando nela. O sonho é uma tentativa natural de corrigir uma falta de equilíbrio,

e ele muda a atitude consciente até que seja restabelecido o estado de equilíbrio.

g. O método só pode ser aplicado a casos individuais, e quando o indivíduo a ele se submete voluntariamente.

h. Só é possível haver uma mudança de atitude quando há um motivo suficientemente forte para uma séria submissão ao método. Nos casos patológicos é em geral a própria doença ou suas consequências intoleráveis que fornecem a necessária motivação. Em casos normais de conflito, é uma forte depressão, desespero ou um problema religioso que levam o indivíduo a fazer um esforço concentrado para mudar definitivamente de atitude. Uma aplicação provisória ou experimental do método raramente produz o efeito desejado, isto é, uma completa mudança de atitude.

i. É possível também que uma pessoa séria e conscienciosa, com mente treinada e educação científica, possa adquirir conhecimento suficiente, através de cuidadoso estudo da literatura existente, para aplicar o método a si mesma até certo ponto. Assim, pode ao menos certificar-se das suas possibilidades. Mas, como o método é essencialmente um procedimento dialético, não conseguirá ir além de certo ponto sem a ajuda de um professor experiente. Uma vez que o método não envolve apenas factores intelectuais, mas também valores sentimentais e sobretudo a questão do relacionamento humano, torna-se imperativo o princípio da colaboração.

II

A aplicabilidade e eficácia do método descrito acima restringem-se fortemente ao indivíduo. A mudança de atitude só ocorre no indivíduo e por meio de tratamento individual. Além disso, só é aplicável com razoável esperança de sucesso a indivíduos dotados de certo grau de

inteligência e de um senso sadio de moralidade. Uma acentuada ausência de educação, baixo grau de inteligência e deficiência moral são factores proibitivos. Sendo que 50% da população está abaixo da normalidade em um ou outro desses aspetos, o método não teria nenhum efeito sobre essas pessoas, mesmo sob condições ideais.

Uma vez que os problemas mais íntimos e mais delicados se apresentam no momento em que se começa a penetrar no sentido dos sonhos, a atitude da pessoa não pode ser mudada sem que tome conhecimento dos aspetos mais questionáveis e dolorosos de seu próprio caráter. Portanto, não se pode esperar muito da aplicação desse método a um grupo. A mudança de atitude nunca começa pelo grupo, mas apenas pelo indivíduo.

Se vários indivíduos se submetessem separadamente a esse tratamento e — suposto que sua motivação fosse suficientemente forte — experimentassem uma mudança de atitude, poderiam formar posteriormente um grupo, uma minoria dirigente, que pode tornar-se o núcleo de uma corporação maior de pessoas. O número poderia aumentar

a. por tratamento individual,

b. por sugestão através de uma autoridade.

A grande massa do povo é levada por sua sugestibilidade. Não se pode mudar sua atitude, apenas seu comportamento. E este depende da autoridade dos líderes, cuja atitude foi realmente mudada.

Foi dessa maneira que se propagaram as ideias da psicologia moderna; e foi de maneira semelhante também que tomaram pé os vários tipos de movimentos intelectuais, morais e imorais. Este desenvolvimento parece teoricamente possível enquanto pudermos ter

certeza de que as causas da atitude humana são de natureza psicológica e podem ser alcançadas por meios psicológicos. Por outro lado temos que ter em mente que a psicologia hodierna é uma ciência ainda bem jovem, talvez ainda no berço. Por isso temos que admitir a possibilidade de factores causais além de nossas expectativas racionais.

Dentro dos limites acima mencionados, pode-se pressupor com bastante certeza uma mudança de atitude. O êxito não é fácil nem o método é infalível ou isento de fracassos. Requer uma boa dose de educação e treinamento do médico e do professor, e uma motivação bem forte por parte do paciente ou do aluno. Mas é facto também que o interesse do público em geral pela psicologia aumentou, apesar da resistência da autoridade académica. As ideias e os conceitos psicológicos difundiram-se amplamente, o que é prova irrefutável da necessidade real de se conhecer mais sobre psicologia. Dadas essas circunstâncias, não é impróprio considerar a possibilidade de aplicação mais ampla desse método.

A primeira coisa a fazer é convencer os professores. Mas aqui esbarramos contra a questão inevitável da motivação. Esta deve ser vital e mais forte do que o preconceito. Este é um obstáculo muito sério. É preciso mais que mero idealismo — o professor deve estar absolutamente convencido de que sua atitude pessoal necessita de revisão e até mesmo de mudança real. Ninguém concordará com isso a não ser que perceba que existe realmente algo de errado. Considerando a condição atual do mundo, qualquer pessoa inteligente está pronta a admitir que há algo de extremamente errado com nossa atitude. Esta afirmação global raramente atinge o indivíduo em questão, ou seja, o professor em potencial.

Ele acha que sua atitude é correta, precisando apenas de confirmação e apoio, mas não de mudança. Um passo muito grande separa esta convicção da seguinte conclusão: o mundo está errado e, por

isso, eu também estou errado. Pronunciar estas palavras é fácil, mas sentir sua verdade na medula dos próprios ossos é uma proposição bem diferente, ainda que seja a *conditio sine* qua non do verdadeiro professor. Em outras palavras, é uma questão de personalidade, sem a qual não têm sentido nenhum método e nenhuma organização. A pessoa que não tem o coração mudado não mudará o coração de ninguém. Infelizmente o mundo de hoje tende a menosprezar e ridicularizar esta verdade tão simples e evidente, provando assim sua própria imaturidade psicológica que é uma das causas principais do atual estado de coisas, bem como de inúmeras neuroses e conflitos individuais.

Desde a Idade Média nosso horizonte mental se ampliou muito, mas infelizmente de forma unilateral. O objeto exterior prevalece sobre a condição interior. Conhecemos muito pouco a nós mesmos e detestamos conhecer mais. No entanto, é a pessoa que experimenta o mundo, e toda experiência é determinada tanto pelo sujeito quanto pelo objeto. Portanto, o sujeito seria tão importante quanto o objeto. Mas na verdade conhecemos infinitamente menos nossa psique do que os objectos externos. Este facto não pode deixar de impressionar qualquer pessoa que tenta compreender a motivação das atitudes humanas.

O inconsciente de pessoas com boa formação intelectual é muitas vezes quase incrível em certos aspectos, sem mencionar seus preconceitos e modos irresponsáveis de lidar — ou, melhor, não lidar — com eles. Naturalmente o exemplo sugestivo que dão às massas tem consequências funestas, mas elas pouco ligam para a *trahison des clercs*. Nossa intuição e nossa auto-educação não acompanharam a contínua expansão do horizonte externo. Ao contrário, sob certos aspectos conhecemos menos da psique do que a Idade Média.

É evidente que um melhor conhecimento da psique humana começa com uma compreensão melhor de nós mesmos. Se o método tiver êxito, ele integra muitas vezes na consciência grande quantidade de material

até então inconsciente, alargando tanto seu campo de visão quanto sua responsabilidade moral. Quando os pais sabem quais de suas tendências e hábitos inconscientes são prejudiciais à psique de seus filhos, sentirão como dever moral fazer algo, suposto que seu senso de dever e seu amor estejam normalmente desenvolvidos. A mesma lei atua nos grupos e também nas nações, isto é, nas minorias dirigentes, se forem constituídas de pessoas conscientes de certas tendências que poderiam ameaçar seriamente as relações humanas.

O principal perigo é o egoísmo direto e indirecto, isto é, a inconsciência da igualdade última de todas as pessoas. O egoísmo indireto manifesta-se num altruísmo anormal que é capaz de impor a nosso próximo alguma coisa que a ele pareça correto ou bom, sob o disfarce de amor cristão, humanidade ou ajuda mútua. O egoísmo tem sempre o caráter de ganância e manifesta-se especialmente de três modos: desejo de poder, prazer e preguiça moral. Esses três males morais são suplementados por um quarto, que é o pior deles: a estupidez.

A verdadeira inteligência é muito rara e constitui, estatisticamente, parte infinitesimal da mente média. Considerada do ponto de vista de uma mente superior, a inteligência média é muito baixa. Infelizmente a inteligência fora do comum — como uma qualidade individual incomum — tem muitas vezes que pagar um preço alto, pois corresponde-lhe uma fraqueza ou deficiência moral, sendo portanto um presente duvidoso dos deuses.

A ganância é incontrolável, exceto quando contrabalançada por uma moralidade igualmente violenta. Mas quando a moralidade excede a norma, torna-se um perigo real para o relacionamento humano, porque é a instigadora direta do comportamento imoral compensador e, assim, revela sua raiz secreta, a ganância.

Uma nação consiste da soma de seus indivíduos, e seu caráter corresponde à média moral. Ninguém é imune a um mal nacionalmente difundido, a não ser que esteja firmemente convencido do perigo de que seu próprio caráter possa ser contaminado pelo mesmo mal. A imunidade da nação depende totalmente da existência de uma minoria dirigente, imune ao mal e capaz de combater o efeito altamente sugestivo da realização aparentemente possível de desejos. Se o líder não tiver imunidade total, será vítima inevitável de sua própria vontade de poder.

A ganância acumulada de uma nação torna-se incontrolável, a menos que seja neutralizada por todas as forças (civis e militares) de que dispõe o governo. Nenhuma sugestão funciona enquanto não se estiver convencido de sua força de persuasão. Argumentos racionais são ineficazes.

III

Como seguinte passo do desenvolvimento ulterior do método acima mencionado proponho:

a. Divulgar estas ideias em círculos que influenciam os poucos capazes de tirar suas próprias conclusões.

b. Se houver alguns convencidos de que sua própria atitude precisa realmente de reversão, seja-lhes concedido a oportunidade de submeter-se a um tratamento individual.

c. Uma vez que se deve contar com muita ilusão própria na seriedade da motivação de cada um, alguns logo desistirão, e outros precisarão mais tempo do que o previsto. Neste caso, a subvenção financeira concedida aos primeiros passa para os outros, de modo que possam continuar seu trabalho por um período de seis meses a um ano.

d. Sendo o termo “mudança de atitude” bastante indefinido, devemos sublinhar que entendemos por isso a mudança operada pela integração na consciência de conteúdos antes inconscientes. Esta adição envolve necessariamente uma mudança que é sentida como tal. A mudança nunca é neutra. É essencialmente um aumento de consciência, e depende inteiramente do caráter do indivíduo qual a forma que assumirá. Na pior das hipóteses é uma inoculação das próprias virtudes do indivíduo. É um desafio para a pessoa, e deve ser considerada um risco — o risco contido no desenvolvimento futuro da consciência humana!

1. Aqui foi anexada uma lista de “obras de referência”:

1. Atitude: Tipos psicológicos.

2. Método: O eu e o inconsciente, L'Homme à la découverte de son âme: Baynes, Mythology of the Soul; Wickes, Inner World of Childhood and Inner World of Man; Psicologia e educação.

3. Psicologia: A psicologia do inconsciente; Psicologia e religião; A energia psíquica e a natureza dos sonhos; A psicologia da transferência; Jacobi, A psicologia de C.G. Jung.

ESTARÁ O MUNDO À BEIRA

DE UM RENASCIMENTO ESPIRITUAL?

A *Hearst's International–Cosmopolitan*, de Abril de 1934, publicou este artigo «da autoria de Carl Gustav Jung», com o subtítulo: «*Um famoso psicólogo ultramoderno considera que a necessidade suprema do espírito humano é satisfeita pelo antigo espírito da Páscoa.*» Foi ilustrado com desenhos de carácter inspirador por Harold von Schmidt. Jung, contudo, escreveu a um correspondente americano em 21 de Abril de 1934: «A propósito, o meu chamado artigo na revista *Cosmopolitan* foi uma entrevista feita por um repórter e não um artigo escrito por mim. Nem sequer vi um exemplar.» O nome do repórter e a ocasião da entrevista não foram apurados. O mesmo texto, com pequenas variações (e um parágrafo adicional, assinalado com um asterisco, na p. 74), foi publicado sob o título «*A Alma do Homem Moderno*» numa revista de tipo *digest*, *The Modern Thinker* (Nova Iorque), Agosto de 1934.[1] Na presente versão, foram eliminados os excessos de itálico enfático.[1]

Eis aquilo que os teólogos, há vários séculos, vêm a clamar; aquilo que muitos deles afirmaram ver, através do nevoeiro da dúvida, da desilusão e do desespero, como uma estrela a brilhar nos céus elevados.

Não sou teólogo; sou médico, psicólogo. Mas, enquanto médico, tive experiência com milhares de pessoas de todas as partes do mundo — pessoas que vieram contar-me as histórias das suas vidas, as suas esperanças, os seus medos, os seus êxitos, os seus fracassos. Estudei cuidadosamente a sua psicologia, que é, e tem de ser, o meu guia.

Da minha experiência com esses milhares de pacientes, convenci-me de que o problema psicológico da atualidade é um problema espiritual, um problema religioso. O homem de hoje tem fome e sede de uma relação segura com as forças psíquicas dentro de si próprio. A sua consciência, recuando perante as dificuldades do mundo moderno, carece de uma relação com condições espirituais seguras. Isto torna-o neurótico, doente, amedrontado. A ciência disse-lhe que não há Deus e que a matéria é tudo o que existe. Isto privou a humanidade da sua flor, do seu sentimento de bem-estar e de segurança num mundo seguro.

À medida que o homem moderno é forçado a voltar-se para si próprio pela dúvida e pelo medo, olha para dentro da sua própria vida psíquica em busca daquilo de que a sua vida exterior o privou. Perante o atual interesse generalizado por toda a espécie de fenómenos psíquicos — um interesse como o mundo não experimentava desde a segunda metade do século XVII — não parece fora do âmbito do possível acreditar que estamos no limiar de uma nova época espiritual; e que, das profundezas da própria vida psíquica do homem, nascerão novas formas espirituais.

Olhemos à nossa volta: o que vemos? A desintegração de muitas religiões. É geralmente aceite que as igrejas já não mantêm as pessoas como outrora, sobretudo as pessoas instruídas, que deixaram de sentir que são redimidas por um sistema de teologia. O mesmo se observa nas antigas religiões estabelecidas do Oriente — o confucionismo e o budismo. Metade dos templos de Pequim está vazia. No nosso mundo ocidental, milhões de pessoas não vão à igreja. Só o protestantismo está fragmentado em quatrocentas denominações.

Compare-se este estado de vida e de pensamento com o da Idade Média. Nesses séculos, quase toda a gente ia à missa todas as manhãs. Toda a vida era vivida dentro da Igreja, que se tornou uma enorme saída de energia psíquica.

Em vez disso, temos hoje uma vida intrincada e complicada, cheia de dispositivos mecânicos para viver. Uma vida apinhada de automóveis, rádios e filmes. Mas nenhuma destas coisas substitui aquilo que perdemos. A religião dá-nos uma aplicação rica para os nossos sentimentos. Dá sentido à vida.

O homem da Idade Média vivia num mundo com significado. Sabia que Deus tinha criado o mundo para um fim definido; que o tinha criado para um fim definido — ir para o céu ou para o inferno. Isso fazia sentido. Hoje, o mundo em que todos nós vivemos é um manicómio. É isto que muitas pessoas sentem. Algumas delas vêm ter comigo para mo dizer.

Toda a energia que foi a origem da rica floração da vida emocional do homem durante a Idade Média, e que encontrou expressão na pintura

de grandes quadros religiosos, na escultura de grandes estátuas religiosas, na construção das grandes catedrais, perdeu intensidade. Não se perdeu, porque é lei que a energia não se pode perder.

Então, o que lhe aconteceu? Para onde foi? A resposta é que está no inconsciente do homem. Pode dizer-se que caiu para um piso inferior.

Tomemos o exemplo de um homem de negócios — bem-sucedido, rico, ainda não velho. Tem talvez quarenta e cinco anos. Diz: «Fiz a minha fortuna; tenho filhos já suficientemente crescidos para continuar o negócio que fundei. Vou reformar-me. Vou construir uma boa casa no campo e viver lá sem cuidados nem preocupações.» Assim faz. Constrói a casa e vai viver para lá. Diz para si próprio: «Agora a minha vida vai começar.»

Mas nada acontece.

Certa manhã, está no banho. Sente uma dor no flanco. Passa o dia inteiro preocupado com isso, a pensar no que poderá ser. Quando vai à mesa, não come. Em poucos dias, a digestão fica perturbada. Em duas semanas, está gravemente doente. Os médicos que chamou não sabem o que se passa com ele. Por fim, um deles diz-lhe: «A sua vida carece de interesse. Volte para o seu negócio. Retome-o.»

O homem é inteligente, e este conselho parece-lhe sensato. Decide segui-lo. Volta ao escritório, senta-se à sua antiga secretária e declara que agora ajudará os filhos na gestão. Mas, quando lhe trazem a primeira carta de negócios, não consegue concentrar-se nela. Não consegue tomar as decisões que ela exige. Agora está terrivelmente assustado com o seu estado.

Veem o que aconteceu. Ele não conseguia voltar atrás. Já era tarde demais. Mas a sua energia continua lá, e tem de ser utilizada.

Este homem vem ter comigo com o seu problema. Digo-lhe: «Fez muito bem em reformar-se dos negócios. Mas não para o nada. Precisa de algo em que se apoiar. Durante todos os anos em que dedicou a sua energia a construir o seu negócio, nunca construiu interesses fora dele. Não tinha nada em que se reformar.»

Este é um retrato da condição do homem de hoje. É por isso que sentimos que há algo de errado com o mundo. Todos os interesses materiais, os automóveis, os rádios e os arranha-céus que temos, não enchem a alma faminta. Tentamos reformar-nos do mundo, mas para quê? Alguns tentam regressar às igrejas. Alguns poucos conseguem fazê-lo. Mas muitos não encontram nisso plena satisfação. São como o homem de negócios que tentou voltar à sua secretária.

E essa gente vem ter comigo, pedindo-me que as ajude a encontrar um sentido para as suas vidas. O que lhes devo dizer?

Entre elas vem um homem que é apenas ligeiramente neurótico. Diz-me: «Na verdade, não estou muito doente. Talvez nem devesse estar aqui a ocupar o seu tempo. Mas sei que o senhor trabalha com a mente humana. Pensei, por isso, que talvez me pudesse dizer em que termos devo viver. Tenho a sensação de estar desamparado e só num mundo que não faz sentido.»

Digo-lhe: «Meu caro, eu não sei mais do que o senhor o significado do mundo ou o significado da sua vida. Mas o senhor — como todos os homens — nasceu com um cérebro já preparado. Foram precisos milhões de anos para construir o cérebro e o corpo que hoje temos. O seu cérebro incorpora toda a experiência da vida. A psique, que pode ser chamada a vida do cérebro, existia antes de existir a consciência na criança pequena.

«Agora, suponha que preciso de conselhos sobre como viver e sei da existência de um homem que já tem milhares de anos. Vou ter com ele e digo-lhe: "Viu muitas mudanças; observou e experimentou a vida sob muitos aspetos. A minha vida é curta — talvez setenta anos, talvez menos — e o senhor viveu milhares de anos. Diga-me qual é o sentido da vida para mim."»

Quando digo isto ao meu paciente, ele ergue as orelhas e olha para mim.

«Não», digo eu, «eu não sou esse homem. Mas esse homem fala consigo todas as noites. Como? Nos seus sonhos.»

Continuo: «Está em dificuldades. Sente que a sua vida não tem orientação. Eu não lhe posso dizer o que deve fazer. Mas vamos perguntar ao Grande Velho. Ele dir-lhe-á. Afaste-se durante alguns dias, e terá um sonho. Volte e conte-mo.»

Ele vai-se embora; volta e traz-me um sonho. É difícil de interpretar. Mas trabalhamos nele juntos, e ele diz-nos algo acerca dele próprio.

Certas pessoas perdem a ligação com a vida porque cometeram erros, ou porque vivem de forma errada, numa vida apenas intelectual. Os sonhos que trazem a um psicólogo ocupam-se primeiro dessas questões.

Todos os sonhos revelam experiências espirituais, desde que não se aplique à sua interpretação o próprio ponto de vista pessoal. Freud diz que todos os anseios do homem expressos nos seus sonhos se relacionam com a sexualidade. É verdade que o homem é um ser sexual. Mas é também um ser com estômago e fígado. Seria o mesmo que dizer que, por ter fígado, todos os seus problemas vêm desse único órgão.

O homem primitivo tem pouca dificuldade com o sexo. A satisfação dos seus desejos sexuais é demasiado fácil para constituir um problema.

O que preocupa o homem primitivo — e eu vivi entre povos primitivos, e Freud não — é a alimentação: onde a obter e em quantidade suficiente.

O homem civilizado revela, nos seus sonhos, a sua necessidade espiritual.

Quando a ciência moderna desinfetou o céu, não encontrou Deus. Alguns cientistas dizem que a ressurreição de Jesus, o nascimento virginal, os milagres — todas essas coisas que alimentaram o pensamento cristão ao longo dos séculos — são belas histórias, mas, ainda assim, não verdadeiras. O que eu digo, porém, é: não se deve ignorar o facto de estas ideias, que milhões de homens transportaram consigo através de gerações, serem verdades psicológicas eternas.

Vejamos esta verdade tal como o psicólogo a vê. Eis a mente do homem, sem preconceitos, imaculada, intacta, simbolizada por uma virgem. E essa mente virginal do homem pode dar à luz o próprio Deus.

«O reino dos céus está dentro de vós.» Esta é uma grande verdade psicológica. O cristianismo é um belo sistema de psicoterapia. Cura o sofrimento da alma.

Esta é a verdade a que o homem se agarrou ao longo dos séculos. Mesmo depois de a sua consciência ter escutado demasiado tempo à porta da ciência materialista moderna, ele agarra-se a ela no seu inconsciente. Os símbolos antigos são bons hoje. Ajustam-se às nossas mentes tão bem como se ajustavam às mentes que os conceberam.

No fundo do inconsciente de cada um de nós estão todas as tentativas desse Grande Velho para exprimir as suas experiências espirituais.

Suponha que o convido a ficar em minha casa. Digo-lhe que é bem construída, confortável; que a nossa vida é agradável; que terá boa comida. Pode nadar no lago e passear no jardim. Com estas ideias na mente, decide vir e desfruta da estadia. Mas suponha que, ao convidá-lo, lhe digo: «Esta casa não é segura. As fundações não são firmes. Há muitos sismos nesta região. Além disso, houve doenças aqui. Alguém morreu recentemente de tuberculose neste quarto.» Nessas condições e com essas ideias na mente, desfrutaria da estadia nessa casa?

Aquele homem medieval de que falámos tinha uma bela relação com Deus. Vivia num mundo seguro, ou num mundo que acreditava ser seguro. Deus cuidava de todos; recompensava os bons e punia os maus. Havia a Igreja, onde o homem podia sempre obter perdão e graça. Bastava lá ir para os receber. As suas orações eram ouvidas. Era espiritualmente amparado.

Mas o que é dito ao homem moderno? A ciência disse-lhe que não há ninguém a cuidar dele. E assim ele está cheio de medo. Durante algum tempo, depois de termos abandonado esse Deus medieval, tivemos o ouro como divindade. Mas agora também isso foi declarado

incompetente. Confiámos nos exércitos, mas a ameaça do gás venenoso derrotou-os. Já se fala da próxima guerra. Em Berlim construíram-se abrigos subterrâneos sob as ruas para fugir a ataques com gás. Se continuarem a falar assim, a pensar assim, a próxima guerra explodirá por si mesma.

Naturalmente, num mundo deste tipo, todos se tornam neuróticos. Mesmo que a casa em que vive seja realmente segura, se tiver a ideia de que não o é, sofrerá. A sua reação depende inteiramente daquilo que pensa.

Ao expor este ponto aos meus alunos, digo: «Como se mede uma coisa? Pelos seus efeitos. E, geralmente, pelos seus efeitos terríveis. Ocorre uma avalanche que varre uma dúzia de quintas, mata dezenas de vacas, e diz-se: "Que avalanche colossal!" Agora digam-me: qual é a coisa mais destrutiva que conhecem?»

Em seguida, consideramos o fogo, os sismos, as erupções vulcânicas, as cheias, as doenças.

Depois digo: «Não conseguem pensar em nada mais terrível do que qualquer destas coisas? E a Guerra Mundial?»

Ah, sim! Os explosivos de alto poder.

«Mas», digo eu, «os explosivos fabricam-se a si próprios? Declaram guerra e marcham para a guerra? Levam consigo os homens?»

É a psique do homem que faz as guerras. Não a sua consciência. A consciência tem medo, mas o inconsciente, que contém tanto a selvajaria herdada como as aspirações espirituais da raça, diz-lhe: «Agora é tempo de fazer a guerra. Agora é tempo de matar e destruir.» E ele fá-lo.

O perigo mais tremendo que o homem tem de enfrentar é o poder das suas ideias. Nenhuma força cósmica na Terra destruiu jamais dez milhões de homens em quatro anos. Mas a psique humana fê-lo. E pode fazê-lo novamente.

Só tenho medo de uma coisa — dos pensamentos das pessoas. Tenho meios de defesa contra as coisas.

Vivo aqui na minha casa, feliz, com a minha família. Mas suponha que eles passam a ter a ilusão de que eu sou um demónio. Posso ser feliz com eles então? Posso estar seguro? Todos nós estamos sujeitos a infeções de massa.

As infeções de massa são maiores do que o homem. E o homem é a sua vítima. Ele grita, desfila e finge ser o líder, mas na realidade é a vítima. Elas são a irrupção de forças terrenas e espirituais vindas das profundezas da psique.

Voltem o olhar da consciência para dentro, para ver o que lá está. Vejamos o que podemos fazer em pequena escala. Se plantei corretamente uma couve, então servi o mundo naquele lugar. Não sei o que mais posso fazer.

Examinem os espíritos que falam em vós. Tornem-se críticos. O homem moderno deve estar plenamente consciente dos terríveis perigos que residem nos movimentos de massas. Escutem o que o inconsciente diz. Atendam à voz desse Grande Velho dentro de vós, que viveu tanto tempo, que viu e experimentou tanto. Tentem compreender a vontade de Deus: uma força extraordinariamente potente da psique.

Está tudo lá. O reino dos céus está dentro de vós. Esta é uma grande verdade psicológica. O cristianismo é um belo sistema de psicoterapia. Cura o sofrimento da alma.

Eu digo: vão devagar. Vão devagar. Com todo o bem vem um mal correspondente, e com todo o mal um bem correspondente. Não corram demasiado depressa para um, a menos que estejam preparados para encontrar o outro.

Não me preocupo com o mundo. Preocupo-me com as pessoas com quem vivo. O outro mundo está todo nos jornais. A minha família e os meus vizinhos são a minha vida — a única vida que posso experimentar. O que está para além disso é mitologia jornalística. Não é de grande importância que eu faça carreira ou alcance grandes feitos para mim próprio. O que é importante e significativo para a minha vida é que eu

viva o mais plenamente possível para cumprir a vontade divina dentro de mim.

Esta tarefa dá-me tanto que fazer que não tenho tempo para mais nada. Permitam-me observar que, se todos vivêssemos assim, não precisaríamos de exércitos, nem de polícia, nem de diplomacia, nem de política, nem de bancos. Teríamos uma vida com sentido, e não aquilo que temos agora — loucura.

O que a natureza pede à macieira é que dê maçãs, e à pereira que dê peras. A natureza quer que eu seja simplesmente homem. Mas um homem consciente do que sou e do que estou a fazer. Deus procura a consciência no homem. Esta é a verdade do nascimento e da ressurreição de Cristo no interior. À medida que cada vez mais homens pensantes a ela chegam, este é o renascimento espiritual do mundo.

Cristo, o **Logos** — isto é, a mente, o entendimento — a brilhar na escuridão. Cristo foi uma nova verdade acerca do homem.

A humanidade não existe. Eu existo, você existe. Mas a humanidade é apenas uma palavra. Seja aquilo que Deus quer que seja; não se preocupe com a humanidade. Ao preocupar-se com a humanidade, que não existe, está a evitar olhar para aquilo que existe — o eu.

É como um homem que se inclina sobre a vedação do vizinho e lhe diz: «Veja, ali está uma erva daninha. E ali está outra. E porque não cava as leiras mais fundo? E porque não ata as videiras?» E, entretanto, o seu próprio jardim, atrás dele, está cheio de ervas daninhas.

POR QUE NÃO ADOTO A "VERDADE CATÓLICA?"

Em primeiro lugar porque sou um cristão prático que dá mais importância ao amor e à justiça para com seu irmão do que às especulações dogmáticas, cuja verdade ou não verdade últimas ninguém pode saber. O relacionamento com meu irmão e a unidade da cristandade verdadeiramente "católica" são para mim infinitamente mais importantes do que a "justificação pela fide sola".

Como cristão devo ajudar meu irmão a suportar a injustiça, e o pior de tudo é que não sei se ele, afinal, não tem mais razão do que eu. Considero imoral, ou ao menos não cristão, julgar que meu irmão está errado (chamando-o, por exemplo, de tolo, burro, malévolo, teimoso etc.) simplesmente porque eu acho que estou de posse da verdade absoluta. Toda reivindicação totalitária isola-se aos poucos porque exclui muitas pessoas como "rebeldes, perdidos, decaídos, apóstatas, hereges" etc. O totalitário sempre manobra a si mesmo para um canto, não importando qual tenha sido o número de seus seguidores. Considero todo confessionalismo inteiramente não cristão.

Em segundo lugar porque sou médico. Se eu possuísse a verdade absoluta, só poderia colocar nas mãos de meus pacientes um livro de orações ou um guia para a confissão, exatamente aquilo que não lhes serve de nada. Mas, por outro lado, se descubro em sua não verdade uma verdade, em sua confusão uma ordem, no seu estar perdido um ter encontrado, então eu o ajudei. Isto exige maior autoabnegação e autoengajamento por amor do irmão do que avaliar corretamente, do ponto de vista de uma confissão, os motivos do outro. [*]

O senhor subestima o imenso número dos que têm boa vontade, mas para os quais o confessionalismo fecha as portas. O cristão deve interessar-se, principalmente se for um médico das almas, pela espiritualidade dos supostamente não espirituais (espírito = fidelidade confessional), e só consegue fazer isso se falar a sua linguagem, não o conseguindo por certo se soprar a corneta querigmática já rouca, como o faz o confessionalismo amedrontador.

Quem no mundo de hoje ainda fala de uma única e absoluta verdade fala um dialeto obsoleto, mas não a linguagem dahumanidade. O cristianismo tem um εὐαγγέλιον, uma boa-nova de Deus, mas não um manual de dogmática com pretensões totalitárias. Por isso é difícil entender por que Deus teria se limitado a uma só mensagem. De qualquer forma, a modéstia cristã proíbe severamente pensar que Deus tenha enviado mensagen εὐαγγέλιον em outras línguas que não o grego a outros povos. Se não pensarmos assim, estamos pensando de maneira profundamente não cristã. O Cristo – o meu Cristo – não conhece fórmulas de maldição, também não aprova a maldição da figueira inocente do rabi Jesus, nem dá ouvidos ao missionário Paulo de Tarso quando proíbe aos cristãos amaldiçoar e, pouco depois, ele mesmo amaldiçoa.

Em terceiro lugar porque sou um cientista. A doutrina católica, que o senhor me expõe com tanta propriedade, eu também a conheço. Estou convencido de sua "verdade" enquanto formula factos psíquicos comprováveis e, como tal, confesso-me adepto dessa verdade sem mais. Mas quando faltam os fundamentos empíricos dos factos psíquicos, em nada me ajudaria acreditar em algo além deles, pois isto não substituiria minha falta de conhecimentos, ou seja, eu não poderia entregar-me à autoilusão de saber alguma coisa pelo simples facto de nela acreditar. Estou com quase setenta anos de idade, mas o charisma da fé nunca se manifestou em mim.

Talvez eu tenha sido muito soberbo, muito convencido; talvez o senhor tenha razão de que o mundo todo gira em redor do deus Jung. Mas nunca cheguei ao ponto de supor que aquilo que eu creio, sinto, penso e entendo fosse a única e definitiva verdade, e que eu gozo do indizível privilégio dessa semelhança de Deus de ser o dono da única verdade. O senhor percebe que, apesar de estimar o carisma da fée de sua bem-aventurança, é impossível para mim dizer sim à "fé", simplesmente porque isto não me diz nada.

O senhor certamente objetará que, apesar de tudo, eu falo de "Deus". Faço isso com o mesmo direito com que toda a humanidade desde sempre chamou de Deus aqueles efeitos numinosos de certos

factos psíquicos com causa desconhecida. Esta causa está além de minha compreensão e por isso nada mais posso dizer dela a não ser que estou convencido de sua existência; e ofaço com a mesma lógica com a qual se pode concluir, a partir de distúrbios na trajetória de um planeta, que existe um corpo celeste até então desconhecido. Não acredito na validade absoluta da lei causal, por isso me abstenho de "colocar" Deus como causa, pois assim eu já teria uma definição precisa.

Esta abstenção é sem dúvida um escândalo para o crente confessional. Mas, de acordo com o mandamento fundamental do cristianismo, devo suportar e entender não somente o meu irmão cismático protestante, mas também os meus irmãos da Arábia e da Índia. Também eles receberam mensagens estranhas, mas não menos confiáveis, e que eu tenho de entender. Como europeu, é muito difícil para mim suportar o meu irmão de cor que se defronta comigo em seu neopaganismo anticristão. Isto passa muito além dos limites da Alemanha como o cisma mais pernicioso que já atingiu o cristianismo. E mesmo que o negue milhares de vezes, ele está também em mim. Não é possível resolver este conflito, dizendo que o outro está errado e que eu estou absolutamente certo. Este conflito só pode ser resolvido, em primeiro lugar, dentro de mim e não no outro.

[*]. Escrito como parte de uma carta ao senhor H. Irminger, Zurique, 22 de setembro de 1944. Esta carta não chegou a ser enviada, mas assim mesmo Jung a guardou. Para a carta a Irminger, cf. Jung, Cartas II, org. por Aniela Jaffé.

JUNG E A FÉ RELIGIOSA

1. Perguntas a Jung e suas respostas

Pergunta 1. *O senhor diz que a religião é proveitosa à saúde psíquica e muitas vezes é de grande importância na segunda metade da vida, mas ela não é apenas útil à saúde quando o crente está convencido de que sua religião é verdadeira?*

O senhor não acha que, em seu compreensível desejo de restringir- se à psicologia, não manifesta uma tendência de menosprezar a procura das pessoas pela verdade e a maneira como o fazem, por exemplo, pela dedução?

Ninguém mais do que eu está convencido da importância da procura da verdade. Mas quando digo: algo transcendente é verdadeiro, então começa a minha crítica. Quando digo que alguma coisa é verdadeira, isto não significa que seja absolutamente verdadeira. Se eu não tivesse nenhuma dúvida a respeito, isto significaria que aceito implicitamente estar em condição de afirmar uma verdade absoluta. Isto é obviamente orgulho. Quando Erich Fromm me critica por causa de minhas ideias falsas, mas aduz em seu apoio o judaísmo, o cristianismo e o budismo, mostra apenas que seu ponto de vista é desprovido de lógica, exatamente como as conceções dessas religiões, cujas verdades se contradizem.

O judaísmo tem um Deus moralmente ambivalente; o cristianismo, uma Trindade e um Summum Bonum; o budismo não tem Deus, mas tem divindades interiores. A verdade deles é relativa e não absoluta – quando estas religiões são colocadas no mesmo nível, como o faz Fromm. Eu concordo e estou firmemente convencido de que é da máxima importância constatar a "verdade".

Eu estaria disposto a fazer afirmações transcendentais, sob uma condição: que eu constatasse ao mesmo tempo a possibilidade de que elas pudessem não ser verdadeiras. Por exemplo, "Deus é", isto significa que ele é como eu o penso. Mas como sei que é impossível para mim fazer uma ideia adequada de um ser universal e eterno, então minha ideia dele é lamentavelmente imperfeita; por isso a afirmação "Deus não é" é igualmente verdadeira e necessária. Fazer afirmações absolutas está fora do alcance da pessoa, ainda que seja eticamente indispensável que garanta totalmente sua verdade subjetiva, o que significa reconhecer que está obrigado por sua convicção de aplicá-la como princípio de sua ação. Todo julgamento humano, por maior que seja a convicção subjetiva, está sujeito a erro, sobretudo os julgamentos que se referem a temas transcendentais.

Tenho a impressão de que a filosofia de Fromm ainda não superou o nível do século XX; mas o instinto de poder das pessoas e seu orgulho são tão grandes que elas acreditam num julgamento de validade absoluta. Nenhuma pessoa de mentalidade científica e com senso de responsabilidade intelectual pode permitir-se tal arrogância. Estas são as razões de eu insistir no critério da existência, tanto no campo da ciência quanto no campo da religião, e no critério da experiência direta e primordial. Os factos são factos e não contêm falsidade. É o nosso julgamento que introduz o elemento do engano. Segundo penso, é mais importante que a ideia exista do que ser ela verdadeira. E isto apesar do facto de subjetivamente significar muito se uma ideia me parece verdadeira ou não, ainda que isto seja uma consideração secundária, pois não há outra maneira de estabelecer a verdade ou a inverdade de uma afirmação transcendental do que por meio da fé subjetiva.

Pergunta 2. *Será possível que o senhor menospreze a consciência por causa de uma supervalorização do inconsciente?*

Nunca tive a tendência de menosprezar a consciência insistindo na importância do inconsciente. Se me atribuem tal tendência, isto se deve a uma espécie de ilusão ótica. O que é consciente é o "conhecido", mas o que é inconsciente é muito pouco conhecido, e meus esforços principais visam iluminar nossa psique inconsciente. A consequência natural disso é que falo mais do inconsciente do que da consciência. Uma vez que todos acreditam ou, ao menos, procuram acreditar na superioridade inequívoca da consciência racional, devo acentuar a importância das forças irracionais inconscientes para conseguir uma espécie de equilíbrio.

Por isso parece ao leitor superficial de meus escritos que atribuo importância exagerada ao inconsciente em detrimento da consciência. Mas, na verdade, o peso principal está na consciência como conditio sine qua non *(requisito essencial)* da aperceção dos conteúdos inconscientes e como árbitro supremo no caos das possibilidades inconscientes. O meu livro sobre os "tipos" é um estudo cuidadoso da estrutura empírica da consciência. Se tivéssemos uma consciência inferior, seríamos todos loucos. O eu e a consciência do eu são da máxima importância. Seria supérfluo enfatizar a consciência se não estivesse numa relação compensadora especial com o inconsciente.

Indivíduos como Demant partem da ideia preconcebida de que o inconsciente seja algo mais ou menos feio e arcaico, do qual a gente devia livrar-se. Mas a experiência contradiz isso. A semelhança da natureza, o inconsciente é neutro. Se por um lado é destrutivo, por outro é construtivo. É a fonte de todos os males possíveis e, ao mesmo tempo, a matriz de toda experiência divina e – por mais paradoxal que pareça – ele produziu e produz a consciência. Esta afirmação não significa que a fonte gera, isto é, que a água nasce exatamente no lugar onde se vê a fonte do rio; ela provém da profundeza da montanha, passando por caminhos secretos, até chegar à luz do dia. Quando digo "Aqui está a fonte" quero significar apenas o lugar onde a água se torna visível.

A comparação da água exprime com bastante propriedade a natureza e o significado do inconsciente. Onde não há água, não há vida; onde há água demais, tudo se afoga. É tarefa da consciência escolher o lugar apropriado onde não se esteja muito perto nem muito longe da água; mas a água é indispensável. Uma opinião desfavorável sobre o inconsciente não permite a bons cristãos como Demant reconhecer que a experiência religiosa, enquanto acessível à mente humana, não pode ser distinguida da experiência dos chamados fenômenos inconscientes.

Não é normal que um ser metafísico entre em contato connosco por telefone; ele se comunica com a pessoa por meio da alma ou, em outras palavras, seu inconsciente ou, melhor ainda, através de sua base "psicoide" transcendental. Quando menosprezamos o inconsciente, bloqueamos os canais através dos quais flui a aqua gratiae, mas certamente não imobilizamos com este método o demônio. Sua função é precisamente criar obstáculos.

Quando são Paulo teve a visão de Cristo, esta visão foi um fenômeno psíquico – se é que foi alguma coisa. Eu não pretendo saber o que é a psique; sei apenas que há um âmbito psíquico no qual e a partir do qual se manifesta algo assim. E o lugar donde brota a aqua gratiae, mas ela provém, como sei muito bem, das profundezas incomensuráveis da montanha; e eu não pretendo conhecer os caminhos e lugares secretos que ela percorre antes de chegar à superfície.

Sendo as manifestações do inconsciente em geral ambivalentes ou mesmo ambíguas ("terrível é cair nas mãos do Deus vivo", Hb 10,31), a firmeza e a capacidade de discernir são da maior importância. Vemos isso de maneira bem clara durante o processo da individuação, quando devemos impedir que o paciente rejeite cegamente os dados do inconsciente ou a eles se submeta sem senso crítico. (Por que teve Jacó de lutar com o anjo do Senhor? Porque ele o teria matado se Jacó não defendesse sua vida.)

Não haverá desenvolvimento algum, mas apenas uma morte miserável num deserto árido, se acreditarmos poder dominar o inconsciente por meio de nosso racionalismo arbitrário. Foi isto que o princípio alemão "onde há uma vontade, também há um caminho" tentou conseguir, e sabemos quais foram os resultados.

Pergunta 3. *Em seu livro "Resposta a Jó", p. 463, o senhor diz o seguinte: "Já me perguntaram tantas vezes se eu acreditava ou não na existência de Deus que fiquei preocupado com a possibilidade de me considerarem um 'psicologista', num sentido mais amplo do que eu mesmo penso". E o senhor diz também: "Evidentemente Deus é uma realidade psíquica e não física", mas tenho a impressão de que o senhor não respondeu propriamente à pergunta se acredita ou não na existência de Deus, sem considerar o aspeto do arquétipo. O senhor acredita?*

Esta pergunta é importante porque gostaria de responder a uma espécie de objeção levantada por Glover em seu "Freud or Jung", p. 163: "O sistema de Jung é basicamente irreligioso. Ninguém deve preocupar-se se Deus existe, e muito menos Jung. Tudo o que é necessário é 'experimentar' uma 'atitude' porque isto 'ajuda a pessoa a viver'".

Um arquétipo – enquanto é possível constatá-lo empiricamente – é uma imagem. Como diz o próprio conceito, uma imagem é um quadro de algo. Um quadro arquetípico é como o retrato de um desconhecido numa galeria de arte. Seu nome, sua biografia, sua existência em geral são desconhecidos; supomos, no entanto, que o quadro retrate uma pessoa que já foi viva, alguém que teve uma realidade. Encontramos muitas representações de Deus, mas o original ninguém consegue encontrar. Para mim não há dúvida de que o original se esconde atrás de nossas representações, mas ele nos é inacessível. Jamais estaríamos em condições de perceber o original, porque deveria ser antes de mais nada traduzido em categorias psíquicas para tornar-se de alguma forma

percetível. Como se pareceria a Crítica da razão pura, de Kant, se traduzida para o imaginário psíquico de uma barata? E eu presumo que a diferença entre o ser humano e o criador de todas as coisas é incomensuravelmente maior do que entre um ser humano e uma barata.

Por que seríamos tão imodestos a ponto de supor que poderíamos encerrar um ser universal dentro dos estreitos limites de nossa linguagem? Sabemos que as representações de Deus têm papel importante na psicologia, mas não podemos provar a existência física de Deus. Como cientista responsável não farei sermões sobre minha convicção pessoal e subjetiva, que não posso provar. Não contribuirei em nada para o conhecimento ou para a melhoria e alargamento futuros da consciência se fizer uma confissão de meus próprios preconceitos. Vou simplesmente até onde alcança minha mente, e seria imoral do ponto de vista de minha ética intelectual aventurar-me em opiniões que ultrapassam o horizonte de minha compreensão. Se eu dissesse "acredito em tal e tal Deus", isto seria tão inútil quanto o primitivo dizer que há um poderoso fetiche dentro de uma latinha que encontrou na praia.

Quando me atenho a uma afirmação que acredito poder provar, isto não significa que eu negue a existência de outra coisa que possa existir além dela. É pura maldade imputar-me uma atitude ateia só porque procuro ser honesto e disciplinado. Para mim pessoalmente, a pergunta se Deus existe ou não é descabida. Estou suficientemente convencido dos efeitos que a humanidade desde sempre atribuiu a um ser divino. Se eu manifestasse para além disso alguma fé ou afirmasse a existência de Deus, isto não seria apenas supérfluo e ineficaz, mas mostraria também que não baseio minhas opiniões em factos. Quando as pessoas dizem que acreditam em Deus, isto nunca me causou a menor impressão. Ou eu sei alguma coisa, e então não preciso acreditar nela; ou eu acredito em alguma coisa porque não estou certo de saber o que seja. Estou muito

satisfeito com o facto de conhecer experiências que não posso qualificar de numinosas ou divinas.

Pergunta 4. *O senhor ignora a importância de outras disciplinas para a psique?*

Goldbrunner diz em seu livro "Individuation" que o tratamento que o senhor dispensa à questão "O que é Deus em si mesmo" é o de uma questão que o senhor considera como estando fora do campo da psicologia, e ele acrescenta: "Isto implica uma renúncia positivista e agnóstica de qualquer metafísica". O senhor concorda que seu tratamento chega a este ponto? O senhor não acha que temas como a metafísica e a história merecem um lugar no campo experimental da psique?

Não ignoro a importância das outras disciplinas para a psique. Quando eu era professor na ETH (Eidgenössische Technische Hoch schule) em Zurique dei aulas um ano inteiro sobre o tantrismo e, outro ano, sobre os Exercícios Espirituais, de santoInácio de Loyola. Além disso escrevi uma série de livros sobre a singular disciplina espiritual dos alquimistas.

O que Goldbrunner diz é correto. Eu não sei o que Deus é em si. Não sofro de megalomania. A psicologia é para mim uma ciência honesta que conhece seus limites, e eu não sou um filósofo ou um teólogo que acredita em sua capacidade de ultrapassar os limites epistemológicos. A ciência é feita por homens, o que não significa que não possam ocorrer às vezes atos da graça que fazem uma investida em campos do além. Não menosprezo nem nego esses factos, mas para mim eles estão fora do campo científico, conforme já expliquei acima. Eu acredito firmemente no valor autêntico do esforço humano para conseguir compreender, mas reconheço também que a mente humana não pode superar-se a si mesma, ainda que a graça divina possa conceder-nos, e

provavelmente nos concede, ao menos relances passageiros numa ordem transcendental das coisas.

Mas não estou em condições de dar uma explicação racional dessas intervenções divinas, nem posso prová-las. Muitas sessões analíticas com meus pacientes foram preenchidas com discussões sobre intromissões "metafísicas", e eu preciso urgentemente de conhecimentos históricos para estar a par de todos os problemas que me são trazidos. Para a saúde mental do paciente é da maior importância que receba uma explicação adequada sobre as coisas numinosas do inconsciente coletivo para que lhes dê o devido lugar. Trata-se de uma deturpação da verdade ou de falta de informação quando Goldbrunner classifica de "positivista" minha posição, o que significa um reconhecimento unilateral da verdade científica.

Sei muito bem que nossas hipóteses são transitórias e às vezes fúteis para valerem como verdades duradouras e como fundamentos confiáveis de uma cosmovisão capaz de dar ao ser humano uma orientação segura no caos desse mundo. Ao contrário, confio muito na afluência contínua das coisas numinosas a partir do inconsciente e do que quer que esteja por trás disso. Por isso Goldbrunner também não tem razão quando fala de uma "renúncia agnóstica a qualquer metafísica". Apenas defendo que a metafísica não pode opor-se à ciência, mas isto não significa que não ocorram muitas vezes experiências numinosas sobretudo no curso de uma análise ou na vida de uma pessoa verdadeiramente religiosa.

Pergunta 5. *Se interpreto bem seu ponto de vista, devo admitir que o senhor considera o mal como força bem mais ativa do que admitem as opiniões teológicas tradicionais. Parece que o senhor não consegue explicar de outro modo o estado do mundo de hoje. Será que estou certo? Em caso positivo, será que devemos então procurar o lado escuro na divindade? E se*

o senhor acredita que Satanás completa a quaternidade, isto não significa que a divindade seria imoral?

Victor White escreve em seu livro "God and the Unconscious" ao final da nota à página 76: "Por outro lado, não conseguimos encontrar qualquer sentido inteligível e, muito menos, desejável nas conceções tão fundamentais de Jung como 'assimilação da sombra', se não devem ser entendidas como o suplemento de algum bem ausente[*] ao que é essencialmente válido e 'bom' em si mesmo".

Estou convencido de que o mal é um factor tão positivo quanto o bem. Desconsiderando a experiência diária da vida, seria totalmente ilógico pensar que pudéssemos postular uma qualidade sem seu contraditório. Quando existe algo bom, naturalmente deve existir também algo que seja mau. A constatação de que alguma coisa é boa não seria possível sem que a pudéssemos diferenciar de outra coisa. Mesmo quando dizemos que algo existe, esta constatação só é possível ao lado de outra constatação de que algo não existe. Portanto, se a doutrina da Igreja declara que o mal não existe (μὴ ὄν), ou que é mera sombra, então o bem também é ilusório, uma vez que sua postulação seria sem sentido.

Suponhamos que tivéssemos algo cem por cento bom, e quando entrasse algo de mau, este bom sofreria uma diminuição de, digamos, cinco por cento. Ficaríamos então com noventa e cinco por cento de bom, e cinco por cento ficariam simplesmente faltando. Se o originalmente bom fosse reduzido em noventa e nove por cento, teríamos um por cento de bom, e noventa e nove por cento teriam sumido. Se este um por cento também sumisse, tudo desapareceria, e ficaríamos sem nada.

Até o último momento só teríamos o bom, e nós mesmos seríamos bons, mas de outro lado não haveria nada, e nada teria acontecido. A identificação do bem com a ousia é uma falsidade, porque a pessoa que é

totalmente má não desaparece simplesmente quando perdeu seu último bem. Mas, ainda que tenha um por cento de bom em si, ela é totalmente boa com seu corpo, alma e toda a sua existência; pois, de acordo com a doutrina, o mal é simplesmente idêntico à não existência. Isto é um silogismo tão horrível que para sua construção deve ter havido um motivo muito forte.

A razão disso é óbvia: é uma tentativa desesperada de salvar do dualismo a fé cristã. Segundo essa teoria, o próprio demônio, o mal encarnado, deve ser bom porque ele existe; mas sendo totalmente mau, ele não existe. Isto é uma tentativa clara de acabar com o dualismo, em flagrante contradição ao dogma de que o demônio é eterno e de que a condenação é uma realidade. Não pretendo saber explicar a situação real do mundo, mas toda pessoa sem preconceitos deve perceber que as forças do mal estão perigosamente próximas de vencer as forças do bem.

Aqui Basílio Magno diria: "Naturalmente, isto é assim, mas todo o mal provém do homem e não de Deus", esquecendo completamente que a serpente do paraíso não foi feita pelo homem, e que Satanás é um dos filhos de Deus, anterior ao homem. Se o homem fosse a origem de todo mal, teria um poder igual ou quase igual ao do bem, que é Deus. Mas não precisamos investigar a origem de Satanás. Temos no Antigo Testamento uma série de provas de que Javé é ao mesmo tempo moral e imoral, e a teologia rabínica tem plena consciência disso.

Javé comporta-se como um ser imoral, ainda que fosse o guardião da lei e da ordem. Segundo o Antigo Testamento, ele é injusto e não confiável. Mesmo o Deus do Novo Testamento é altamente irascível e vingador, a ponto de precisar do autossacrifício do seu filho para acalmar sua ira. A teologia cristã nunca negou a identidade do Deus do Antigo Testamento com a do Novo.

Agora eu pergunto: o que pensar de um juiz que, como guardião da lei, é ele próprio injusto? Estaríamos inclinados a chamar de imoral e essa pessoa. Eu o chamaria de moral e imoral ao mesmo tempo, acreditando ter encontrado a verdade com essa fórmula.

Certamente, o Deus do Antigo Testamento é bom e mau. Ele é o pai e o criador de Satanás tanto quanto o é de Cristo. Se Deus Pai fosse apenas um pai amoroso, certamente a morte cruel de Cristo não teria acontecido. Eu não deixaria trucidar meu filho para me reconciliar com os outros seres humanos desobedientes.

O que Victor White escreve sobre a assimilação da sombra não deve ser levado a sério. Na qualidade de sacerdote católico está de mãos e pés amarrados através da doutrina de sua Igreja, e precisa defender qualquer erro. A Igreja conhece tudo sobre a "assimilação" da sombra, isto é, como reprimi-la e o que é o mal. Na minha qualidade de médico nunca estou muito certo de meus julgamentos morais. Muitas vezes constato que aquilo que é virtude num indivíduo, no outro pode ser vício, e aquilo que é bom para alguém, para outro pode ser veneno. Por outro lado, sentimentos piedosos inventaram o conceito da felix culpa *(culpa feliz),* e Cristo deu preferência ao pecador. O próprio Deus não parece ter uma predileção especial pelo simplesmente justo.

Em lugar nenhum é mais importante enfatizar que estamos falando da imagem (o que não é a mesma coisa que o original) tradicional de nosso Deus do que na discussão sobre a privatio boni *(privação do bem).* Nós não criamos Deus por uma palavra mágica ou por uma representação de sua imagem. A palavra é sempre ainda um fetiche para nós, e nós pressupomos que ela cria a coisa da qual é simples imagem. Ninguém sabe o que Deus é em si mesmo; ao menos eu não sei. Por isso está fora do alcance humano fazer afirmações válidas sobre a natureza divina. Se desconsiderarmos a incapacidade da mente humana de

pressupor um conhecimento de Deus que não podemos ter, só nos sufocamos em contradições impossíveis e na tentativa de nos livrarmos delas, usando de sofismas horríveis como a privatio boni. Além disso, nossa fé infantil na onipotência da palavra é um sério empecilho para nosso pensar.

Esta é a razão histórica do grande número de contradições chocantes que ofereceram flancos vulneráveis ao ataque dos inimigos da religião. Recomendaria por isso com insistência uma revisão de nossas fórmulas religiosas com ajuda de uma visão psicológica. A grande vantagem do protestantismo é que dentro dele se torna possível uma discussão inteligente. O protestantismo deveria fazer uso dessa liberdade. Somente é vivo o que muda e evolui, ao passo que as coisas estáticas são o mesmo que morte espiritual.

2. PERGUNTAS E RESPOSTAS FINAIS

Pergunta 1. Se, em sua encarnação, Cristo concentrou-se no bem, como o senhor afirma em "Resposta a Jó", p. 414, 429s., o que o senhor entende por "Cristo deu preferência ao pecador" e "o próprio Deus não parece ter uma predileção especial pelo simplesmente justo"? Não há certa inconsequência nisso?

Naturalmente. E eu mostro exatamente isso.

Pergunta 2. *O senhor acentua o princípio dos opostos e a importância de sua união. O senhor fala também da enantiodromia* em conexão com os opostos, mas isto (no sentido em que Heraclito emprega o termo) jamais criaria um estado de equilíbrio dinâmico que pudesse levar à união dos opostos. Não há, pois, uma contradição naquilo que o senhor afirma sobre os opostos?*

*(NT: Enantiodromia é termo de Heráclito que expressa a ideia de que: *tudo o que é levado ao* extremo *tende a* converter-se no seu contrário;
os opostos se implicam e se transformam mutuamente.)

"Enantiodromia" designa um facto psicológico determinado, isto é, eu emprego esta palavra como conceito psicológico. Naturalmente ela não leva à união dos opostos e, além disso, nada tem a ver com isso. Não vejo contradição em lugar nenhum.

Pergunta 3. *Se o princípio da enantiodromia, um oscilar contínuo do pêndulo, está sempre presente, não teríamos um estado em que não existe mais qualquer senso de responsabilidade, mas tão só amoralidade e falta de sentido?*

Naturalmente a vida não teria sentido se a enantiodromia de estados psicológicos durasse para sempre. Mas tal suposição seria arbitrária e descabida.

Pergunta 4. *Quando entramos em contato direto com o farisaísmo, latrocínio ou assassinato, envolvendo descaridade, crueldade e tratamento egoísta dos outros, sabemos que isto é mau e abominável. Na vida real, o que chamamos de bom – fidelidade, integridade, caridade – não se manifesta como elemento de um par de opostos, mas como um comportamento que esperamos de nós e de nossos semelhantes. A dificuldade está em que não conseguimos avaliar com certeza todos os motivos que se escondem por trás de uma ação.*

Não temos condições de ver o todo e, por isso, deveríamos ser muito prudentes e cautelosos em nosso julgamento. Mas isto não significa que o bom não seja bom e que o mau não seja mau. O senhor não acha que aquilo que afirma sobre a quaternidade e a enantiodromia não anula em última

instância a distinção entre o bem e o mal? O que está sendo anulado não é a nossa capacidade de ver claramente as questões morais?

Significa apenas que os julgamentos morais são humanos, limitados e de forma nenhuma válidos metafisicamente. Dentro desses limites, o bom é bom e o mau é mau. Devemos ter a coragem de sustentar as nossas convicções. Não podemos imaginar um estado de totalidade (quaternidade) que seja bom e mau. Isto está além de nosso discernimento moral.

Pergunta 5. *Os teólogos que acreditam em Satanás dizem que ele foi criado bom, mas tornou-se mau por causa do uso de sua livre vontade. Qual a razão de se supor que ele seja o princípio inevitável do mal na divindade –- a quarta pessoa na quaternidade?*

Por que os Três são o Summum Bonum *(Bem Supremo),* e o demónio é o princípio e a personificação do mal. Numa quaternidade católica, a quarta pessoa seria a Mãe, que é noventa e nove por cento divina. Graças à privatio boni, em que o bonum é igual à οὐσία *(essência ou substância),* o demónio não contaria, sendo μὴ ὄν, *(o não-ser, ou não-ente)* uma sombra vazia.

Pergunta 6. *O senhor insiste muito na existência de quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Isto é uma tipologia definitiva e satisfatória ? Se o sentimento está incluído, por que também não a conação?*

As quatro funções são apenas um modelo para considerar as propriedades da consciência. A conação é um conceito aplicável ao processo criador, que começa no inconsciente e termina num resultado consciente; em outras palavras, é um aspeto dinâmico da vida psíquica.

Pergunta 7. *Em diversas passagens de seus últimos escritos o senhor acrescenta Satanás e a Santíssima Virgem Maria à Trindade; mas isto seria uma quinternidade. Quem constitui a quaternidade?*

A quaternidade pode ser uma estrutura hipotética, representando uma totalidade. Não é um conceito lógico, mas um dado empírico. O quinarius ou quinio *(conjunto de cinco princípios ou aspetos)* (na forma de 4 + 1, isto é, quincunx) aparece realmente como um símbolo da totalidade (na China e às vezes na alquimia), mas raras vezes. Em geral, o quinio não é um símbolo da totalidade, mas o contrário (p.ex., a estrela de cinco pontas dos soviéticos ou dos EUA). É antes a prima matéria caótica.

Pergunta 8. *A quaternidade não envolveria uma revisão não só da doutrina mas também das leis morais, uma vez que deveria forçosamente significar uma relatividade completa da moral se a amoralidade tivesse sua origem na própria divindade?*

A pessoa humana não consegue viver sem julgamentos morais. A partir da estrutura empírica da quaternidade de 3 + 1 (3 = bom, 1 = mau) pode-se concluir que o próprio inconsciente se caracteriza como uma mistura desigual de bem e mal.

Também há muitos casos em que a estrutura se inverte: 1+3(1 = bom, 3 = mau). Neste caso, o 3 representaria a chamada "tríade inferior". Uma vez que a quaternidade aparece via de regra como unidade, os opostos se anulam mutuamente, o que significa simplesmente que nosso julgamento antropomorfo já não é aplicável, isto é, a divindade está além do bem e do mal, ou a afirmação metafísica é inválida. Na medida em que o espírito humano e suas necessidades provêm das mãos do criador, temos de admitir que o discernimento moral surgiu da mesma fonte.

Pergunta 9. *O que o senhor entende exatamente quando usa a palavra quaternidade em relação à religião? O senhor usa "quaternidade" só para as imagens que os homens fazem da divindade? Às vezes o senhor dá a impressão de só se referir às imagens de Deus. Mas, outras vezes, parece que tem em mente a própria divindade. Isto acontece sobretudo quando o senhor acentua a necessidade de incluir Satanás e principalmente a Santíssima Virgem Maria na divindade. Se o senhor não se refere à própria divindade, então me parece inexplicável a insistência de suas palavras no reconhecimento do princípio do mal em Deus e seu louvor à proclamação da Assunção.*

Emprego o conceito quaternidade para o mandala e estruturas semelhantes que surgem espontaneamente em sonhos e visões ou que são inventadas para exprimir uma totalidade (quatro ventos e estações do ano ou quatro filhos, evangelistas, evangelhos, a via quádrupla etc.). A quaternidade é naturalmente uma representação ou uma imagem, o que não significa que não haja um original para isso.

Se os opostos não estivessem unidos na imagem, não haveria uma imagem da totalidade. Mas a intenção é ser uma imagem de totalidade inefável, em outras palavras, seu símbolo. Para o teólogo isto só tem importância enquanto ele atribui significado a ela. Pressupondo ele que suas imagens ou formulações não são conteúdos de sua consciência (o que seria uma contradictio in adiecto) *(contradição lógica interna em que o adjetivo nega ou anula o substantivo que qualifica),* só pode admitir que são réplicas exatas do original. Mas quem poderia afirmar isso? Ainda que a Igreja tenha desaprovado há muito tempo a ideia da quaternidade, permanece o facto de que o simbolismo eclesial está cheio de alusões à quaternidade. Uma vez que o três (Trindade) representa apenas um (ainda que o mais importante) aspeto da divindade, o quarto princípio que restou é extinto pelo sofisma da privatio boni.

Mas a Igreja católica estava consciente de que a imagem sem os opostos não era completa. Por isso admitiu (ao menos a título de experiência) a existência de um factor feminino dentro do âmbito da Trindade masculina (Assumptio Beatae Virginis) *(Assunção da Bem-Aventurada Virgem).* Por boas razões, o demónio é ainda excluído e, até mesmo, anulado pela privatio boni.

A assunção da Beata Virgo é uma tentativa ousada, uma vez que ela pertence ao "lubricum illud genus" *(coisa difícil de definir com precisão)* (Sto. Epifânio), tão suspeito às tendências moralistas da referida Igreja. Já fora "deificada" espiritualmente através do dogma da Imaculada Conceição. Considero a Assunção uma aproximação cautelosa da solução do problema dos opostos, isto é, da integração da quarta pessoa metafísica na totalidade divina. A Igreja católica quase conseguiu criar uma quaternidade sem sombra, mas o demónio ainda está de fora.

A assunção é no mínimo um passo importante no simbolismo cristão(?). Este desenvolvimento ficará completo quando se chegar ao dogma da Corredentora. Mas o problema principal continua insolúvel, mesmo com a inserção na totalidade divina de um par de opostos (masculino e feminino). Dessa maneira a Igreja católica (na pessoa do Papa) achou por bem considerar seriamente o movimento mariano nas massas, isto é, como facto psicológico, e abrir mão sem hesitar do princípio santificado pelos séculos da autoridade apostólica.

O protestantismo está livre para ignorar os problemas espirituais levantados por nossa época, mas afasta-se assim do campo de batalha e perde contato com a vida.

Enquanto símbolo natural e espontâneo, a quaternidade tem a ver diretamente com a psicologia humana, ao passo que o símbolo trinitário (ainda que igualmente espontâneo) tornou-se frio e uma abstração sem força. Curiosamente, em minha coleção de mandalas tenho apenas

pequeno número de trindades e tríades. Todas são de procedência alemã (inconscientes de sua sombra e, por isso, também inconscientes de sua culpa coletiva).

Não tenho nenhuma noção até que ponto as fórmulas humanas, inventadas ou espontâneas, correspondem ao original. Sei apenas que elas nos atingem profundamente, quer o saibamos ou não, assim como nos atinge uma doença quando dela não temos consciência. É de enorme consequência prática se nossa ideia predominante de totalidade se expressa através de três ou de quatro.

No primeiro caso, todo o bem vem de Deus e todo o mal vem do homem. Então o homem é o demônio. No segundo caso, o homem tem uma chance de ser salvo da possessão demoníaca, enquanto não estiver "inflado" pelo mal. O que aconteceu na Alemanha sob o nacional-socialismo? O que aconteceu sob o bolchevismo? Com a quaternidade, os poderes do mal, bem maiores do que os do homem, são restituídos à totalidade divina, donde se originaram, segundo o próprio Gênesis. A serpente não foi criada pelo homem.

O símbolo da quaternidade tem tanto a ver com a divindade como a Trindade. Quando começo a refletir sobre a experiência de Deus em geral, tenho de escolher em meu estoque de imagens entre os conceitos que o representam como mônada, díade, tríade, tétrade* ou como uma multiplicidade indistinta. Levando-se a sério qualquer uma dessas opções, a escolha se limita à espécie de imagem revelada que recebemos. Javé e Alá são mônadas, o Deus cristão é uma tríade (considerado historicamente), a experiência moderna é provavelmente uma tétrade, a divindade da Pérsia antiga é uma díade. No Oriente temos a mônada diádica Tao e o Anthropos (purusha) monádico, Buda etc.

**(NT: Expressa a noção de grandezas referentes a Unidade, Dualidade e Estrutura)*

Segundo a minha humilde opinião, tudo isso tem muito a ver com psicologia. Não temos outros pontos de apoio a não ser essas imagens. Sem imagens não poderíamos sequer falar de experiências divinas. Estaríamos totalmente desarticulados. Poderíamos apenas balbuciar "mana", e mesmo isto seria uma imagem. Como se trata de uma vivência indizível, a imagem é indispensável. Concordaria plenamente com a afirmação: Deus se aproxima dos homens na forma de símbolos. Mas estamos longe de saber se o símbolo é verdadeiro ou não.

A privatio boni não pode ser comparada à quaternidade, pois ela não é nenhuma revelação. Ao contrário, tem todas as características de uma "doutrina", de uma invenção filosófica.

Não faz diferença alguma se digo "Deus" ou "divindade". Ambos se encontram como tais muito além do alcance humano. Revelam-se a nós como imagens psíquicas, isto é, como símbolos.

Longe de mim fazer qualquer afirmação sobre o próprio Deus. Falo de imagens, e é importante refletir sobre elas, falar delas e criticá-las, porque a natureza de nossas ideias dominantes depende muito delas. Faz uma enorme diferença se eu considerar a mim mesmo, meu vizinho, o demônio ou um ser superior como fonte do bem ou do mal.

Naturalmente estou falando de pessoas que pensam e, como a maioria não pensa, falo de uma pequena minoria. Apesar disso, tem seu lugar na criação e, possivelmente, um sentido. A sua contribuição para o desenvolvimento da consciência é considerável e, uma vez que a natureza concedeu ao ser consciente o maior prémio do sucesso, a consciência deve ser mais preciosa para a natureza do que o inconsciente. Por isso acredito não errar muito quando tento compreender o símbolo da divindade. Segundo penso, esta tentativa – tenha ela êxito ou não – poderia ser de grande interesse para a teologia que nolens volens *(de bom-grado ou à força)* está construída sobre as

mesmas imagens primordiais. De qualquer forma, torna-se cada vez mais difícil convencer o leigo culto de que a teologia nada tem a ver com a psicologia, mesmo que esta se considere devedora das conceções teológicas.

A minha discussão com a teologia parte do facto de que os símbolos centrais, revelados de modo natural, como a quaternidade não concordam com os símbolos trinitários. Enquanto aquela inclui a escuridão na totalidade divina, o símbolo cristão a exclui. O símbolo javista da estrela de Davi é uma complexio oppositorum *(união dos contrários):* fogo e água: um mandala baseado no três, um reconhecimento inconsciente da Trindade, mas incluindo a sombra. E com razão, pois Satanás está ainda entre os benê Elohim (filhos de Deus), ainda que Cristo o tenha visto caindo do céu (Lc 10,18).

Esta visão indica a separação da sombra, mencionada por Irineu. Como dissemos, é da maior e mais vital importância para o homem se ele considera a si mesmo como fonte do mal e afirma que todo o bem procede de Deus. Quer ele o saiba ou não, isto o enche de um orgulho satânico e de soberba, por um lado, e de um sentimento abismal de inferioridade, por outro. Mas quando atribui a poderosa forçados opostos à divindade, pode assumir seu modesto lugar como imagem da divindade; não de Javé, em quem os opostos são inconscientes, mas de uma quaternidade, que consiste dos opostos principais – masculino e feminino, bom e mau – e que se reflete na consciência humana, como é confirmado pela experiência psicológica e pela evidência histórica. Fui eu por acaso que inventei a ideia do Tao, o símbolo espiritual vivo da China antiga? Ou os quatro filhos de Hórus no antigo Egito? Ou a quaternidade alquímica que esteve viva por quase um milênio? Ou a mandala Mahayana que está viva ainda hoje?

Pergunta 10. *Uma de suas objeções à doutrina da privatio boni é que ela minimiza o mal; mas sua conceção da quaternidade, que abrange tanto*

o bem quanto o mal, não minimiza ainda mais o mal, pressupondo sua existência para sempre?

[1.618] O símbolo da quaternidade relativiza o bem e o mal, mas não os minimiza de forma nenhuma.

Pergunta 11. O senhor argumenta em "Resposta a Jó" (p. 399, 430) que Cristo, devido a seu nascimento virginal, não foi verdadeiramente humano e, por isso, não poderia ser uma plena encarnação no sentido da natureza humana. O senhor acredita que Cristo nasceu de uma virgem? Se não, sua argumentação em "Resposta a Jó" cai no vazio. Se o senhor acredita no nascimento virginal, não seria lógico que o senhor aceitasse as doutrinas principais da fé cristã em seu todo, pois certamente não é mais difícil acreditar nelas do que no nascimento virginal?

O dogma do nascimento virginal não elimina o facto de "Deus", na figura do Espírito Santo, ser o pai de Cristo. Se Javé for seu pai, então faltam os poderes da escuridão, o conceito do "bem" perdeu seu sentido, e Cristo não se tornou pessoa humana, porque a pessoa humana é afetada pela escuridão.

Pergunta 12. Conforme relatam os evangelhos, Cristo nasceu numa manjedoura porque não havia lugar para ele na hospedaria de Belém; em sua infância ocorreu a matança das crianças em Belém, e a sua família teve que exilar-se por um tempo no Egito; foi tentado no deserto pelo demônio; exerceu seu ministério em tão duras condições que "não tinha onde repousar a cabeça" (Mt 8,20). Encontrou e ajudou muitos sofredores; os pecadores encontraram junto a ele compaixão e compreensão; suportou no jardim do Getsêmani uma agonia profunda, seguida de sua condenação e da morte mais cruel na cruz. O que leva o senhor a afirmar que Cristo foi uma encarnação do lado claro de Deus e que não teve plena participação nos aspetos escuros da existência?

("Resposta a Jó"). Segundo a tradição, no entanto, foi qualificado muitas vezes como um "homem das dores" e familiarizado com o sofrimento.

Tudo isso nada tem a ver com o lado escuro do ser humano. Cristo é, bem ao contrário, a vítima inocente e sem mácula, sem a macula peccati e, portanto, não realmente um ser humano que deve viver sem a vantagem de um nascimento virginal e que é crucificado de milhares de formas.

Pergunta 13. *O que o senhor tem em mente quando se refere em "Resposta a Jó" ao anticristo e seu reino e afirma que isto foi predito astrologicamente?*

Isso foi predito potencialmente pela era de peixes ( ) que então começou, e também pelo apocalipse. Veja minha exposição em Aion, capítulo VI; também Apocalipse 20,7: "Terminados os mil anos, Satanás será solto da prisão".

Pergunta 14. *O que o senhor entende por "inconsciência divina", em "Resposta a Jó" (nota de rodapé à página 383)? Deus é mais limitado do que o ser humano?*

Este é exatamente o problema. Em Jó torna-se bem claro que Javé se comporta como um homem com consciência inferior e com absoluta falta de autorreflexão moral. Neste aspeto a imagem de Deus é mais limitada do que o homem. Por isso Deus precisa ser encarnado.

Pergunta 15. *Um dos maiores problemas de Jó foi: Posso acreditar num Deus justo? A individuação, "uma cristificação de muitos", a solução dada em "Resposta a Jó" (p. 470), não resolve o problema de Jó. Jó não desejava antes uma explicação, um Deus bom, em vez de simples individuação? Ele estava envolvido em questões metafísicas e teológicas, como está o moderno Jó; e assim como o homem não vive só de pão,*

também não pode viver só da individuação que, no melhor dos casos, não pode ser mais do que um processo de preparação que o capacita a enfrentar essas questões com maior objetividade.

Jó queria justiça. Ele percebeu que não poderia consegui-la. Com Javé era impossível argumentar. Ele é um poder sem reflexão. O que resta a Jó senão ficar calado? Não sonha com individuação, mas sabe com que Deus está lidando. Certamente não é Jó que tira ulteriores conclusões, mas Deus. Ele percebe que a encarnação é inevitável, porque a compreensão do homem está um passo adiante. Precisa despojar-se da divindade e assumir a forma do δοῦλοσ (escravo), isto é, do ser humano em sua forma mais baixa, para alcançar a joia que a pessoa humana possui em sua autorreflexão. Por que Javé, o criador onipotente, está tão ansioso por possuir seu "escravo" em corpo e alma, até ao ponto do ciúme confessado?

Por que o senhor diz "só da individuação"? Individuação é a vida em Deus como mostra claramente a psicologia da mandala. O senhor não leu os meus livros mais recentes? Pode concluir isso de cada um deles. Os símbolos do si-mesmo coincidem com os da divindade. O si-mesmo não é o eu, ele simboliza a totalidade do homem, e este obviamente não é completo sem Deus. Isto parece ser o que se entende por encarnação e também por individuação.

3. RESPOSTAS A PERGUNTAS DO REVDO. DAVID COX

I

Esta pergunta refere-se à afirmação de Jung, em "Dois ensaios sobre psicologia analítica", de que a cultura ocidental não possui um nome ou conceito "para a união dos opostos num caminho do meio" e que possa ser comparado ao conceito do Tao. Sugeriu-se que a doutrina cristã da justificação pela fé fosse tal conceito.

Como não sou teólogo, não consigo ver uma conexão entre a doutrina da justificação e o Tao. O Tao é a colaboração dos opostos claro-escuro, seco-molhado, quente-frio, norte-sul, dragão-tigre etc., e nada tem a ver com os opostos morais ou com uma reconciliação entre o Summum Bonum e o demônio. Ao que eu saiba, a doutrina cristã não reconhece o dualismo como estrutura do Tao, mas a filosofia chinesa sim.

É certo que o homem natural procura sempre multiplicar o que lhe parece "bom" e remover o "mau". Ele confia em sua consciência, cujos objetivos, porém, podem ser atravessados pelo "consciente" ou por uma intenção inconsciente. Este factor pode ser eventualmente mais forte do que a consciência, de modo que não é possível combatê-lo. Na psicoterapia ocorrem muitos casos desses.

A "vontade de Deus" está muitas vezes em contradição com os princípios conscientes, por melhores que eles pareçam ser. Penitência e contrição são consequências da divergência da vontade superior. O resultado é – se não for um conflito crônico –uma coniunctio oppositorum na forma do símbolo (symbolum = as duas metades de uma moeda partida), como expressão da totalidade.

Não sabia que o senhor considerava Cristo como o novo centro do indivíduo. Uma vez que este centro do indivíduo aparece empiricamente como uma união dos opostos (comumente uma quaternidade), Cristo deve estar além do conflito moral e, assim, representar a decisão definitiva. Esta conceção concorda perfeitamente com minha ideia do si-mesmo (= Tao, Nirvana).

Mas como o si-mesmo abrange tanto minha consciência quanto o meu inconsciente, meu eu é parte integrante dele. É esta também a sua conceção de Cristo? Em caso afirmativo, poderia concordar plenamente com o senhor. A vida torna-se então uma aventura perigosa, porque me

entrego sem contestar a um poder que está além dos opostos, a um factor superior ou divino. Sua decisão suprema pode ser algo que eu denomino bom ou mau, uma vez que é ilimitada. Onde está a diferença entre o meu comportamento e o de um animal que cumpre incondicionalmente a vontade de Deus?A única diferença que eu vejo é que tenho consciência e reflito sobre o que faço. "Quando sabes o que fazes, és bem-aventurado". Fizemos alguma coisa.

(O administrador infiel). Isto é moral gnóstica, mas não a do decálogo. O verdadeiro servo de Deus corre riscos de não pequena monta. Entendu! Assim, por ordem de Deus, Oseias toma por esposa uma prostituta. Não está excluída a possibilidade de que tais ordens possam ser dadas mesmo em nossa época. Quem está disposto a obedecer?

E qual é a nossa atitude perante o facto de que tudo o que provém do inconsciente é expresso numa linguagem peculiar (palavras, pensamentos, sentimentos, impulsos) que pode ser interpretada erroneamente? Estas perguntas não pretendem ser argumento contra a validade de seu ponto de vista. Elas querem mostrar apenas a enormidade do risco. Eu as levantei só para ter certeza de que acreditamos num Cristo além do bem e do mal.

Tenho medo do otimismo irrefletido e de saídas secretas como, por exemplo: "Pode confiar que tudo vai dar certo". Isto é: "Deus é bom" (e não além do bem e do mal). Por que Deus criou a consciência, a razão e a dúvida, se a última ratio é a entrega total e a obediência à sua vontade? Obviamente não se contentou apenas com os animais. Quis seres racionais que fossem ao mesmo tempo capazes de entregar-se à escuridão criadora primordial de sua vontade, sem considerar as consequências.

Vejo-me forçado a dizer que no cristianismo primitivo houve muitos testemunhos em favor de sua conceção de Cristo, mas nenhum no desenvolvimento posterior da Igreja. Não obstante, temos os testemunhos bíblicos, aparentemente inabaláveis, sobre a bondade essencial de Deus e de Cristo, e não existe – ao menos quanto eu saiba – nenhuma passagem que fale expressamente de uma conceção além do bem e do mal, nem mesmo por alusão. Isto me parece uma interpretação bem moderna, nova e de caráter revolucionário, ao menos em relação ao Summum Bonum, visto que o senhor acrescenta o mal e transcende a ambos.

Neste sentido concordamos plenamente. Só gostaria de ter certeza de que nos entendemos quando chegamos à conclusão de que a verdadeira relação do homem com Deus deve conter tanto o amor quanto o temor para ser perfeita. Se ambos estiverem presentes, podemos estar certos de que temos uma relação adequada com ele. Umrelativiza o outro: no temor devemos ter esperança, no amor devemos ter desconfiança. Os dois factores apelam à nossa consciência, reflexão e razão. Ambos os dons exercem o seu direito.

Mas não será isto uma relativização da entrega total? Ou, ao menos, uma aceitação, após uma luta interna? Ou uma disputa com Deus da qual se consegue sair vencedor somente quando Ele – como Jó entendeu – se apresentar como advogado contra Ele mesmo? Não será isto uma dilaceração da unidade primordial de Deus por meio da teimosia do homem? Uma decomposição procurada pelo próprio Deus ou pelo próprio si-mesmo?

Sei de minha experiência profissional que o si-mesmo aspira a estes resultados porque deseja a consciência, que não é acessível sem distinção (diferenciação, separação, oposição, contradição, discussão). Empiricamente considerado, o si-mesmo encontra-se num estado que

chamaríamos de inconsciente em nosso mundo tridimensional. Não sabemos o que ele é em seu estado transcendental.

Enquanto for um objeto do conhecimento, passa por um processo de distinção e, com ele, tudo o que emana dele. A diferenciação é intelectual, emocional, ética etc. Isto significa: até este ponto, o si-mesmo está sujeito à nossa livre decisão. Mas quando ultrapassa nossa compreensão, somos seus objetos ou escravos, crianças ou ovelhas que nada mais sabem do que obedecer ao pastor. Devemos acentuar mais a consciência e a liberdade do julgamento, ou dar mais valor à obediência? No primeiro caso, podemos cumprir a vontade divina de conscientização e liberdade de julgamento e, no segundo caso, o instinto primitivo de obediência?

Assim personificamos o verdadeiro sim e não do opus divinum da creatio continua. Em certo sentido, nós mesmos estamos "além do bem e do mal". Isto é de facto muito perigoso (cf. Nietzsche), mas nenhum argumento contra a verdade. Mas, apesar disso, são igualmente verdadeiros nossa deficiência, nosso embotamento, preguiça, estupidez etc. Ambos são aspetos de um e mesmo ser.

Também os alquimistas pensavam que seu opus era uma continuação e um aperfeiçoamento da criação, enquanto a tentativa psicológica moderna confronta entre si os opostos e sujeita-se à tensão do conflito "expectans naturae operationem, quae lentíssima est, aequo animo" *("esperando, com ânimo sereno, a operação da natureza, que é lentíssima.")*, como disse um mestre antigo. Sabemos que um "tertium quid" *(um terceiro algo)* se desenvolve a partir de um oposto, em parte com a ajuda de nosso esforço consciente e, em parte, com a colaboração do inconsciente (os alquimistas acrescentam "Deo concedente").

O resultado desse opus é o símbolo ou, em última instância, o si-mesmo. Os alquimistas entendem isso física e espiritualmente, como o filius macrocosmi, um paralelo de Cristo, o υἱος τοῦ ἀνθρώπου *(filho do homem).* Os gnósticos consideravam a serpente do paraíso como o λόγος *(a palavra)* e, da mesma forma, os alquimistas acreditavam que seu filius philosophorum *(filho dos filósofos)* fosse a serpens mercurialis *(serpente mercurial)* transformada (entendiam a serpente no ταυρός (cruz) como uma "allegoria ad Christum spectans") *(alegoria referente a Cristo).*

A sua ingenuidade revela uma hesitação (que eu também sinto) de identificar o si-mesmo com Cristo. Seu símbolo é o lapis. Ele é indestrutível, "semel factus" *(feito uma vez)* (provém do increatum, do caos primordial), perpétuo, nosso instrumento e senhor ao mesmo tempo ("Philosophus non est Magister lapidis, sed potius minister") *(o Filósofo náo é mestre da pedra mas antes o seu servidor),* o salvador da criação em geral, dos minerais, plantas, animais e da imperfeição física do homem. Daí os seus sinônimos: panacea, alexipharmakon *(antídoto),* medicina catholica etc. (e heléboro, porque cura a demência).

Naturalmente, quando se define Cristo como complexio oppositorum, resolve-se a equação. Mas a gente se confronta com uma violenta contraposição histórica. Como se trata de um ponto da maior importância, gostaria de esclarecer o problema de forma a não deixar dúvidas. Isto pode desculpar e explicar minha argumentação de longo fôlego.

II

Em "Resposta a Jó", Jung afirma que Jesus só encarna o lado claro de Deus. Esta pode ser a maneira pela qual a maioria dos homens e mulheres do Ocidente considera hoje Jesus; mas não é isto uma adulteração do Novo Testamento e do pensamento cristão, desenvolvido durante séculos?

O senhor precisa levar em conta que eu sou um médico de doentes mentais e um psicólogo prático que deve tomar as coisas como elas são entendidas realmente, e não como poderiam ou deveriam ser entendidas. Os gnósticos entenderam que Cristo livrou-se de sua sombra, e eu nunca ouvi dizer que ele tivesse incorporado o mal, como Javé o fez expressamente. A doutrina católica bem como a protestante insistem na ausência de pecado em Cristo. Como cientista, ocupo-me principalmente do que é acreditado em geral, ainda que me impressione o facto de as doutrinas eclesiais não fazerem justiça a certos factos do Novo Testamento.

Mas devo considerar o consensus omnium *(acordo universal)* de que Cristo é sem macula peccati. Se eu dissesse que em Cristo há algum mal, teria certamente as Igrejas contra mim. Enquanto psicólogo não posso ocupar-me do conceito teológico da verdade. O meu campo é aquilo que o povo em geral acredita.

Uma vez que não me importa em primeiro lugar a teologia, mas sim a imagem que o leigo tem dos conceitos teológicos (um facto que o senhor deve sempre ter presente), tenho a tendência de fazer afirmações que parecem contraditórias (como as pessoas da Idade Média que, como o senhor muito bem coloca, estavam familiarizadas com todas as histórias cósmicas sobre Jesus). Os evangelhos dão realmente várias indicações que apontam para o lado escuro, mas isto

não influenciou a imagem difundida em geral do lumen de lumine *(luz da luz).*

Penso como psicólogo em todas as outras representações errôneas possíveis que existem em larga escala, apesar da grande preocupação crítica, da cuidadosa exegese e de todos os trabalhos da pesquisa teológica. Meu objeto de pesquisa é o estado geral da mente cristã, e não a teologia, campo em que sou totalmente incompetente. Pelo facto de ser dominante no leigo a ideia do "lumen de lumine", ouso chamar a atenção para determinados testemunhos bíblicos (que são compreensíveis ao leigo) que mostram uma outra imagem de Cristo.

Estou certo de que sua conceção de Cristo só entrará com muita dificuldade em certas cabeças duras. O mesmo se dá com a ideia do mal contido em Deus. Estou interessado em dogmas, ilusões, erros e dúvidas de toda espécie que embaralham a mente do leigo, e procuro trazer certa ordem para este caos através de meios acessíveis ao leigo, ainda que eu mesmo seja um representante do modesto "ignoramus".

III

Esta pergunta refere-se à relação entre fé e projeção. *Nos seus escritos, Jung tratou da fé como ligada a uma forma externa de religião?*

Não entendi bem a pergunta. Naturalmente, a "fé" é uma relação com conteúdos projetados. Mas não consigo entender como isto "corresponde para todos os objetivos práticos a um retraimento da projeção". Parece-me, ao contrário, que a fé mantém a convicção de que a projeção é uma realidade. Por exemplo, projeto em alguém os atributos de um santo. Então minha fé sustenta e aumenta essa projeção, criando em mim uma atitude de veneração. Mas pode ser que o recetor da projeção não seja nada disso, ou que seja um refinado hipócrita. Ou eu poderia projetar, ou hipostasiar, uma convicção religiosa

de certo tipo e mantê-la com fé e ardor. Onde fica então o "retraimento da projeção"?

Em caso de dúvida, é melhor recorrer ao Símbolos da transformação. Eu estava naquela época bem no começo. Foi quando rompi com Freud, em 1912. Encontrava-me em grandes dificuldades interiores, porque não tinha ideia alguma do inconsciente coletivo ou dos arquétipos. Minha formação baseava-se principalmente nas ciências naturais, com um modesto suplemento de filologia clássica. Foi uma época de Sturm und Drang (tempestade e ímpeto). Wandlungen und Symbole der Libido foi um salto intuitivo no escuro e contém muitas formulações inadequadas e pensamentos inacabados.

Faço uma distinção geral entre "religião" e "confissão de fé", tendo em vista o leigo, pois é ele principalmente que lê meus livros, e não o de formação universitária. Este não está interessado na mentalidade do leigo. Em geral tem aversão à psicologia. Devo repetir: sou psicólogo e, por isso, estou interessado em primeiro lugar na psique humana, ainda que esteja ávido da verdade que o especialista traz à luz. O leigo identifica religião com uma "confissão", isto é, com as "coisas que são feitas na Igreja". O islamismo, o judaísmo, o budismo etc. são simplesmente religiões, como o cristianismo.

Só sabemos por ouvir dizer que existe uma verdadeira vida interior, uma comunhão com forças transcendentais, a possibilidade de uma experiência religiosa. As Igrejas também não simpatizam com a ideia de que o alfa e o ômega da religião seja a experiência individual subjetiva. Para elas está em primeiro lugar a comunidade, esquecendo o facto de que, quanto mais pessoas estiverem reunidas, menos individualidade existe.

Ficar sozinho com Deus é altamente suspeito, porque a vontade de Deus – pasmem! – pode ser terrível e isolar alguém de sua família e de

seus amigos ou, se alguém for corajoso ou tolo o bastante, pode baixar ao manicómio. Mas, como é possível a religião sem a experiência da vontade divina? As coisas são relativamente simples enquanto Deus não exige de nós mais do que o cumprimento de suas leis; mas o que dizer se ele exige de nós que as transgridamos – o que também está dentro do possível?

O pobre Oseias podia acreditar na natureza simbólica de seu deplorável casamento, mas o que acontece com o igualmente pobre e pequeno médico que, por causa de uma mentira, tem de colocar em risco sua alma para salvar uma vida humana? Ele não pode nem mesmo fazer a tentativa de mostrar o quanto o aflige a mentira, ainda que, sozinho com Deus, ele se sinta justificado.

E no caso de ser descoberto, deve arcar com as consequências ignominiosas de sua ação, e ninguém vai acreditar que cumpriu a vontade divina. Ser a voz de Deus já não é uma função social. "Si parva licet componere magnis" *(se é lícito comparar as coisas pequenas às grandes)* – o que ganhei com minha luta honesta em favor de Jó, que eu adiei o quanto pude? Fui considerado blasfemador, desprezível, um monstro cujo nome é lama. Coube a mim reunir ao meu redor as vítimas do Summum Bonum e ajudá-las com meus limitados meios.

Não posso dizer que a Igreja, seja de qual confissão for, me tenha apoiado em meus esforços. O senhor é um dos poucos que admite a complexio oppositorum na divindade. (Parece que Nicolau De Cusa não sabia, nem o restante de seus contemporâneos, realmente do que estava falando, caso contrário teria sido queimado há muito tempo.) Eis a razão por que não identifico religião com nenhuma confissão. Para mim, verdadeira comunidade só é possível com aqueles que têm experiências religiosas iguais ou semelhantes, e não com aqueles que só acreditam na letra e nunca se deram ao trabalho de entender suas implicações e expor-se sem reservas à vontade divina. Estes usam a palavra de Deus

para proteger-se da vontade de Deus. Nada protege melhor da solidão e do abandono à experiência divina do que a comunidade. Ela é o melhor e mais seguro substituto da responsabilidade individual.

O si-mesmo ou Cristo está presente em cada um de nós a priori, mas inicialmente em geral no estado de inconsciência. Mas é decisivamente uma experiência da vida posterior, se este facto se tornar consciente. Não é possível apropriar-nos dele por meio da aprendizagem ou da sugestão. Ele só é uma realidade quando acontece, e só pode acontecer quando retiramos nossas projeções de um Cristo exterior, histórico ou metafísico e, dessa maneira, despertamos o Cristo interior. Isto não significa que o si-mesmo inconsciente seja inativo, mas apenas que não o compreendemos.

O si-mesmo (ou Cristo) não pode tornar-se real e consciente sem o retraimento das projeções externas. E necessário um ato de introjeção, isto é, o conhecimento de que o si-mesmo vive em nós e não uma figura externa, separada e diferente de nós. O si-mesmo sempre foi nosso centro mais íntimo e nossa periferia, nossa scintilla *(centelha)* e nosso punctum solis *(ponto solar),* e assim continuará sendo. Ele é inclusive, no sentido biológico, o arquétipo da ordem e – dinamicamente considerado – a fonte da vida.

IV

Aqui a pergunta se refere às objeções de Jung contra a conceção de que Deus é o Summum Bonum e que o pecado é a privatio boni.

Já referi que para o pensamento teológico parece constituir uma dificuldade capital aceitar o facto de que 1) "bem" e "mal" são julgamentos humanos. O que é bom para alguém pode ser mau para outro, e vice-versa. 2) Não é possível falar do "bem", sem ao mesmo tempo falar do "mal", assim como não pode haver "em cima", sem que

haja "em-baixo", ou o "dia" sem a "noite". 3) A privatio boni parece-me um silogismo. Se "bom" e οὐσία são a mesma coisa, sem uma contrapartida igualmente válida, então "bom" é também um μὴ ὄν, porque a palavra "bom" perdeu seu sentido; ele é simplesmente "ser" e mau é simplesmente "não ser", eo conceito significa "nada". Naturalmente, podemos chamar o mal de "nada", mas nada é simplesmente nada e não pode ter outro nome que o transforme em "algo". Algo não existente não tem nome nem qualidade.

A privatio boni significa que o mal é μὴ ὄν não ser ou nada. Nem mesmo é uma sombra. Permanece apenas o ον, mas ele não é bom porque não existe nada mau. Portanto, o epíteto "bom" é supérfluo. Podemos chamar Deus de Summum, mas não de Bonum, porque não há outra coisa diferente do "ser," do Summum enquanto ser. A privatio boni não é uma invenção dos Padres da Igreja, mas este silogismo lhes agradava muito por causa do perigo maniqueísta do dualismo. Mas sem dualismo não existe conhecimento algum, porque é impossível a distinção.

Eu nunca concluí (como o senhor afirma) de meus estudos dos Padres da Igreja que Deus é o sumo bem em relação ao ser humano, não importando o que ele possa ser em si mesmo. Isto é novidade para mim. Obviamente, minha crítica ao Summum Bonun não se aplica a este caso. O Bonum seria então um julgamento antropomórfico, "Deus é bom para mim", deixando em aberto a questão se ele o é igualmente para os outros. Se o consideramos como uma complexio oppositorum, isto é, como além do bem e do mal, então é possível que possa aparecer igualmente como a fonte do mal, o que o senhor acredita que possa ser bom em última análise para o homem.

As minhas observações frequentes levaram-me à convicção indubitável de que um mal aparente não é verdadeiro mal quando o aceitamos e o vivenciamos obedientemente até onde for possível; mas

também estou convencido do que um bem aparente nem sempre é bom, podendo ser bastante destrutivo. Se não fosse este o caso, tudo seria em última instância bom, isto é, bom em sua essência, e o mal realmente não existiria pois seria simples aparência transitória. Em outras palavras, o conceito "bom" perdeu seu sentido, e a única base segura de conhecimento é nosso mundo da experiência onde a força do mal é muito real e de maneira alguma mera aparência transitória.

Talvez possamos ter a esperança otimista de que ao final de tudo, apesar das sérias dúvidas, "tudo ficará bem". Como não estou fazendo juízos metafísicos, não posso deixar de observar que, ao menos em nosso mundo empírico, os opostos estão inexoravelmente em ação e que, sem eles, este mundo não existiria. Não podemos pensar em nada que não seja uma forma de energia, e a energia está forçosamente baseada nos opostos.

Devo lembrar o facto psicológico de que, enquanto podemos constatar, a individuação é um fenômeno natural e, de certa forma, um objetivo inevitável que podemos chamar de bom para nós porque ela nos liberta do conflito, que do contrário continuaria insolúvel, dos opostos – ao menos até um grau percetível. Ela não é uma invenção do homem, mas é a própria natureza que produz sua imagem arquetípica. Assim, a crença de que "no fim tudo dará certo" não é destituída de base psíquica. Porém é mais do que questionável se este fenômeno tem algum significado para o mundo em geral, ou se interessa apenas ao indivíduo que alcançou um estado mais perfeito de consciência: do homem "redimido" de acordo com nossa doutrina cristã sobre a condenação eterna.

"Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos" é um logion *(oráculo)* autêntico e característico não apenas do gnosticismo.

V

Jung foi chamado de "gnóstico", mas ele rejeitou esta designação. Este termo foi provavelmente atribuído a ele (e a seu sistema) porque parece acreditar que a salvação é reservada a poucos, e que a massa não poderia nem ousaria fazer uma tentativa de individuação. É possível que seja um "gnóstico" neste sentido?

Designar meu "sistema" como "gnóstico" é uma invenção dos teólogos que me criticam. Além do mais, não tenho "sistema". Não sou filósofo, mas um simples empírico. É mérito dos gnósticos terem levantado o problema do πόθεν τὸ κακόν (donde vem o mal?). Valentino e Basilides são a meu ver grandes teólogos que procuraram resolver os problemas que foram constelados pelo inevitável afluxo do inconsciente coletivo – um facto claramente retratado pelo Evangelho "gnóstico" de João e por Paulo, sem falar do Apocalipse de João e do próprio Cristo (Administrador infiel e Codex Bezae sobre Lc 16,4).

No estilo de sua época, eles hipostasiavam suas ideias como entidades metafísicas. A psicologia não hipostasia, mas considera tais ideias como afirmações psicológicas sobre, ou modelos de, factores inconscientes essenciais que são inacessíveis à experiência direta. Muito mais longe o conhecimento científico não pode ir. Em nossa época há muitas pessoas que não conseguem acreditar numa afirmação que não entendem.

São gratas pela ajuda que a psicologia pode dar-lhes, mostrando-lhes que o comportamento humano é profundamente influenciado por arquétipos numinosos. Isto lhes dá certa compreensão do porquê e da maneira como o factor religioso desempenha um papel importante. Também lhes aponta caminhos e maneiras de reconhecer a atuação das ideias religiosas em sua própria psique.

Devo reconhecer que também eu só encontrei acesso à religião através da compreensão psicológica das experiências interiores, ao passo que as interpretações religiosas tradicionais me deixavam apático. Somente a psicologia ajudou-me a superar a impressão fatal de minha juventude de que tudo o que era inverídico e mesmo imoral em nosso mundo cotidiano e empírico devia ser aceito na religião como verdade eterna.

Especialmente o assassinato de uma vítima humana para aplacar a ira descabida de um Deus que criou seres imperfeitos, incapazes de satisfazer suas expectativas, envenenou para mim toda a religião. Ninguém sabia uma resposta. "Em Deus tudo é possível". Realmente! Como alguém que faz coisas inacreditáveis, ele mesmo é inacreditável; e, apesar disso, exigia-se de mim que acreditasse naquilo que todas as fibras de meu corpo se recusavam a aceitar. Há muitas questões que só posso esclarecer através da compreensão psicológica.

Apesar de tudo eu apreciei os gnósticos, porque eles reconheceram a necessidade de um raciocínio ulterior que falta totalmente no mundo cristão. Eles eram ao menos humanos e, por isso, compreensíveis. Mas eu não tenho nenhuma γνωοις τον Θεοῦ *(Conhece a Deus).* Conheço a realidade da experiência religiosa e os modelos psicológicos que permitem uma compreensão limitada.

Tenho uma gnose na medida em que tenho uma experiência direta, e meus modelos são amparados em grande parte pelas représentations collectives de todas as religiões. Mas não consigo entender por que uma confissão deveria possuir a única e perfeita verdade. Cada confissão reivindica para si esta prerrogativa. Daí a discordância geral. Isto não ajuda em nada. Alguma coisa está errada. Acredito ser a imodéstia da pretensão à deificação dos fiéis que dessa forma compensam sua dúvida interior. Em vez de basear-se na experiência direta, acreditam, por falta de coisa melhor, em palavras. O sacrificium intellectus *(oferta ou*

sacrifício do intelecto) é uma droga adocicada para a preguiça espiritual abrangente e para a inércia das pessoas.

Devo pedir muitas desculpas ao senhor porque minha atitude espiritual como leigo deve ser terrivelmente irritante ao seu ponto de vista. Mas o senhor sabe que, como psicólogo, meu interesse imediato não é a teologia, mas o público incompetente em geral, cujas convicções errôneas e falhas são tão reais para ele quanto o são as opiniões competentes para os teólogos. Meus pacientes me fazem continuamente perguntas "teológicas" e, quando digo que sou apenas um médico e que eles deveriam perguntar um teólogo, recebo em geral como resposta: "não adianta, já o fizemos", ou "não perguntamos ao padre porque recebemos como resposta o que já sabemos e que nada explica".

Eis a razão por que tento ajudar, a qualquer custo, os meus pacientes a terem algum tipo de compreensão. Isto lhes traz certa satisfação, e também a mim, ainda que seja insuficiente. Mas para eles soa como se alguém estivesse falando sua linguagem e entendendo suas perguntas que eles levam muito a sério. Outrora foi para mim uma questão importante saber até que ponto o protestantismo moderno identificava o Deus do Antigo Testamento com o do Novo.

Perguntei a dois professores universitários. Não responderam às minhas cartas. O terceiro (também professor) disse que não sabia. O quarto disse: "isto é muito simples. Javé é uma conceção algo mais arcaica que contrasta com a conceção diferenciada do Novo Testamento". E eu lhe disse: "Este é exatamente o tipo de silogismo do qual os senhores me acusam".

A minha pergunta deve ter soado muito inoportuna ou insensata. Mas não sei porquê. Eu falo pela psicologia do leigo. O leigo é uma realidade, e as suas perguntas existem. O meu livro Resposta a Jó

apresenta as perguntas de milhares, mas os teólogos não respondem, contentando-se com alusões obscuras à minha ignorância do hebraico, da crítica moderna, da exegese do Antigo Testamento etc., mas não há nenhuma resposta. Um professor jesuíta de teologia interpelou-me indignado como podia eu sugerir que a encarnação permaneceu incompleta. Eu disse: "o ser humano nasceu sob a macula peccati. Nem Cristo nem sua mãe partilham do pecado original.
Por isso não são humanos, mas sobre-humanos, uma espécie de Deus". O que respondeu? Nada.

Por que isto é assim? Meu raciocínio de leigo é sem dúvida imperfeito, e meu conhecimento teológico é lamentavelmente pobre, mas não é tão ruim quanto tudo isto que está aí, ao menos assim o creio. Conheço alguma coisa da psicologia do homem atual e do passado e, como psicólogo, apresento as perguntas que me foram feitas centenas de vezes por meus pacientes e outros leigos.

Certamente a teologia não sofreria prejuízo algum se prestasse atenção a elas. Sei que o senhor está muito ocupado para fazê-lo. Tenho máximo interesse em prevenir erros evitáveis e por isso ficaria muito grato se o senhor pudesse dar-se ao trabalho de indicar-me onde estou errado.

A gnose caracteriza-se por hipostasiar aperceções psicológicas, isto é, por integrar conteúdos arquetípicos além da "verdade" revelada dos evangelhos. Hipólito ainda considerava a filosofia grega clássica, juntamente com a filosofia gnóstica, como pontos de vista perfeitamente possíveis. A gnose cristã era para ele simplesmente a melhor e mais sublime de todas. As pessoas que me chamam de gnóstico não conseguem entender que sou um psicólogo que descreve modos de comportamento psíquico exatamente como o biólogo que estuda os procedimentos instintivos dos insetos. Ele não "acredita" nos teoremas da filosofia das abelhas.

Quando apresento os paralelos entre os sonhos e as fantasias gnósticas, não "acredito" em nenhum deles. São apenas factos que não precisam ser cridos nem hipostasiados. Um médico de doentes mentais não precisa ser louco pelo facto de analisar os delírios dos lunáticos, nem o sábio que estuda os tripitaka precisa ser budista.

4. Resposta a uma carta do Revdo. David Cox

O nó da questão é: "em nossa própria consciência". "Cristo" pode ser uma realidade externa (histórica e metafísica), uma imagem arquetípica ou uma ideia arquetípica no inconsciente coletivo, indicando um pano de fundo desconhecido. Eu consideraria a primeira sobretudo como uma projeção, mas não a última, porque é diretamente evidente. Ela não é projetada sobre coisa alguma, por isso não há projeção. A "fé" em Cristo é apenas diferente da fé em qualquer outra coisa, porque neste caso, sendo "Cristo" diretamente evidente, a palavra "fé", que alude à possibilidade da dúvida ou contém a dúvida, é muito fraca para caracterizar esta presença poderosa da qual não há escapatória.

Um general pode dizer aos seus soldados "vocês devem confiar em mim", porque alguém pode duvidar dele. Mas não se pode dizer a um homem que jaz ferido no campo de batalha: "você deveria acreditar que esta batalha é real", ou "esteja certo de que você está lidando com o inimigo". Isto é óbvio demais. Também o Jesus histórico começou a falar de "fé" porque viu que seus discípulos não tinham nenhuma prova. Eles tinham de acreditar, enquanto ele mesmo, idêntico a Deus, não tinha necessidade de "crer em Deus".

Normalmente identificamos a "psique" com aquilo que conhecemos dela, por isso achamos que podemos designar como não psíquicas certas (presumidas ou acreditadas) entidades metafísicas. Enquanto cientista, cônscio de minha responsabilidade, não posso enunciar semelhante juízo, pois tudo o que sei sobre os fenómenos religiosos comuns parece

indicar que se trata de factos psíquicos. Além disso não conheço a extensão completa da psique, porque existe o âmbito ilimitado do inconsciente. "Cristo" é definitivamente uma imagem arquetípica (eu não acrescento aqui a palavra "somente"), e isto é propriamente tudo o que sei sobre ele.

Como tal pertence aos fundamentos (coletivos) da psique. Por isso, eu o identifico com o que chamo de o si-mesmo. O si-mesmo domina sobre a totalidade da psique. Eu acho que nossos pontos de vista não divergem no essencial. Parece que o senhor só tem dificuldades com a diferenciação teológica (e autoimposta) da psique que o senhor parece considerar como definível em última análise.

Se a minha identificação de Cristo com o arquétipo do si-mesmo for válida, ele é, ou deveria ser, uma complexio oppositorum. Historicamente isto não é assim. Por isso fiquei muito surpreso com a sua afirmação de que Cristo contém os opostos. Entre a minha afirmação e o cristianismo histórico medeia o profundo abismo do dualismo cristão – Cristo e o demônio, o bem e o mal, Deus e a criação.

"Além do bem e do mal" significa apenas: não enunciamos nenhum juízo de valor moral. Mas, na verdade, nada mudou. O mesmo vale quando dizemos que é bom tudo o que Deus é ou faz. Uma vez que Deus faz tudo (e até mesmo o homem criado por ele é o seu instrumento), tudo é bom, e o termo "bom" perdeu seu sentido. "Deus" é um termo relativo. Não há bem sem o mal.

Receio que até a verdade revelada deva evoluir. Tudo o que é vivo sofre modificação. Não deveríamos contentar-nos com tradições imutáveis. A grande luta, que começou com o crepúsculo da consciência, ainda não alcançou seu ponto alto em nenhuma interpretação particular, seja ela apostólica, católica, protestante ou

outra qualquer. Até a Igreja católica, altamente conservadora, passou por cima de sua antiga norma da autenticidade apostólica com a Assumptio Beatae Virginis. Segundo ouço dos teólogos católicos, o próximo passo será o da "Corredentora". Esse reconhecimento óbvio do elemento feminino é um passo para a frente muito importante. Ele significa psicologicamente o reconhecimento do inconsciente, uma vez que a representante do inconsciente coletivo é a anima, o arquétipo de todas as mães divinas (ao menos na psique masculina).

O equivalente no lado protestante seria uma confrontação com o inconsciente como a contrapartida ou companheira do logos masculino. O símbolo até agora válido da estrutura espiritual mais elevada foi a Trindade + Satanás, a chamada estrutura 3 + 1, correspondendo às três funções conscientes contra uma inconsciente, a chamada função inferior; ou 1 + 3 se o lado consciente é entendido como um contra a chamada tríade inferior ou ctônica, mitológicamente caracterizada como três figuras de mães. Suponho que a avaliação negativa do inconsciente tem algo a ver com o facto de ter sido representado até agora por Satanás, mas sendo na realidade o aspeto feminino da psique masculina e, portanto, não totalmente mau, apesar do dito antigo: "Vir a Deo creatus, mulier a simia Dei".

Parece-me de grande importância que o protestantismo integrou a experiência psicológica como, por exemplo, Jacob Böhme. Para ele, Deus não é apenas amor mas, por outro lado e na mesma medida, também o fogo da ira no qual mora o próprio Lúcifer. Cristo é uma revelação de seu amor, mas ele pode também mostrar sua ira no estilo veterotestamentário *(relativo ao Antigo Testamento),* isto é, na forma do mal. Na medida em que do mal pode provir o bem, e do bem o mal, não sabemos se a criação em última análise é boa, ou se é um erro lamentável do qual Deus se arrepende. É um mistério insondável.

De qualquer forma não faremos justiça nem à nossa natureza em geral, nem à nossa natureza humana se negarmos a imensidade do mal e do sofrimento, desviando nossos olhos do aspeto cruel da criação. O mal deveria ser reconhecido como tal e não ser atribuído à pecabilidade do homem. Não se ofende a Javé pelo facto de o temermos.

É perfeitamente compreensível por que foi um Em Εὐαγγέλιον (evangelho, "boa-nova") que tomou conhecimento da bonitas Deus e de seu Filho. Os antigos sabiam, não apenas no mundo greco-romano mas também no Oriente longínquo, que a "cognitio sui ipsius" (autoconhecimento) era um pré-requisito para isso. O homem Jesus deve sua apoteose à disposição individual da natureza: ele tornou-se o símbolo do si-mesmo sob o aspeto do bem infindo, um símbolo de que mais precisava a civilização antiga (o mesmo acontecendo ainda hoje).

Pode ser considerado um facto que a figura dogmática de Cristo é o resultado do processo condensador de várias fontes. Uma das fontes principais é o homem-deus antiquíssimo do Egito: Osíris-Hórus e seus quatro filhos. Foi uma transformação do arquétipo inconsciente que até agora fora projetado sobre um ser divino, não humano. Incorporando-se numa pessoa histórica, chegava mais próximo da consciência; mas em concordância com a capacidade mental da época, ficou como que no limiar entre Deus e o homem, entre o desejo do bem e o medo do mal. Toda dúvida sobre a bondade absoluta de Deus teria levado a uma regressão imediata para o estado primitivo, pagão, isto é, para a amoralidade do princípio metafísico.

Desde então passaram dois mil anos. Neste período aprendemos que o bem e o mal são categorias do nosso julgamento moral e, por isso, relativas ao homem. Desse modo estava aberto o caminho para um novo modelo do si-mesmo. O julgamento moral é uma necessidade da mente humana. Cristo (ὁ Χριστός) é o modelo cristão do si-mesmo, assim como o Ἄνθρωπος é a correspondente fórmula egípcio-judaica. Atributos

morais foram retirados da divindade. A Igreja católica conseguiu acrescentar à Trindade masculina um elemento feminino. O protestantismo confrontou-se com o problema psicológico do inconsciente.

Ao que me parece, isto é um processo peculiar que se estende ao menos por quatrocentos anos de evolução mental. Do ponto de vista "eu-hemerístico", este processo pode ser considerado uma evolução do entendimento humano para compreender as forças supremas que estão fora de seu controle. (O processo abrange os seguintes estágios:) 1. Os deuses.

2. A suprema divindade, governando deuses e demônios.

3. Deus partilha de nosso destino humano, é traído, morto ou morre, e experimenta a ressurreição. Uma contrapartida feminina é envolvida dramaticamente no destino de Deus.

4. Deus torna-se homem de carne e osso e, assim, histórico. É identificado com a ideia abstrata do Summum Bonum e perde sua contrapartida feminina. A divindade feminina foi rebaixada a uma posição subordinada (Igreja).

A consciência começa a impor-se ao inconsciente. Isto é um passo para frente da maior importância no caminho da emancipação da consciência e de libertar o pensamento de seu entrelaçamento com as coisas. Assim cria-se uma base para a ciência, mas também para o ateísmo e o materialismo. Ambas as coisas são consequências inevitáveis da divisão fundamental entre espírito e matéria na filosofia cristã que proclamava a libertação do espírito em relação ao corpo e às suas amarras. 5. Todo o mundo metafísico é entendido como uma estrutura psíquica, projetada na esfera do desconhecido.

Neste ponto de vista existe o perigo de um ceticismo e racionalismo exagerados, porque as "forças supremas" primitivas foram reduzidas a meras representações sobre as quais pensava-se ter o controle

incondicional. Isto leva a uma negação completa das forças supremas (materialismo científico).

O outro ponto de vista parte da perspetiva do arquétipo. O caos primitivo da multiplicidade de deuses evoluiu para uma espécie de monarquia, e o arquétipo do si-mesmo impõe aos poucos a sua posição central de arquétipo da ordem no caos. Um Deus predomina, mas separado dos homens. O arquétipo mostra uma tendência de relacionar-se com a consciência através de um processo de penetração – o efeito humanizador de uma intervenção feminina, como vem expresso, por exemplo, na intriga de Isis. No mito cristão a divindade, o si-mesmo, penetra a consciência quase completamente, sem uma perda sensível de poder ou de prestígio.

Com o tempo, porém, nota-se que a encarnação causou uma perda às forças supremas. O lado escuro indispensável ficou para trás ou foi esvaziado, e falta o aspeto feminino. Torna-se, então, necessário outro ato de encarnação. Através do ateísmo, materialismo e agnosticismo é enfraquecido o aspeto poderoso mas unilateral do Summum Bonum, de modo que já não pode manter de fora o lado escuro e, consequentemente, o factor feminino.

O "anticristo" e o "demónio" ganham a supremacia: Deus afirma seu poder pela revelação de sua escuridão e destrutividade. O homem é mero instrumento na realização do plano divino. Naturalmente ele não deseja sua própria destruição, mas é forçado a ela por suas próprias invenções. Ele é totalmente escravo em seu agir porque ainda não entendeu que é simples instrumento de uma vontade superior destrutiva. Poderia aprender desse paradoxo que ele – nolens volens *(querendo ou não querendo)* – está a serviço de um poder superior, e que existem poderes superiores, ainda que os negue. Uma vez que Deus está vivo em cada um de nós na forma da scintilla *(centelha)*do si-mesmo, o homem poderia perceber em si mesmo a natureza "demoníaca", isto é,

ambivalente, e dessa maneira entender que está penetrado por Deus e que Deus se encarna no homem.

Por meio da sua encarnação ulterior, Deus se torna uma tarefa apavorante para o homem que precisa encontrar agora caminhos e meios de unir os opostos divinos em si mesmo. Ele é convocado e já não pode deixar suas aflições a outro qualquer, nem mesmo a Cristo, pois foi Cristo que lhe confiou a tarefa quase impossível de sua cruz. Cristo mostrou como cada um será sacrificado conforme o seu destino, isto é, conforme o seu si-mesmo, como ele o foi.

Ele não carregou sua cruz e sofreu a crucifixão para que nós pudéssemos escapar. A conta da era cristã é apresentada a nós: vivemos num mundo dividido em dois de alto a baixo; somos confrontados com a bomba H e temos de enfrentar nossas próprias sombras. Obviamente Deus não quer que permaneçamos criancinhas esperando que um dos nossos pais faça nossa tarefa. Somos encurralados pelo poder supremo da vontade encarnadora.

Deus quer realmente ser homem, mesmo que isto o divida. Este é o caso, não importa o que dizemos. Não podemos afirmar que a bomba de hidrogénio ou o comunismo não existem no mundo. Estamos numa situação que é preparada para nós, quer reclamemos direito à sua invenção ou não. Cristo disse a seus discípulos "vós sois deuses". Esta palavra confirmou-se de maneira dolorosa. Quando Deus toma forma no homem concreto, então o homem se confronta com o problema divino. Mesmo sendo e permanecendo homem, precisa encontrar uma solução.

É a questão dos opostos que surgiu quando Deus foi declarado como sendo unicamente bom. Onde fica, pois, seu lado escuro? Cristo é o modelo da solução humana, e seu símbolo é a cruz, a união dos opostos. Este será o destino do homem, e isto ele deve saber se quiser sobreviver.

Nós somos ameaçados pelo genocídio universal, se não pudermos obter nossa salvação através de uma morte simbólica.

Para executar essa tarefa, o homem é inspirado de certa forma pelo Espírito Santo, de modo a estar propenso a identificar o Espírito Santo com o seu próprio espírito. Corre inclusive o risco de imaginar que tem uma missão messiânica, impondo a seus semelhantes doutrinas tirânicas. Faria melhor distinguindo entre seu espírito e a voz suave em seu íntimo, bem como os sonhos e as fantasias em que se manifesta o espírito divino.

Deveríamos ouvir com atenção, inteligência e crítica ("probate spiritus") *(provai os espíritos)* a voz interior porque a voz que ouvimos é o influxus divinus que, como afirmam tão bem os Atos de João, se compõe de elementos da "direita" e da "esquerda", isto é, dos opostos[33]. Eles precisam ser claramente separados entre si, de modo que apareçam seus aspetos positivose negativos. Só assim podemos assumir uma posição intermédia e encontrar um caminho do meio. Eis a tarefa reservada ao homem, e eis a razão por que o homem é tão importante para Deus, a ponto de resolver ele mesmo tornar-se homem.

Peço desculpa se me alonguei demasiado. Por favor, não pense que constatei alguma verdade. Só tentei apresentar uma hipótese que pudesse esclarecer os resultados confusos do entrechoque dos símbolos tradicionais com as experiências psicológicas. Achei melhor colocar as cartas na mesa para que o senhor tivesse um quadro preciso das minhas ideias.

Ainda que tudo isso pareça especulação teológica, é na verdade a perplexidade do homem moderno, expressando-se em forma simbólica. É o problema que encontrei várias vezes ao tratar das neuroses de pessoas inteligentes. Também é possível exprimir isto mais cientificamente numa linguagem psicológica; por exemplo, em vez de

Deus pode-se dizer também "o inconsciente"; em vez de Cristo, "o si-mesmo"; em vez de encarnação, "integração do inconsciente"; em vez de redenção ou salvação, "individuação"; em vez de crucifixão ou morte sacrifical na cruz, "conscientização das quatro funções" ou "totalidade". Creio não ser desdouro para a tradição religiosa se pudermos constatar que ela coincide bastante com a experiência psicológica. Ao contrário, parece ser uma ajuda valiosa para a compreensão das tradições religiosas.

Um mito permanece sempre um mito, mesmo que certas pessoas o considerem a revelação literal de uma verdade eterna; contudo, está fadado a morrer, quando a verdade viva que ele contém deixa de ser objeto da fé. Por isso é necessário reavivá-lo de tempos em tempos através de nova interpretação. Isto significa que se deve adaptá-lo de forma nova ao espírito mutante da época.

O que a Igreja chama de "prefigurações" refere-se à conceção primordial do mito, enquanto a doutrina cristã é uma nova interpretação e uma nova adaptação ao mundo helenizado. Uma tentativa muito interessante de uma nova interpretação começou no século XI que levou ao cisma no século XVI. A Renascença não foi um renascimento da Antiguidade, nem o protestantismo foi um retomo ao cristianismo primitivo. O protestantismo foi uma nova interpretação, inevitavelmente condicionada pela desvitalização da Igreja católica.

Hoje em dia o cristianismo está enfraquecido devido a um distanciamento do espírito da época. Há necessidade de nova união ou de novo relacionamento com a era atômica que é uma novidade única na história. O mito precisa ser narrado outra vez numa linguagem espiritual nova, pois o vinho novo não pode ser colocado em barris velhos tanto hoje quanto na época helênica. Até mesmo o judaísmo conservador teve de criar em sua gnose cabalística uma versão totalmente nova do mito. Sei da experiência prática que a compreensão psicológica reativou

prontamente as ideias cristãs essenciais e lhes deu novo alento vital. Isto é assim porque nossa visão do mundo, isto é, nosso conhecimento e compreensão científicos, coincide com o enunciado simbólico do mito, ao passo que anteriormente éramos incapazes de superar o abismo entre ciência e fé.

Voltado à sua carta (p. 2s., de 25 de setembro), devo dizer que poderia aceitar sua definição de Summum Bonum como "o que quer que Deus é, isto é bom", se ela não torcesse ou prejudicasse a nossa compreensão do bem. Quando nos inteiramos da natureza moral de um ato de Deus, devemos refrear nosso julgamento moral e seguir cegamente o ditado dessa vontade superior, ou devemos julgar à maneira dos homens e chamar o branco de branco e o preto de preto. Mesmo que às vezes obedeçamos cega e quase heroicamente a esta vontade superior, isto não é o normal na minha opinião.

O agir às cegas também não é recomendável em geral, porque espera-se de nós que procedamos com premeditação consciente e moral. É perigosamente fácil demais fugir da responsabilidade, imaginando que nossa vontade é a vontade de Deus. Podemos naturalmente ser dominados pela vontade de Deus, mas quando isto não for o caso, devemos fazer uso de nosso discernimento. Então seremos confrontados com o facto inexorável de que, humanamente falando, alguns atos de Deus são bons e outros maus, e isto de tal forma que a pressuposição de um Summum Bonum se torna quase um ato de hybris *(arrogância excessiva).*

Se Deus pode ser entendido como uma total complexio oppositorum *(integração dos opostos),* também o pode ser Cristo. Posso endossar plenamente sua concepção de Cristo, mas ela não é a tradicional e, sim, a mais moderna, que está no caminho de uma interpretação mais nova e desejável. Também concordo com sua compreensão do Tao e do antagonismo dele com Cristo que é, na

verdade, o paradigma da reconciliação dos opostos divinos no homem, causados pelo processo da individuação. Assim Cristo representa o tesouro e o "bem" supremo.

Quando a teologia faz afirmações metafísicas, a consciência do cientista não pode endossá-las. Uma vez que Cristo nunca significou mais para mim do que eu podia entender dele, e uma vez que esta compreensão coincide com meu conhecimento empírico do si-mesmo, devo admitir que penso no si-mesmo quando me ocupo com a ideia de Cristo. Além do mais, não tenho outro acesso a Cristo a não ser pelo si-mesmo, e uma vez que não conheço nada além do si-mesmo, agarro-me a este arquétipo. Digo a mim próprio: "aqui está o arquétipo vivo e palpável que foi projetado em Cristo, ou que nele se manifestou historicamente". Se este arquétipo coletivo não tivesse sido associado a Jesus, ele teria permanecido um Zaddik anónimo. Prefiro o termo "si-mesmo" porque falo tanto a hindus como a cristãos, e eu não quero dividir, mas unir.

Colocando eu as cartas na mesa, devo confessar que a toda afirmação metafísica corresponde de minha parte um certo sentimento de deslealdade – deve-se especular sim, mas não fazer qualquer afirmação. Não se pode ir além de si mesmo, e quando alguém nos assegura que pode ultrapassar a si mesmo e a seus limites naturais, vai longe demais, torna-se imodesto e inverídico.

Isto pode ser uma deformação profissional, o preconceito de uma consciência científica. A ciência é uma tentativa honesta de chegar à verdade, valendo para ela a regra de nunca afirmar mais do que pode ser demonstrado dentro de limites razoáveis e defensíveis. Com esta atitude abordo também o problema da
experiência religiosa.

Sou incapaz de imaginar algo que ultrapasse o si-mesmo, pois este – por definição – já é um conceito-limite que representa a totalidade desconhecida do homem. Não há razão para se chamar ou não chamar o além-si-mesmo de Cristo, Buda, Purusha, Tao, Chidr *(do Alcorão, representa a sabedoria divina direta)* ou Tifereth *(que significa beleza, harmonia e esplenmdor, e é uma das dez sefirot da arvore da vida).* Todos esses termos são formulações fáceis de reconhecer daquilo que eu chamo de "si-mesmo". Além do mais tenho certa aversão a um nome especial, pois meus semelhantes são tão bons e tão corretos quanto eu. Por que deveria valer menos do que o meu o nome que eles dão?

Não é fácil para um leigo obter a informação teológica desejada, porque a própria Igreja não é uniforme neste sentido. Quem representa o cristianismo autêntico? E assim o leigo, que queira quer não, está obrigado a citar como sendo cristãos pontos de vista protestantes ou católicos, porque há alguma autoridade a
lhes dar suporte. No que me diz respeito, acho que fui prudente na escolha de minhas fontes.

O senhor, como teólogo, está certamente interessado na melhor conceção ou explicação possível, ao passo que o psicólogo está interessado em toda espécie de opinião porque deseja adquirir algum conhecimento da fenomenologia psíquica, pouco se importando com a afirmação metafísica por melhor que seja, porque ela está fora do alcance humano. Os diversos credos são para ele apenas fenómenos diferentes, não lhe sendo possível decidir sobre a verdade ou validade última de qualquer afirmação metafísica. Eu não posso escolher as "melhores" ou "definitivas" opiniões porque não sei qual opinião escolher e de que Igreja. Também me é indiferente donde provém determinada opinião, pois ultrapassa de longe minha capacidade de descobrir se ela é falsa ou verdadeira.

Cometeria um engano se atribuísse, por exemplo, a Imaculada Conceição ao protestantismo ou o ponto de vista da sola fide *(somente pela fé)* ao catolicismo. Os muitos mal-entendidos que a mim se atribuem caem nesta categoria. Em todos esses casos fica patente que alguém foi descuidado em suas suposições. Mas quando atribuo ao protestantismo os enfoques cristológicos de Ritschl isto não está errado, mesmo que a Church of England não endosse as conceções do senhor Ritschl ou do senhor Barth. Espero não ser culpado inadvertidamente de uma citação falsa.

Posso ilustrar o problema através de um exemplo típico. O meu pequeno ensaio sobre a meditação oriental aborda o tratado popular Amitâyur-Dhyâna-Sûtra *(texto fundamental do Budismo da Terra Pura e refere o Sutra da Contemplação de Amitaba),* um texto mahayana relativamente tardio e não muito valioso. Um crítico ficou escandalizado com a minha escolha: não conseguia entender por que eu havia escolhido um tratado tão insignificante em vez de um texto páli clássico e autenticamente budista para expor o pensamento budista. Ele não percebeu que minha intenção não era explicar o budismo clássico, mas analisar a psicologia deste texto específico. Por que não poderia eu estudar Jacó Böhme ou Ângelo Silésio como escritores cristãos, mesmo não sendo eles representantes clássicos do catolicismo ou do protestantismo?

Mal-entendido semelhante aparece em sua opinião de que não faço justiça ao ideal da comunidade. Enquanto possível, evito ideais e atenho-me à realidade. Nunca encontrei uma comunidade em que o indivíduo nela inserido pudesse "expressar-se com inteira liberdade". Suponhamos que o indivíduo dissesse a verdade sem levar em consideração os sentimentos dos outros: ele seria não apenas o mais abominável enfant terrible, mas poderia causar também uma grande catástrofe. Exemplos edificantes podem ser encontrados nos encontros do chamado Oxford Group Movement, de Buchman. O indivíduo deve "comportar-se" sem

levar em conta a verdade, isto é, deve reprimir sua reação simplesmente por amor cristão ao próximo.

O que aconteceria se eu, após ouvir um sermão sobre os ideais, me levantasse e perguntasse ao pastor até que ponto estava ele mesmo em condições de viver segundo as suas recomendações? No meu caso particular, o simples facto de eu estar seriamente interessado na psicologia já provocou uma grande animosidade ou medo em determinados círculos. O que aconteceu na Igreja, ou seja, numa comunidade cristã, com aquelas pessoas que ousaram apresentar uma ideia nova? Nenhuma comunidade consegue fugir das leis da psicologia das massas.

Tenho uma atitude crítica em relação à comunidade, da mesma forma que desconfio do indivíduo que constrói castelos no ar e recusa medrosamente exprimir suas próprias convicções. Tenho ojeriza *(aversão)* a ideais que são pregados, mas nunca vividos, simplesmente porque é impossível vivê-los. Interesso-me mais pelo que podemos viver. Gostaria de construir uma vida humana possível, uma vida capaz de realizar a experiência de Deus, e não inventar um esquema idealista do qual sei que nunca será realizado.

Carta posterior

Agradeço por ter exposto sua opinião e por ter criticado meu modo rústico de pensar, escrever e – temo também – de falar. Este parece ser o estilo do cientista natural: nós simplesmente apresentamos nossa proposição, acreditando que ninguém a tomará por algo mais do que uma hipótese a ser discutida. Nós estamos tão cheios de dúvidas em relação às nossas suposições que aceitamos o ceticismo como algo natural. Temos, por isso, a tendência de omitir a tradicional captatio benevolentiae lectoris *(conquista da benevolência do leitor)* com expressões como estas: “com hesitação eu pondero...”, “devo

considerar como hipótese arriscada...” etc. Esquecemos até o preâmbulo: “é assim que eu vejo a coisa...”

No caso do jesuíta, foi assim que me colocou a pergunta direta: “Como pode o senhor afirmar que Cristo não foi humano?” A discussão transcorreu naturalmente no plano dogmático, porque não era possível responder a esta pergunta em outro plano. Não trata, portanto, da verdade, pois o próprio problema ultrapassa de longe a capacidade humana de julgamento. Meu livro Resposta a Jó é mera reconstrução da psicologia, facilmente discernível ao leigo interessado, nesse e em outros textos do Antigo Testamento. O leigo entende pouco da mais alta crítica moderna, que é sobretudo histórica e filológica, e que não se interessa pelas reações do leigo aos paradoxos e horrores morais do Antigo Testamento. Ele conhece sua Bíblia e escuta os sermões de seu pastor ou de seu sacerdote. Como católico teve uma educação dogmática.

Quando falo de “Jó”, não se pode esquecer que estou abordando a psicologia de uma imagem arquetípica e antropomórfica de Deus, e não uma entidade metafísica. Ao que podemos ver, o arquétipo é uma estrutura psíquica que possui até
certo ponto vida própria.

O Deus do Antigo Testamento é um guardião da lei e da moral, mas ele mesmo é injusto. É um paradoxo moral e desconcertante em seu etos. Podemos perceber Deus numa multiplicidade infinda de imagens, mas são todas antropomórficas, caso contrário não as entenderíamos. O paradoxo divino é uma fonte inesgotável de sofrimento para o ser humano. Jó não pôde deixar de ver isso e, por isso, vê mais do que o próprio Deus. Isto explica por que a imagem de Deus tem que tornar-se “carne”. O paradoxo que aparece naturalmente com muita hesitação nos detalhes do mito e no dogma católico, é claramente percetível no facto de que o “Justo Sofredor”, historicamente considerado, é uma ideia errônea.

Ele não é idêntico ao Deus sofredor, porque ele é Jesus Cristo, adorado como um Deus distinto (ele é mera prefiguração que foi incluído com muito custo numa Trindade), e não um homem comum que foi obrigado a aceitar o sofrimento de opostos intoleráveis que ele não inventou. Eles estavam predeterminados. Ele é a vítima porque é capaz de uma consciência tridimensional e de decisão moral. (Isto está um pouco condensado. Diversamente de Javé, o homem tem autorreflexão.)

Eu não sei o que Jó teria visto. Mas parece possível que tenha antecipado inconscientemente o futuro histórico, isto é, a evolução da imagem de Deus. Deus tinha que tornar-se homem. O sofrimento do homem não provém de seus pecados mas daquele que o criou com suas imperfeições, do Deus paradoxal. O justo é o instrumento em que Deus entra para conseguir a autorreflexão e, assim, a consciência e o renascimento como uma criança divina, confiado aos cuidados de pessoas adultas.

Isto não é a afirmação de uma verdade, mas a maneira psicológica de ler um texto mitológico – um modelo que foi construído para fazer a ligação psicológica de seu conteúdo. Minha intenção é mostrar o que acontece quando se aplica a moderna psicologia a semelhante texto. A crítica moderna e a filologia hebraica são desnecessárias, pois trata-se simplesmente do texto que o leigo tem diante dos olhos. A religião cristã não foi formada pela crítica moderna.

A dificuldade que tenho com meus leitores cultos é que não conseguem ver uma estrutura psíquica como uma entidade relativamente autônoma porque têm a ilusão de estar lidando com um conceito. Mas, na verdade, trata-se de uma coisa viva. Todos os arquétipos têm uma vida própria que segue um padrão biológico.

Uma Igreja, que desenvolveu uma Trindade masculina, segue o padrão 3 + 1, onde 1 é um ser feminino; e quando 3 = bom, o 1como

mulher faz a conciliação entre o bem e o mal, sendo este último o demónio e a sombra da Trindade. A mulher é então inevitavelmente a mãe-irmã do filho-Deus com o qual está unida "no tálamo", isto é, no ἱερος γάμος *(união sagrada)* o que é demonstrado na segunda Encíclica sobre a Assunção de Maria.

Uma discussão apaixonada entre o homem Jó e Deus irá levar logicamente a uma aproximação mútua: Deus será humanizado e o homem "divinizado". Assim ficará ligada a Jó a ideia da encarnação de Deus e a salvação e a apoteose do homem. Este desenvolvimento será seriamente perturbado pelo facto de a "mulher" trazer sempre e inevitavelmente consigo o problema da sombra. Por isso "mulier taceat in ecclesia" *(a mulher cale-se na Igreja).* O arquipecado que a Igreja católica persegue eternamente é a sexualidade, e o ideal procurado por excelência é a virgindade, que porá um fim definitivo à vida. Mas se a vida deve continuar, a sombra entra em cena e o pecado torna-se um sério problema porque não se pode mais entregar a sombra à condenação eterna.

Consequentemente suspeitou-se no final do primeiro milênio da era cristã que o mundo, conforme predito pelo Apocalipse, fosse criado pelo demónio. O mito impressionante e ainda hoje vivo do Santo Graal acordou para a vida com seus dois importantes personagens: Parsival e Merlin.* Ao mesmo tempo observamos um impulso extraordinário da filosofia alquimista com a sua figura central do filiu macrocosmi, um correspondente ctónico *(ligado ao mundo subterrâneo)* de Cristo.

**(NT: O mito descreve Parsifal não como herói mas como ingénuo, puro, não por virtude mas por não estar ainda corrompido, e encarna a redenção sem violência mas pelo carregar do sofrimento alheio. Não é mito sobre o Cristianismo mas praticamente um mito substituto, na medida em que não pede fé, mas experiência interior; não manda crer mas sentir.*

Insere-se na sequência que compreende o Tannhauser, que refere a alma dividida, e O Anel, o mundo corrompido, e aborda a possibilidade de cura.

Já Merlin objetiva o mago sábio; enquanto Artur encarna o poder legítimo, Merlin encarna o conhecimento que sabe que o poder pode falhar. Ele sabe, e, no entanto, age como se o fracasso fosse necessário. Mas o mito do Graal, que engloba Parsifal, sucede mais tarde como correção espiritual do poder Arturiano e toca no aspeto da cura, como necessária e não da ordem.)

Seguiu-se a isso o grande e aparentemente insanável cisma da Igreja católica e – last but not least *(por último mas não menos importante)* – o cisma maior e mais terrível ainda do mundo, por volta do final do segundo milénio.

Uma interpretação psicológica das imagens arquetípicas predominantes revela uma série contínua de transformações psicológicas onde aparece a vida autônoma dos arquétipos – atrás dos bastidores da consciência. Esta hipótese foi trabalhada para explicar e tornar compreensível nossa história religiosa. O tratamento de doenças psicológicas e a incapacidade de meus pacientes de entender interpretações e conceitos teológicos levaram-me a isso. As necessidades da psicoterapia provaram-me a enorme importância de uma atitude religiosa que não pode ser alcançada sem uma compreensão abrangente da tradição religiosa, assim como não é possível entender ou curar os sofrimentos de um indivíduo sem um conhecimento bem fundamentado de sua biografia.

Eu apliquei à imagem de Deus o que aprendi da reconstrução de muitos destinos humanos através do conhecimento do inconsciente. Tudo isso é empírico e pode não ter nada a ver com a teologia, se ela insiste nisso. Mas se a teologia chegar à conclusão de que sua doutrina tem algo a ver com a psique humana experimental, então faço algumas reivindicações. Penso que nesse caso minha opinião deve ser ouvida. Ela

não pode ser julgada no plano das afirmações metafísicas. Pode ser criticada somente no seu próprio plano psicológico, independentemente do facto de ser uma explicação psicológica satisfatória dos factos ou não. Os "factos" são as manifestações históricas comprováveis do arquétipo, não importa quão "errôneas" possam ser.

Expus meu ponto de vista cruamente (e peço perdão por isso) para dar-lhe uma chance leal de conhecê-lo do modo mais claro possível. O final de sua carta, onde o senhor trata de Cristo, deixou uma dúvida em mim. Parece que o senhor tenta explicar o homem Jesus empírico, ao passo que eu tenho em mente o arquétipo do Anthropos e sua interpretação bem geral como fenómeno coletivo, em vez da melhor interpretação possível de uma pessoa individual e histórica.

A cristandade como um todo está menos interessada no homem Jesus histórico e em sua biografia algo duvidosa do que na figura mitológica do Anthropos ou Filho de Deus. Seria bastante arriscado tentar analisar o Jesus histórico como pessoa humana. "Cristo" aparece num pano de fundo bem mais confiável (porque mitológico) que convida a um exame psicológico. Além disso não é o rabi judeu e reformador Jesus que se encontra em cada um de nós que nos dá a convicção, mas o Cristo arquetípico, como arquétipo do salvador.

O meu ponto de partida não é teológico e não pode ser tratado como um teologúmeno *(formulação teológica aceite).* É essencialmente uma tentativa psicológica que se baseia na imagem de Deus arquetípica e amoral, que não é um conceito mas antes uma experiência irracional e fenomenal, ou seja, uma imagem primordial. Mas enquanto os teólogos se ocupam também da psicologia da pessoa adulta (talvez não tanto quanto a psicologia clínica), estou convencido de que seria vantagem para ela familiarizar-se com os aspetos psicológicos da religião cristã. Não escondo o facto de que o modo de pensar teológico é muito difícil para mim, donde concluo que o modo de pensar psicológico também

seja uma tarefa árdua para o teólogo. Isto pode explicar a razão de eu inundá-lo com uma carta tão longa.

Quando vejo que a China (e logo também a Índia) vai perdendo aos poucos sua cultura antiga sob o impacto do racionalismo materialista, receio que o Ocidente cristão vá sucumbir à mesma doença, simplesmente porque a linguagem simbólica antiga não mais será compreendida e porque as pessoas já não conseguem ver onde e como usá-la. Nos países católicos todo aquele que se afasta da Igreja torna-se um ateu declarado. Nos países protestantes, pequeno número cria alguma seita, e os outros abandonam as igrejas por causa de seus sermões cruelmente enfadonhos e vazios. Agora alguns começam a acreditar no Estado – mal sabendo que eles mesmos são o Estado. Uma recente programação da BBC mostrou um exemplo típico da atitude do leigo culto diante da religião. Que bela "compreensão"! Parece-me que tudo isso se deve à falta de um ponto de vista psicológico.

Lamento ser claramente uma petra scandali *(pedra de tropeço).* Não quero ofender ninguém. Perdoe-me a franqueza. Sou-lhe profundamente grato por ter-me dado sua atenção.

Atenciosamente
C.G. Jung